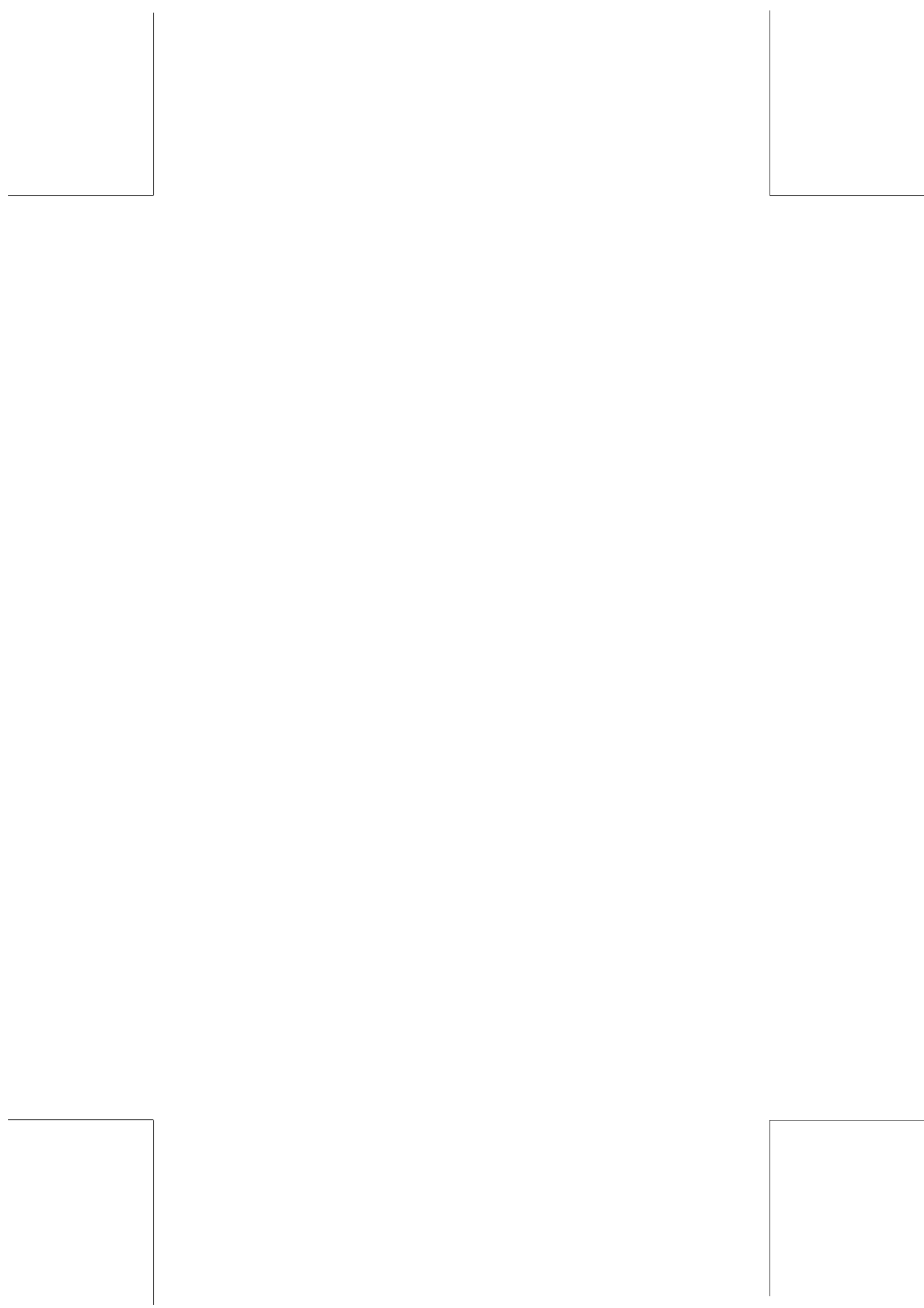


A

B

C

do Espiritismo



A

B

C

do Espiritismo

Victor Ribas Carneiro

Edição

Federação Espírita do Paraná

C.G.C.76.544.741/0001-03 - I.E. Isento

Alameda Cabral, 300

80.410-210 - Centro

Curitiba - Paraná

1996

5.ª edição
10.º ao 15.º milheiro

© Copyright 1996 by
Federação Espírita do Paraná
Alameda Cabral, 300
80.410-210 - Curitiba - PR - Brasil

Capa de Stella Maris I. Martins
Copidesque: Antônio Moris Cury
Revisão: Antônio Moris Cury
Diagramação: Eliane Gonçalves Olivieri
Impresso no Brasil
Presita em Brazilo

Catálogo-na-fonte
Biblioteca Pública do Paraná

Cameiro, Victor Ribas, 1915-

ABC do Espiritismo/Victor Ribas Cameiro.- Curitiba
: Federação Espírita do Paraná, 1996.

223 p.

ISBN: 85-7365-001-X

1. Espiritismo. I. Título.

CDD(19.ª ed.)

133.9

Federação Espírita do Paraná

Alameda Cabral, 300

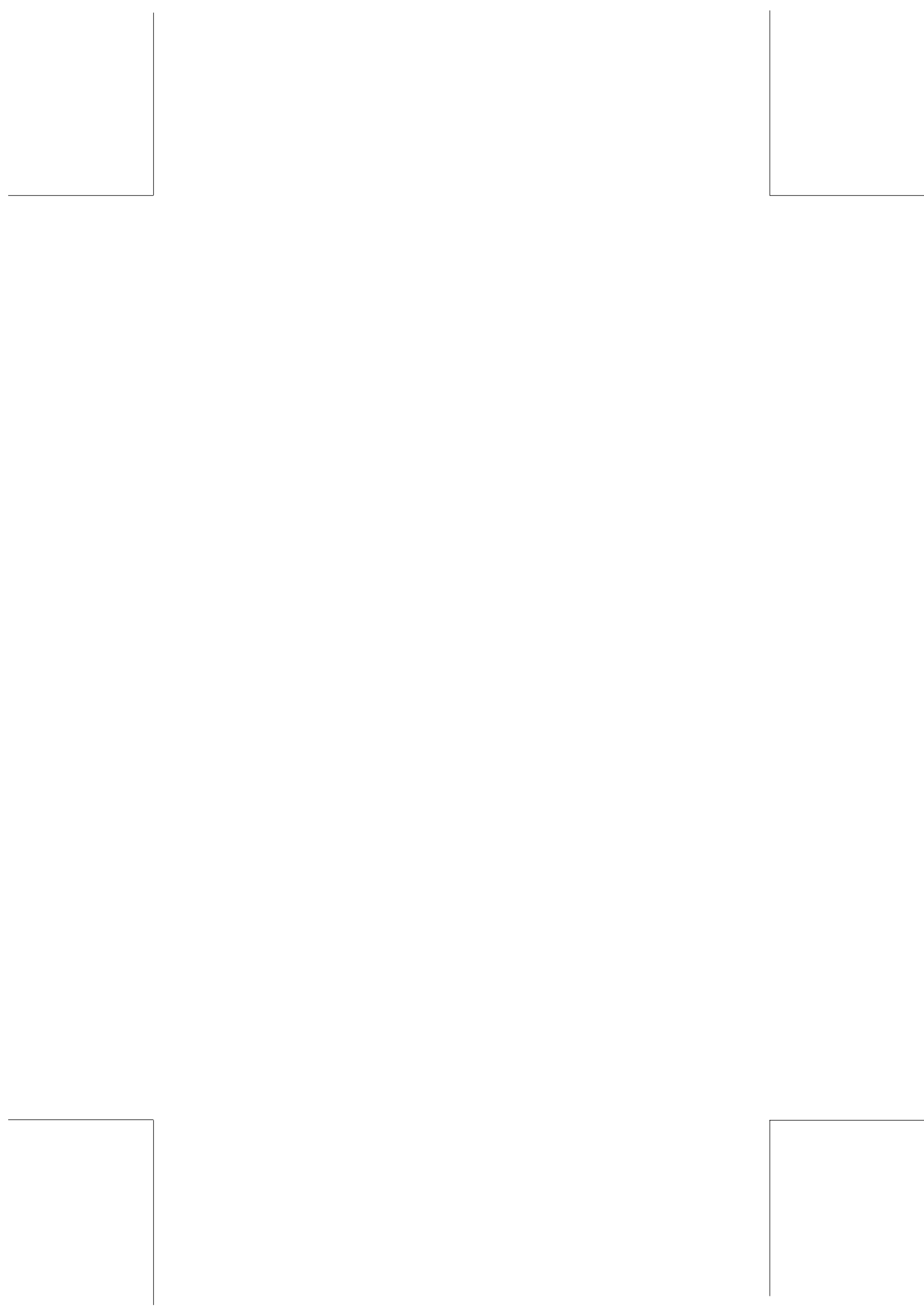
80.410-210 - Centro

Curitiba - Paraná

1996

As

os abnegados Instrutores do plano espiritual, que me inspiraram para a realização deste modesto trabalho que se destina, principalmente, aos principiantes espíritas, dedico esta página, em sinal de humilde homenagem.



Índice

Apresentação	13
PRIMEIRA PARTE	17
Capítulo 1 - Da Diferença entre espiritismo e espiritualismo	19
Capítulo 2 - Doutrinas espiritualistas	21
1 - Os Vedás	22
2 - Krishna	23
3 - Buda	24
4 - Sócrates e Platão	25
Capítulo 3 - Fenômenos mediúnicos dentro da Bíblia .	31
1 - Voz direta	31
2 - Materialização	31
3 - Pneumatografia ou escrita direta	32
4 - Transporte	32
5 - Levitação	32
6 - Transe	32
7 - Mediunidade auditiva	33
8 - Mediunidade curadora	33
9 - Outras formas de mediunidade	34
Capítulo 4 - As irmãs Fox e os fenômenos de Hydesville	35
Capítulo 5 - Alan Kardec e sua obra	39
Capítulo 6 - Flammarion, Denis e Delanne fiéis continuadores da obra de Kardec	43

Capítulo 7 - Síntese de "O Livro dos Espíritos"	51
Parte Primeira - Das Causas Primárias	51
Capítulo I - De Deus	51
Capítulo II - Dos Elementos Gerais do Universo	53
Capítulo III - Da Criação	54
Capítulo IV - Do Princípio Vital	56
Parte Segunda - Do Mundo dos Espíritos	58
Capítulo I - Dos Espíritos	58
Capítulo II - Da encarnação dos Espíritos	61
Capítulo III - Da volta do espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual	63
Capítulo IV - Da pluralidade das existências	64
Capítulo V - Considerações sobre a pluralidade das existências	71
Capítulo VI - Da vida espírita	74
Capítulo VII - Da volta do espírito à vida corporal	88
Capítulo VIII - Da emancipação da alma	93
Capítulo IX - Da intervenção dos espíritos no mundo corporal	97
Capítulo X - Das ocupações e missões dos espíritos	103
Capítulo XI - Dos três reinos	105
Parte Terceira - Das leis morais	108
Capítulo I - Da lei divina ou natural	108
Capítulo II - Da lei de abraço	111
Capítulo III - Da lei do trabalho	114
Capítulo IV - Da lei de reprodução	115
Capítulo V - Da lei de conservação	117
Capítulo VI - Da lei de destruição	120
Capítulo VII - Da lei de sociedade	123
Capítulo VIII - Da lei do progresso	124
Capítulo IX - Da lei da igualdade	127

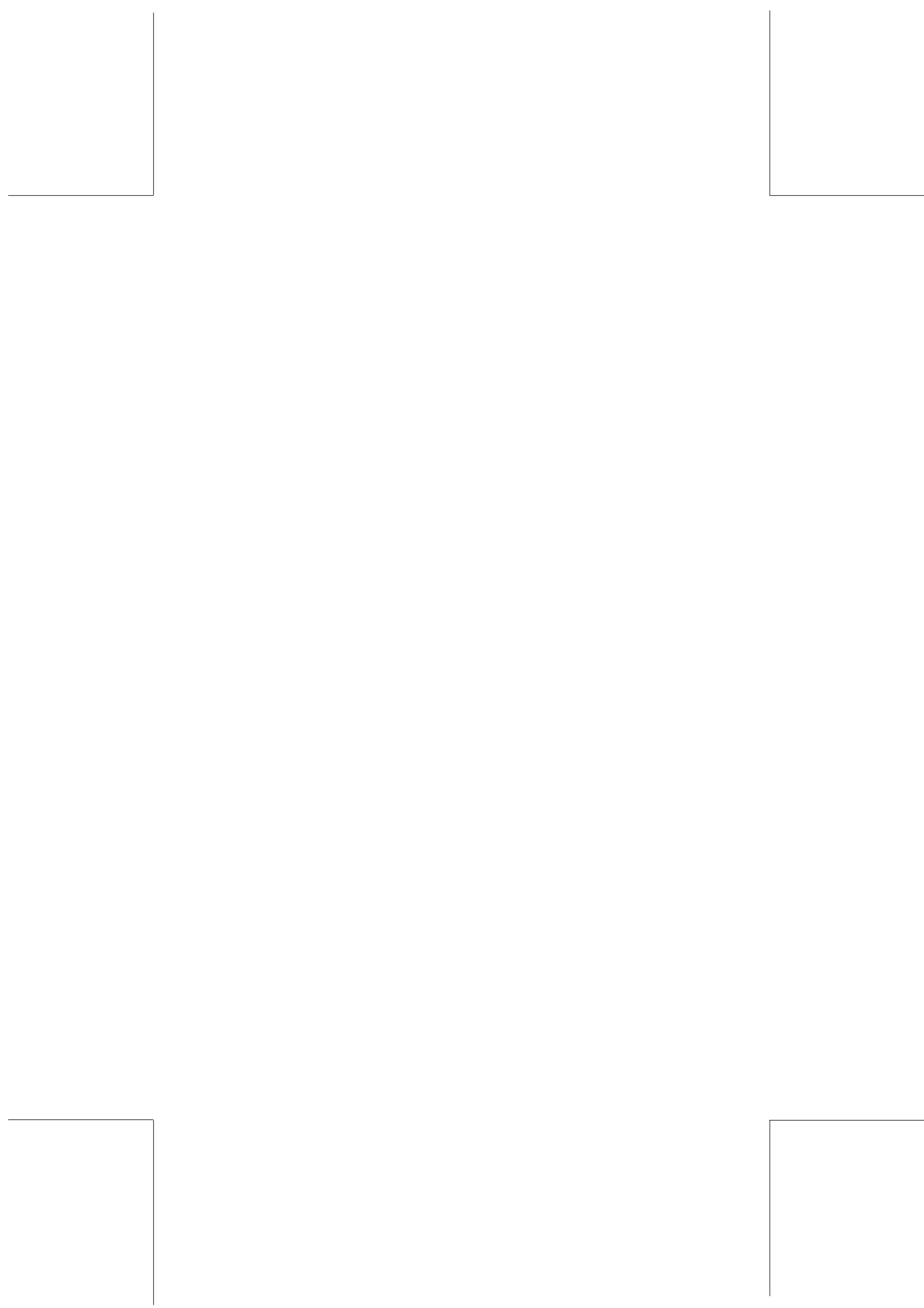
Capítulo X - Da lei de liberdade	130
Capítulo XI - Da lei de justiça, de amor e de caridade	135
Capítulo XII - Da perfeição moral	137
Parte Quarta - Das esperanças e consolações	141
Capítulo I - Das penas e gozos terrestres	141
Capítulo II - Das penas e gozos futuros	145
Conclusão	151
PARTE FINAL	157
Capítulo 1 - Alguns médiuns famosos do passado	159
1 - Emmanuel Swedenborg	159
2 - Andrew Jackson Davis	162
3 - Daniel Dunglas Home	163
4 - Eusápia Paladino	165
5 - Madame d'Esperance	168
6 - William Stainton Moses	171
7 - William Eglinton	173
8 - Charles Foster	175
9 - Henry Slade	176
10 - Os irmãos Davenport	178
11 - José Pedro de Freitas (Arigó)	179
Capítulo 2 - Opiniões de cientistas e escritores europeus e americanos	185
1 - Gabriel Delanne	185
2 - Camille Flammarion	186
3 - Léon Denis	186
4 - William Crookes	187
5 - Gustavo Geley	187
6 - Charles Richet	188
7 - Eugène Osty	189
8 - Paul Gibier	189
9 - Eugène Auguste Albert De Rochas	190
10 - Barão De Goldenstubbé	190

11 - Barão Carl Du Prel	191
12 - Frederico Zöllner	191
13 - Dr. Ochorowicz	191
14 - Luiz Jacolliot	192
15 - Alexandre Aksakof	192
16 - Ernesto Bozzano	193
17 - Alfred Russel Wallace	193
18 - Sir Oliver Lodge	194
19 - Cesar Lombroso	195
20 - Cromwell Fleetwood Varley	196
21 - William Fletcher Barret	196
22 - Thomaz Edison	196
23 - Benjamin Franklin	197
24 - Enrico Morselli	197
25 - Robert Dale Owen	197
26 - James Hervey Hyslop	198
27 - Frederic Myers	198
28 - Robert Hare	198
29 - Prof. Mapes	198
30 - P. Barkas	199
31 - Georges Sexton	199
32 - William James	199
33 - Augusto De Morgan	200

Capítulo 3 - Alguns vultos espíritas do Brasil	201
1 - Adolfo Bezerra de Menezes	202
2 - Eurípedes Barsanulfo	202
3 - Cairbar Schutel	203
4 - Inácio Bittencourt	204
5 - Bittencourt Sampaio	204
6 - Leopoldo Cime	205
7 - Manuel Vianna de Carvalho	206
8 - José Petitinga	206
9 - Gustavo Adolfo do Amaral Ornelas	207
10 - Antônio Gonçalves Da Silva Batuíra	207

11 - Francisco R. Ewerton Quadros	208
12 - Antônio Luiz Sayão	209
13 - Francisco de Menezes Dias da Cruz	209
14 - Sebastião Paraná	210
15 - Carlos Imbassahy	211
16 - Arthur Lins de Vasconcellos Lopes	212
17 - Álvaro Holzmann	213
18 - Luís Olímpio Teles de Menezes . . .	215
19 - J. Herculano Pires	216
20 - Deolindo Amorim	218
21 - Lauro Schleder	219
22 - Ruy Holzmann	219

Pequeno Vocabulário Usado no Espiritismo	221
--	-----



ABC *apresentação*

O motivo que nos levou a escrever a presente obra foi o de sentirmos a necessidade de enfeixar, em um só volume, de modo sintético, parte da matéria indispensável aos conhecimentos preliminares da Doutrina Espírita.

Procuramos fazer a síntese de cada assunto tratado, tendo em vista facilitar seu estudo, de modo que qualquer pessoa, mesmo não possuindo letras primárias, mas sabendo ler, convenientemente, possa compreender o fundamento do Espiritismo.

Sabemos que nosso despretensioso trabalho não preencherá, a contento, as necessidades gerais no tocante ao complexo campo de saber espírita, mas, de qualquer forma, tentamos, embora em parte, a solução desse importante problema. Assim pensando, achamos conveniente falar, inicialmente, sobre algumas das doutrinas espiritualistas da antigüidade, tendo em vista sua semelhança, em muitos pontos, com o Espiritismo. Falamos, também, sobre os fenômenos mediúnicos dentro da Bíblia, para mostrar que, desde a mais remota antigüidade, já se estabelecia a comunicação entre os vivos e os chamados *mortos*. Depois, inserimos ligeiros dados biográficos sobre alguns médiuns famosos do

passado, bem como a opinião de diversos sábios e cientistas, que realizaram precioso trabalho no campo experimental da Doutrina.

O esforço realizado por esses grandes vultos da ciência é de inestimável valia, uma vez que provaram, através da pesquisa séria e honesta, a sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico.

Por outro lado, queremos acentuar aos leitores que somos constantemente consultados por pessoas desejosas de conhecer o Espiritismo, sobretudo perguntando qual obra devem ler em primeiro lugar. Costumamos recomendar a leitura das obras básicas de Kardec, aliadas a alguns romances de Emmanuel, como Paulo e Estêvão, por exemplo. Há outros que indicam logo as obras de André Luiz. De qualquer forma, todos procuramos encaminhar o neófito ansioso por aprender alguma coisa sobre a Doutrina dos Espíritos. Todavia, não esqueçamos de que nem todos se encontram em condições de compreender, com facilidade, os ensinamentos contidos nessas obras, uma vez que os mesmos vêm de encontro aos mais variados preconceitos religiosos, não só do passado como também do presente.

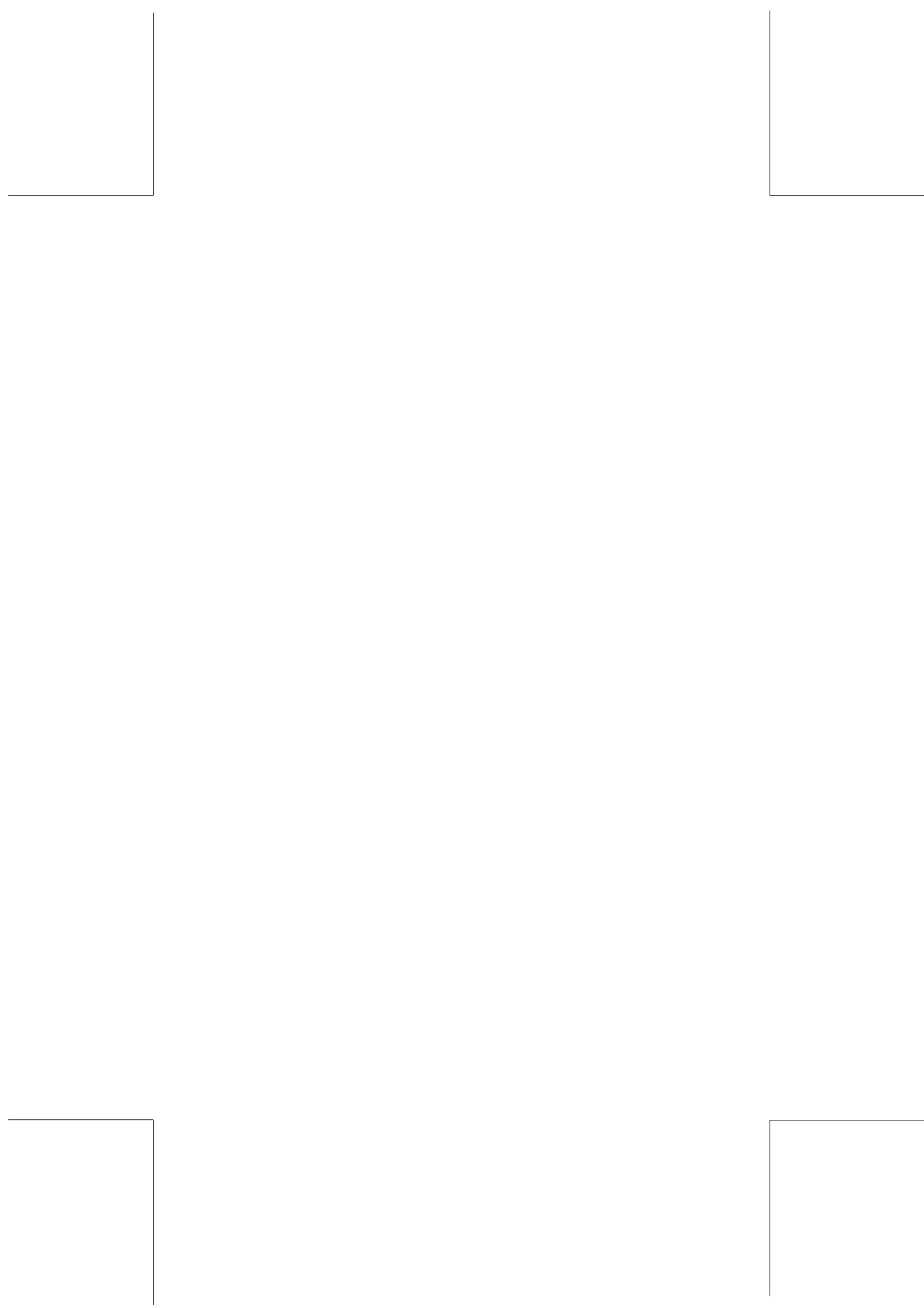
É preciso, para maior clareza, se faça um estudo metodizado, pois devemos nos comparar ao jovem estudante que, antes de ingressar num curso superior, prepara-se devidamente, a fim de poder assimilar os ensinamentos que irá receber nas faculdades correspondentes.

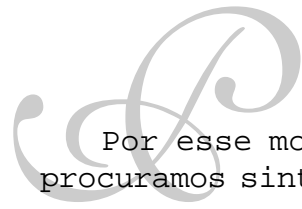
Com o principiante espírita geralmente

ocorre o mesmo fenômeno: a falta de preparo prévio para apreender a sublimidade dos ensinamentos que nos são trazidos pelos Espíritos Superiores, pode gerar confusão. E não é de se estranhar que isso aconteça, pois, ao recebermos muita luz, quase sempre nossos olhos se ofuscam. Daí porque aconselhamos a leitura de obras que facilitem ao iniciante compreender, desde logo, o que é o Espiritismo face às demais doutrinas espiritualistas, bem como suas bases.

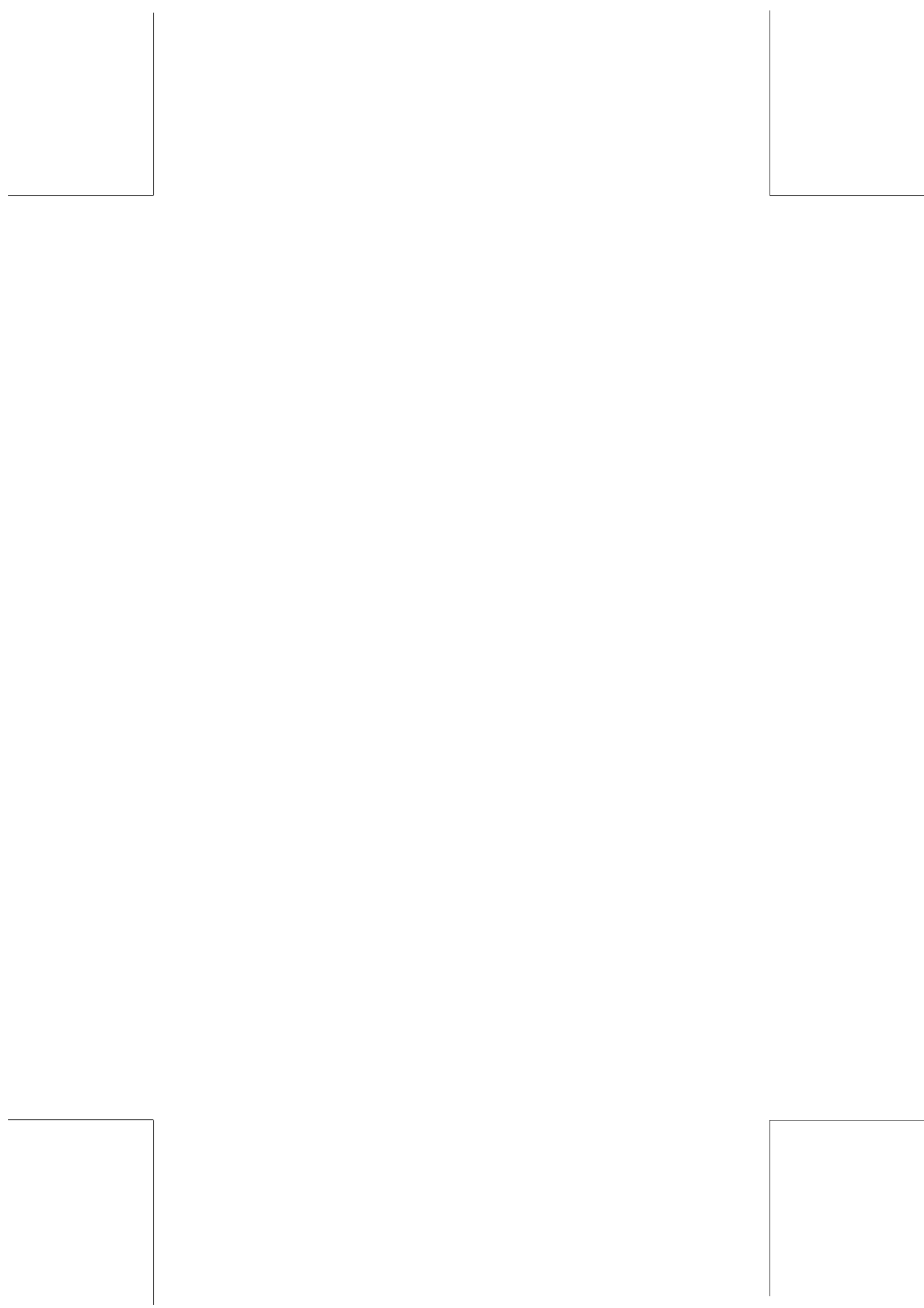
Objetivando, então, dar aos leitores conhecimentos preliminares sobre o Espiritismo, é que abordamos vários assuntos considerados indispensáveis à formação de uma cultura doutrinária, que, embora generalizada, sirva de base para estudos mais aprofundados.

Não é livro de exibição cultural, mas para atender necessidades da vida prática observadas em nossas andanças difundindo a Doutrina dos Espíritos.





Por esse motivo, como dissemos, é que procuramos sintetizar a matéria contida na



primeira obra de Kardec, ou seja, "*O Livro dos Espíritos*"; que falamos sobre um pouco do muito que realizaram os sábios e cientistas, através da pesquisa dos fenômenos produzidos pelos médiuns seus contemporâneos, e que, finalmente, trouxemos, também nestas páginas, notícia daqueles que foram baluartes do Espiritismo, principalmente no Brasil, neste Brasil que, com muita propriedade, foi cognominado pelo Espírito de Humberto de Campos, de "*Coração do Mundo e Pátria do Evangelho*".

Esses foram os propósitos que nos levaram a escrever o presente livro. Esperamos, agora, seja útil a quantos perlustrarem suas páginas, assimilando seu conteúdo e, sobretudo, pondo-o em prática.

Por outro lado, estimaríamos que a crítica se pronunciasse: com ela, ou prosseguiremos com novas edições, naturalmente melhoradas, ou ficaremos apenas na primeira edição, se nossos propósitos não forem atingidos.

Muito obrigado.

Curitiba, agosto de 1972.

O Autor.

primeira parte

apítulo

DA DIFERENÇA ENTRE ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

É muito comum afirmar-se que ser **espiritualista** é a mesma coisa que ser **espírita** ou **espiritista**. Aqueles que assim pensam dão prova de que desconhecem os fundamentos da Doutrina Espírita. Há outros que, ao serem interrogados sobre a religião a que pertencem, embora sejam espíritas militantes, vacilam e dão esta resposta: **Sou espiritualista.**

De duas uma: ou respondem assim porque desconhecem a diferença que há entre a Doutrina Espírita e as doutrinas espiritualistas, ou porque temem confessar a qualidade de espírita convicto. Acham que, afirmando serem **espiritualistas**, eximem-se de quaisquer responsabilidades, no tocante à religião, diante da sociedade a que pertencem. É a isto que se chama "*covardia moral*".

É preciso que se saiba que "todo espírita é necessariamente **espiritualista**, mas nem todos os espiritualistas são **espíritas**".

Embora seja a Doutrina Espírita uma doutrina espiritualista, por excelência, é necessário fazer-se distinção das demais correntes espiritualistas.

Para exemplo, tomemos a Umbanda, seita muito divulgada no Brasil.

Será a Umbanda doutrina espiritualista?

Sim, é doutrina espiritualista, porquanto estabelece a comunicação entre os vivos e os chamados mortos, admitindo, conseqüentemente, a **sobrevivência** do Espírito após a morte do corpo físico; admite sua evolução através das vidas sucessivas e crê no resgate, pela dor, das faltas cometidas em existências anteriores.

Por essas características, não há dúvida alguma tratar-se a Umbanda de uma doutrina essencialmente espiritualista. Mas, por outro lado, será ela Doutrina Espírita ou Espiritismo?

Não. A Umbanda não pode ser considerada Doutrina Espírita porque admite cerimônias litúrgicas, entre elas a do casamento e a do batizado; é **litólatra**, porque adota nos seus trabalhos imagens dos chamados "santos" (a palavra litólatra vem de litolatria, que é a adoração das pedras), e é também

fitólatra, porque faz uso de ervas para defumações, além de outros ritos (a palavra fitólatra vem do grego **phyton** "planta"; o segundo elemento, latra, provém do verbo grego **latrein** "adorar"). Mas o Espiritismo não tem ritos de espécie alguma.

Como se vê, por estas observações ficou demonstrada a diferença existente entre a Doutrina Espírita e uma das doutrinas espiritualistas, que é a Umbanda, doutrina esta que tem, face aos seus dogmas e ritos, bastante afinidade com o Catolicismo, também considerado espiritualista, porque admite a existência de Deus e de entidades espirituais que sobrevivem após a desencarnação.

apítulo

DOCTRINAS ESPIRITUALISTAS

Falar sobre todas as doutrinas espiritualistas existentes no mundo é tarefa difícil, pois seu número é bastante elevado, o que exigiria muito espaço e tempo.

Como nosso trabalho limita-se apenas a apresentar alguns ensinamentos principais, mas resumidos, objetivando, dessa forma, facilitar mais àqueles que não dispõem de tempo e nem mesmo de muitas obras de consulta, é que resolvemos abordar um pouco de cada assunto que, sobremaneira, interessa aos

que desejam formar cultura generalizada no campo espiritual.

Assim, considerando que as doutrinas espiritualistas, notadamente as da antigüidade, vêm trazer apreciável subsídio para o leitor no que diz respeito aos seus conhecimentos espirituais, é que achamos conveniente citar algumas dessas doutrinas, que serviram para o desenvolvimento dos chamados "*iniciados*" de antanho.

Quando falamos em iniciados, lembramos logo de Moisés - o salvo das águas do rio Nilo - segundo narrativa bíblica.

Moisés fora educado na corte dos Faraós, tornando-se um grande iniciado daquela época. Seus livros, que constituem o chamado Pentateuco, deixam transparecer, claramente, que ele era dotado de grandes conhecimentos das ciências secretas, daquele tempo.

Ao que estamos informados, muitas eram as fontes de consulta de então, as quais teriam servido para aprimorar seu conhecimento no terreno da filosofia espiritualista, tornando-se, dessa forma, um dos grandes iniciados da época.

1 - Os VEDAS

Não podemos precisar a data em que foram escritas estas obras, mas **Souryo Shiddanto** (em sânscrito "*tratado do deus do sol*"), obra de astronomia, cuja composição remonta, em sua parte mais antiga, ao século IV a.C., já nos fala dos Vedas.

Estas obras constituem a Bíblia da Índia e nelas encontramos preciosos ensinamentos espiritualistas, como a comunicabilidade dos espíritos, a reencarnação, a pluralidade dos mundos, além de sábios conselhos, muitos deles semelhantes aos que nos foram legados pelo Cristo.

Quanto à comunicabilidade dos espíritos, lemos nos Vedas que, no sacrifício do fogo, muito usado na antigüidade, compareciam os Espíritos denominados **Assouras**, que no panteão indiano constituem divindades do mal, e os Pitris, que eram almas dos antepassados, e dele tomavam parte.

Como se vê, desde as mais remotas eras já se estabelecia a comunicação entre os dois mundos, dando prova, assim, da sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico.

Devemos citar, ainda, para maiores esclarecimentos, que os Vedas encerram preciosos ensinamentos no campo do amor e do perdão. O que se segue é um exemplo de sua sublimidade:

"Sê, para o teu inimigo, o que é a terra que devolve farta colheita ao lavrador que lhe rasga o seio. Sê, para aquele que te aflige, o que é o sândalo da floresta que perfuma o machado do lenhador que o corta."

Os ensinamentos da pluralidade das existências, ou seja, da reencarnação da alma, eram conservados na tradição oral dos cânticos védicos; foram divulgados somente após a compilação dos Vedas pelo sábio brâmane,

Vyasa, cerca de 14 séculos a.C., e fixados definitivamente entre os séculos XII e XI, quando a escrita foi introduzida na Índia pela influência dos fenícios.

2 - KRISHNA

Continuando nosso estudo em torno de algumas doutrinas espiritualistas da antigüidade, devemos lembrar o grande pensador brâmane, Krishna, que foi o inspirador das crenças dos indus. Através de sua doutrina, verificamos que a imortalidade da alma, as vidas sucessivas, a lei de causa e efeito, faziam parte dos seus ensinamentos.

A doutrina de Krishna se contém inteirinha no **Bhagavad-Gita**, que é um dos hinos do Mahabhárata e, por sinal, a mais bela e profunda mensagem de filosofia que nos legou a antigüidade.

"O corpo - dizia ele - envoltório da alma que aí faz sua morada, é uma coisa finita; porém a alma que o habita é imortal, imponderável e eterna".

Esses ensinamentos nos mostram a imortalidade da alma como princípio básico, e que a vida do corpo é transitória.

"Todo renascimento, feliz ou desgraçado, é uma conseqüência das obras praticadas em vidas anteriores."

Aí está patente a lei de causa e efeito. Colhemos o fruto oriundo da semente que lançamos.

Com referência à reencarnação, dizia ele:

"Tanto eu como vós temos tido vários nascimentos. Os meus, só de mim são conhecidos, porém vós nem mesmo os vossos conheceis."

Ao que parece, Krishna, em decorrência de sua evolução, lembrava-se das encarnações pretéritas.

Ainda, sobre reencarnação, devemos citar mais este ensinamento:

"Como a gente tira do corpo as roupas usadas e as substitui por outras novas e melhores, assim, também, o habitante do corpo (Espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em outra nova e recém-preparada para ele."

Sobre a moral, pregava Krishna:

"Os males com que afligimos o próximo nos perseguem, assim como a sombra segue o corpo."

"As obras inspiradas pelo amor dos nossos semelhantes são as que mais pesarão na balança celeste."

"O homem virtuoso é semelhante a uma árvore gigantesca, cuja sombra benéfica permite frescura e vida às plantas que a cercam".

"Se convives com os bons, teus exemplos serão inúteis; não temas habitar entre os maus para os reconduzir ao bem."

São ensinamentos que muito se assemelham aos de Jesus, porquanto fora Krishna um de seus enviados.

3 - BUDA

Outro missionário que veio ao mundo para trazer ensinamentos de amor e de perdão foi Buda, cujo nome verdadeiro era Gautama Sáquia Muni (Gautama é o nome étnico e designa o clã a que pertencia Buda. Quanto a Sáquia Muni designa "o santo oriundo dos Sáquias" - família de guerreiros).

Buda viveu cerca de 600 anos a.C. Renunciou às grandezas, à vida faustosa para isolar-se nas florestas, às margens dos grandes rios asiáticos, em profunda meditação e estudo, durante sete anos, reaparecendo, depois, para pregar a necessidade de se praticar o bem, porque "o bem - dizia ele - é o fim supremo da natureza."

Sobre reencarnação disse:

"O que é que julgais, ó discípulos, seja maior: a água do vasto oceano, ou as lágrimas que vertestes, quando, na longa jornada, errastes ao acaso, de renascimento em renascimento, unidos àquilo que odiastes, separados daquilo que amastes? Uma vida curta, uma vida longa, um estado mórbido, uma boa saúde, o poder, a fraqueza, a fortuna, a pobreza, a ciência, a ignorância... tudo isso depende de atos cometidos em anteriores existências."

"As almas não penetram no 'mundo das

formas' senão para trabalhar no complemento da sua obra de aperfeiçoamento e elevação. Podem realizar isso pelos Upanichades e completá-lo pelo Purana ou amor."

(Os Upanishades são tratados de mística hindu, que se reportam aos Vedas, especialmente ao Yadjur-Veda).

"A ciência e o amor são dois fatores essenciais do Universo. Enquanto não os adquirir, o ser está condenado a prosseguir na série de reencarnações terrestres."

Sobre os males decorrentes da ignorância, devemos citar este outro ensino, que está sempre atualizado:

"A ignorância é o mal soberano de que decorrem o sofrimento e a miséria humana. O conhecimento é o principal meio para se adquirir a elevação da vida material e espiritual."

É interessante notar haver Buda colocado o conhecimento como base da elevação espiritual, o que atesta a importância dada, já naquela época, ao estudo das ciências da alma e, conseqüentemente, do princípio das coisas, para a realização desse desiderato.

Podíamos falar ainda mais sobre este grande missionário, mas, dada a exigüidade de espaço, limitamo-nos, apenas, a estas citações, concluindo com a afirmativa de que a doutrina de Buda é toda de amor e caridade, oferecendo, assim, profunda analogia com os ensinamentos legados por Jesus.

Devemos lembrar, também, de três outras figuras importantes no mundo Oriental, que foram Lao-Tseu, Mêncio e Confúcio.

O primeiro, apresenta o Livro da Razão Suprema, estabelecendo elevados princípios morais; o segundo, em seu Tratado de Moral, concita os homens à boa conduta, e, o terceiro, trouxe a grande máxima: - *"Não façais aos outros o que não quereis que eles vos façam."*

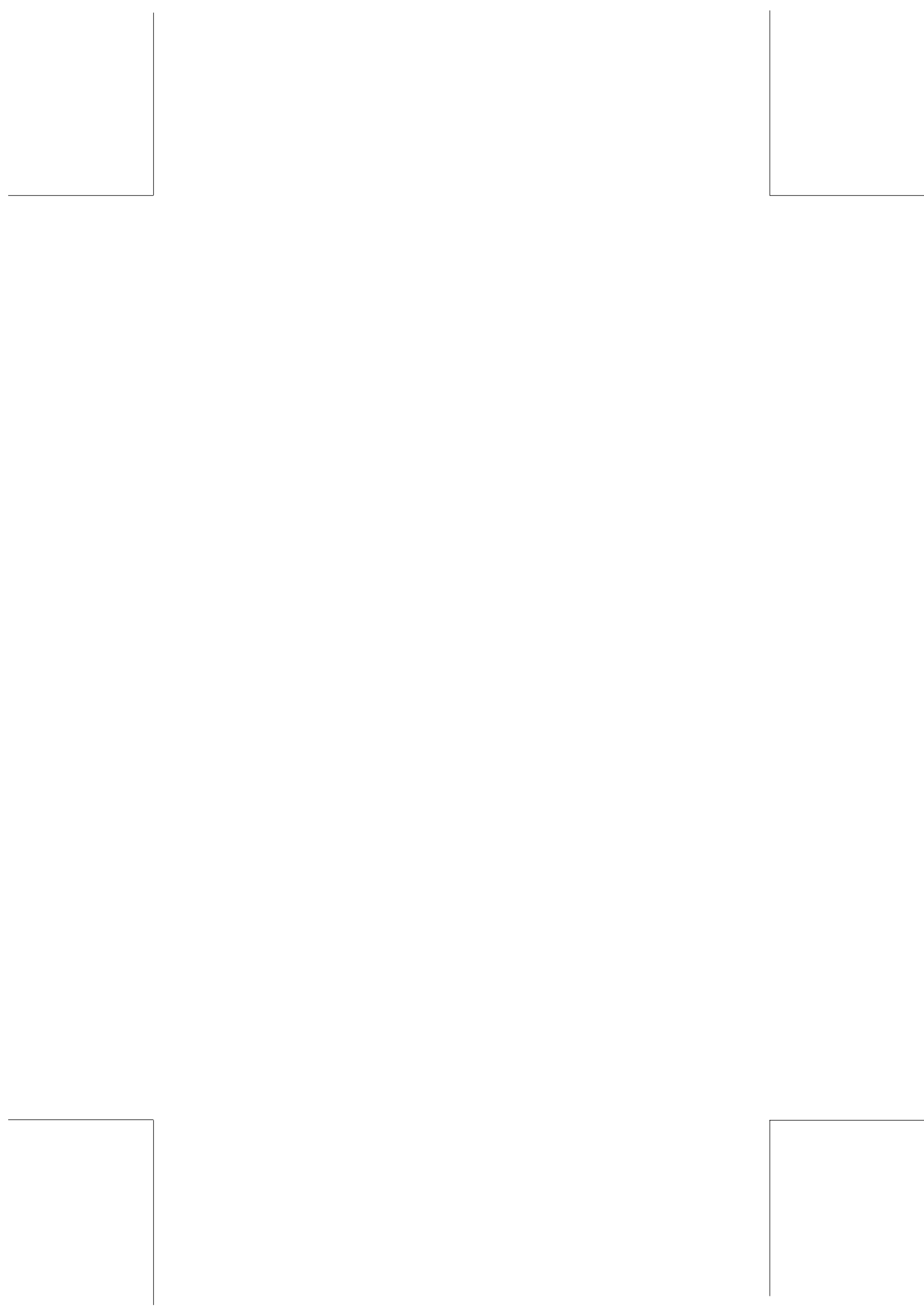
4 - SÓCRATES E PLATÃO

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu. O que sabemos, hoje, a respeito de sua doutrina, foi escrito por Platão, seu discípulo. Morreu condenado a tomar cicuta, por haver atacado as crenças da época e colocado a virtude acima da hipocrisia. Combateu, de corpo e alma, os preconceitos religiosos como o fez Jesus, a quem os fariseus também acusaram de corromper o povo.

Como nosso objetivo principal é trazer, através destas páginas, um pouco de conhecimento, não só do Espiritismo, mas também de mais algumas doutrinas espiritualistas, que nos foram legadas por aqueles que antecederam o Cristo, não podemos deixar de inserir, aqui, alguns tópicos da doutrina de Sócrates e Platão, que servirão para mostrar a grande semelhança com os ensinamentos que nos dão os Espíritos.

Vejamos:

"O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais, às idéias do ver-



...dadeiro, do bem e do belo; separa-se deles encarnando, e, recordando seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele."

Aqui vemos a distinção entre o espírito e a matéria, o que nos mostra o princípio da preexistência da alma antes de reencarnar, guardando intuição do mundo espiritual. Está, desta forma, bem expressa a reencarnação.

E, continuando, vamos citar vários outros trechos desta doutrina, que servem para aclarar nosso espírito na compreensão de que há um grande paralelo entre ela, a do Cristo e o Espiritismo, embora seja esta mais completa, mas, de qualquer forma, Sócrates e Platão, no dizer de Kardec, presentiram a idéia cristã através de seus escritos.

"A alma - diziam eles - se transvia e perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam, então, os seus

transviamentos, pois está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama sabedoria."

"Após a morte, o gênio (daimon, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos."

"Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em contato e se entretêm com eles, quer durante a vigília, quer durante o sono."

"A preocupação constante do filósofo é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?"

"Se a alma é imaterial, tem que passar, após esta vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa no entanto distinguir bem a alma pura,

verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retém nos lugares da sua estada na terra."

"Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornamentos estranhos, mas com os que lhes são próprios, só esse poderá aguardar tranqüilamente a hora da sua partida para o outro mundo."

"O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofre. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda evidentes os traços de seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a que mais vale receber do que cometer uma injustiça e que, acima de tudo, devemos

cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem. "

"De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem que se extinguir, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Porém, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos se têm de reunir, que felicidade a de encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. Mas, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes, "

"Nunca se deve retribuir com outra injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos hajam causado. Poucos, no entanto, serão os que admitem este princípio e os que se desentenderem a tal respeito nada farão mais, sem dúvida, do que votarem uns aos outros mútuo desprezo. "

"É pelos frutos que se conhece a árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má,

quando dela provenha o mal; de boa, quando dê origem ao bem."

"A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda estranha do que o que lhe pertence."

"É disposição natural em todos nós a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que nos de outrem."

"Se os médicos são mal sucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passa bem."

"Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal do que de bem."

Conforme acabamos de ver, estes ensinamentos, que foram difundidos quase quinhentos anos antes do Cristo, encerram grandes verdades que, no século XIX, foram confirmadas pelo Consolador Prometido, personificado na Doutrina Espírita, a qual representa, há mais de um século, o Cristianismo Redivivo.

apítulo

FENÔMENOS MEDIÚNICOS DENTRO DA BÍBLIA

Desde que os Espíritos alcançaram condição para prosseguir na sua caminhada evolutiva, através das múltiplas reencarnações, na espécie humana, o homem há recebido, pela intuição ou por outros meios que lhe facultam os sentidos, comunicações do plano espiritual.

Quando manuseamos a Bíblia, livro considerado sagrado pelas religiões cristãs, encontramos nela expressos inúmeros fenômenos mediúnicos, fenômenos esses classificados, hoje, nas mais variadas categorias.

1 - VOZ DIRETA

Este fenômeno encontramos relatado em Êxodo, 20:18, que diz: *"Todo o povo, porém, ouvia as vozes e via os relâmpagos, e o somido da buzina, e o monte fumegando: e amedrontado e abalado com o pavor parou longe."*

Em Apocalipse, 1:10, lemos: *"Eu fui arrebatado em espírito um dia de domingo, e ouvi por detrás de mim uma grande voz como de trombeta"...*

2 - MATERIALIZAÇÃO

A luta de Jacob com um Espírito é um fenômeno típico de materialização, pois esta só poderia realizar-se na condição do rela-

to bíblico, se o Espírito contendor se encontrasse materializado (Gen. 32:24).

3 - PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

Por ocasião em que se realizava um banquete oferecido pelo rei Balthazar, ao qual compareceram mais de mil pessoas da corte, no momento em que bebiam vinho e louvavam os deuses, apareceram dedos que escreviam de frente do candieiro, na superfície da parede da sala do rei, o qual via os movimentos da mão que escrevia (Daniel, 5:5).

4 - TRANSPORTE

O profeta Elias alimentou-se, graças a um anjo que lhe depositava, ao lado, pão cozido debaixo de cinza (Reis III, 19:5,6).

5 - LEVITAÇÃO

Em Ezequiel, 3:14, lemos o seguinte: *"Também o Espírito me levantou e me levou consigo; e eu me fui cheio de amargura, na indignação do meu Espírito; porém a mão do Senhor estava comigo, confortando-me."*

Felipe é levado, também, pelo Espírito do Senhor, após receber o batismo (Atos, 5:39).

Estes fatos enquadram-se, perfeitamente, na classe dos fenômenos de levitação e transporte, obtidos, no século passado, pelo notável médium Daniel D. Home e outros.

6 - TRANSE

No cap. 15:12 e 13, do Gênese, encontramos o seguinte fato: *"Ao pôr do sol, vem um profundo sono sobre Abraão, e um horror grande e tenebroso o acometeu, e lhe foi dito: saiba desde agora que tua posteridade será peregrina numa terra estrangeira, e será reduzida à escravidão, e aflita por quatrocentos anos."*

Daniel também cai em transe e tem visão (Daniel 8:18).

Saulo, a caminho de Damasco, cai em transe e ouve a voz do Senhor (Atos, 9:3 e seguintes).

7 - MEDIUNIDADE AUDITIVA

Moisés, no monte Sinai, ouve a voz dos Espíritos, julgando ser a do próprio Deus. (Êxodo, 19:29,20).

Jesus, por ocasião do batismo no rio Jordão, ouve uma voz que lhe diz: *"Tu és aquele meu filho especialmente amado; em ti é que tenho posto toda a minha complacência."*

Em João, 12:28, lemos: *"Pai glorifica o teu nome. Então veio esta voz do céu - **"Eu não só o tenho já glorificado, mas ainda segunda vez o glorificarei."***

Todos esses fatos comprovam a mediunidade auditiva, tão comum em nossos dias.

8 - MEDIUNIDADE CURADORA

Ao tempo do Cristo, a mediunidade curadora disseminou-se por entre os discípulos, que produziam curas, algumas, pela imposição das próprias mãos, outras, através de objetos magnetizados.



Em Atos, 19:11 e 12, encontramos o relato de que lenços e aventais pertencentes a Paulo eram aplicados aos doentes e possessos, e, graças a ação magnética desses objetos, ficavam curados.

As curas à distância também foram realizadas. O criado do Centurião de Cafarnaum e o filho de um régulo foram curados (Mateus, 8:5,13; e João, 4:47, 54).

Jesus recomendara, quando esteve entre nós, que curássemos. Dizia ele:

"Curai os enfermos, expulsai os maus Espíritos, dai de graça o que de graça recebestes."

(Mateus, 10:8, Lucas 9,2 e 10:9).

É em cumprimento desse preceito que o Espiritismo, além de ser uma obra de educa-

ção, procura dar atendimento aos enfermos do corpo e da alma, com a ajuda dos abnegados irmãos espirituais, que se servem dos médiuns passistas, receitistas, doutrinadores e de todos os que, de boa vontade, trabalham em prol da construção de um mundo melhor.

9 - OUTRAS FORMAS DE MEDIUNIDADE

Encontramos, ainda, na Bíblia, Saul consultando o Espírito de Samuel, na gruta de Endor.

Moisés conduzia o povo hebreu, no deserto, acompanhado por uma labareda que seguia à sua frente.

Jeremias o profeta da paz era médium de incorporação. Quando o Espírito o tomava, pregava contra a guerra aos exércitos de Nabucodonosor.

É interessante notar que as práticas mediúnicas, daquele tempo, eram semelhantes às de nossos dias. Para a formação do ambiente, alguns profetas (médiuns) exigiam a música. Assim o profeta Eliseu, para profetizar, reclamava um bom harpista. David afasta os Espíritos obsessores de Saul, tangendo sua harpa.

Podíamos citar ainda muitos outros fatos, que se acham registrados no antigo Testamento, os quais provam, de sobejo, que os fenômenos mediúnicos sempre ocorreram, desde a mais remota antigüidade, mas não é necessário; estes já bastam para provar que a Bíblia é um repositório de mediunismo.

A vontade dos guias era, naquele tempo, transmitida ao povo através dos profetas videntes, audientes e inspirados, que vieram à Terra na qualidade de missionários do Cristo.

apítulo

AS IRMÃS FOX E OS FENÔMENOS DE HYDESVILLE

Foi num pequeno vilarejo do estado de New York que se deram, no século XIX, os mais extraordinários episódios, provocados pelo plano espiritual.

Trata-se de Hydesville, que fica situada cerca de vinte milhas de Rochester. Naquela época, era constituída por grupos de casas de madeira, quase todas de tipo humilde.

No dia 11 de dezembro de 1847, John Fox, pertencente à igreja Metodista, alugou uma dessas casas, para residir com a família, que se compunha, além da esposa Margareth Fox, de mais três filhas: Kat, de onze anos; Margareth, de quatorze, e Leah, que residia em Rochester, onde lecionava música.

No ano seguinte, isto é, em 1848, começaram os ruídos de arranhaduras, que se foram intensificando, cada vez mais, a ponto de a família Fox não ter mais sossego, dentro de casa.

Esses "raps" começaram a ser notados, com mais freqüência, a partir de meados de março daquele ano.

As meninas, diante de tanto barulho, ficavam tão alarmadas que não queriam mais dormir sozinhas. Investigações de toda natureza foram realizadas por seus pais, mas nada conseguiram descobrir. Os fenômenos eram mesmo estranhos.

Finalmente, na noite de 31 de março, houve uma saraivada de sons muitos altos e continuados. Kat Fox, na sua inocência de criança, desafiou a força invisível para que repetisse os estalos de seus dedos, no que foi imitada. Depois, Kat dobrou os dedos, sem fazer ruído, e o arranhão respondia. Ficou, dessa forma, constatado que, aquela força estranha, não só ouvia, como também via. Sua mãe teve então a idéia de fazer algumas perguntas, cujas respostas

foram dadas por meio de pancadas.

"Sois um ser humano?" perguntou Mrs. Margareth.

Não houve resposta.

"Sois um Espírito? Se sois batei duas pancadas."

Duas pancadas foram dadas pelo Espírito.

Estava, assim, estabelecida a telegrafia espiritual, naquela memorável noite de 31 de março de 1848.

Foi um vizinho dos Fox, de nome Duesler, que teve, pela primeira vez, a genial idéia de usar alfabeto para obter as respostas por meio de arranhões nas letras. Dessa forma, revelou-se que o Espírito bateador fora Charles B. Rosma, mascate assassinado, havia cinco anos, pelo antigo inquilino daquela casa, e que seu corpo se encontrava sepultado no porão.



Mais tarde, pelo depoimento prestado por Lucretia Pulver, que fora empregada de Mr. e Mrs. Bell, que ocuparam a casa, havia quatro anos, soube-se que, realmente, ali esteve um mascate, o qual passou

a noite com suas mercadorias. Nessa noite seus patrões disseram-lhe que podia ir para casa. Diz ela:

"Eu queria comprar apenas umas coisas do mascate, mas não tinha dinheiro comigo; ele disse que me procuraria em nossa casa na manhã seguinte e m'as venderia. Nunca mais o vi. Cerca de três dias depois eles me procuraram para voltar. Assim voltei..."

"Pouco tempo depois Mrs. Bell me deu um dedal, que disse haver comprado do mascate. Cerca de três meses depois eu a visitei e ela me disse que o mascate havia voltado e me mostrou outro dedal, que disse ter comprado a ele. Mostrou-me outras coisas que disse também tinham sido compradas a ele."

Como se vê pelo depoimento de Lucretia Pulver, Charles B. Rosma foi, realmente, o mascate assassinado e sepultado naquela casa.

Cinqüenta e seis anos mais tarde, isto é, em 1904, encontrou-se o esqueleto de um homem na parede da casa que fora ocupada pelos Fox.

Primitivamente, o criminoso teria sepultado Rosma no porão, mas temendo fosse descoberto, transportou-o para a parede, lugar que julgava mais seguro. Daí porque, nas escavações procedidas na sepultura original, foram encontrados apenas alguns vestígios deixados pelo cadáver.

Quanto a identidade do morto, paira certa dúvida. É possível que seu verdadeiro nome fosse outro.

Como sabemos, muitas vezes são transmitidas mensagens corretas, associadas a nomes trocados. No caso em questão, os Espíritos que dirigiam esses fenômenos não teriam permitido fosse pelo Espírito de Rosma revelada sua verdadeira identidade, como se



depreende pelas respostas dadas a algumas perguntas a ele formuladas.

Quando Duesler perguntou:

"Foi assassinado?"

Resposta afirmativa.

"Seu assassino pode ser levado ao tribunal?" Nenhuma resposta.

"Pode ser punido por lei?" Nenhuma resposta.

"Se seu assassino não pode ser punido por lei, dê sinais." As batidas foram claras.

Isto significa que nem tudo os Espíritos podem revelar.

Possivelmente, o nome dado pelo Espírito, Charles B. Rosma, fosse puramente convencional para que não levassem seu verdadeiro assassino à barra dos tribunais.

De qualquer forma, o fato chamou a atenção dos homens de ciência da época, consti-

tuindo-se, em 1851, em New York, uma comissão, sob a presidência de John Worth Edmonds, para estudar os fenômenos.

A 1.º de agosto de 1853, o "New York Courier" publicava os primeiros trabalhos dessa comissão, o que provocou grande espanto nos meios culturais de então. Cinco dias depois, isto é, a 6-8-53, declarava o juiz Edmonds no jornal "New York Herald", o seguinte:

"Comecei a investigação convencido do insucesso e disposto a torná-la pública no caso de uma impostura. Mas chegando a conclusão diferente, mostro-me no dever de declarar os resultados seguros de minhas pesquisas."

É interessante observar que o próprio juiz Edmonds tornou-se também médium. Sua filha Laura, de apenas nove anos de idade, desenvolveu a rara faculdade denominada poliglota ou xenoglossia, chegando a falar nove ou dez línguas, que lhe eram desconhecidas.

Dos Estados Unidos, o movimento espiritualista espalhou-se pela Europa, recrutando, preferentemente, os homens mais ilustres da época.

Estava, assim, lançada, pelo plano espiritual, a base para a Codificação do Espiritismo, que seria, dentro de poucos anos, realizada pelo insigne missionário Allan Kardec.

apítulo

ALLAN KARDEC E SUA OBRA

Hippolyte Léon Denizard Rivail - Allan Kardec - nasceu na cidade de Lyon, na França, a 3 de outubro de 1804.

Iniciou os estudos na sua terra natal. Aos doze anos de idade foi para Yverdun, na Suíça, onde, sob a direção do célebre professor Pestalozzi, aprimorou seus conhecimentos, chegando mesmo a substituir, muitas vezes, o grande mestre, quando este se afastava do instituto, para atender a outros compromissos, fora.



Kardec fez, também, um curso de línguas. Conhecia o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol, o holandês e possuía ainda sólida cultura científica.

Publicou vários trabalhos importantes, na época, tais como: "*Curso Prático de Aritmética*", "*Gramática Francesa Clássica*", "*Manual de Exames para os títulos de capacidade*", "*Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia e Fisiologia*", "*Catecismo Gramatical da língua francesa para os iniciantes do idioma*" e outros trabalhos didáticos.

Além dessas obras, citaremos as da Codificação espírita, que são as seguintes:

Em 18 de abril de 1857 - *O Livro dos Espíritos*.

Em janeiro de 1861 - *O Livro dos Médiuns*.

Em abril de 1864 - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Em agosto de 1865 - *O Céu e o Inferno*.

Em janeiro de 1868 - *A Gênese*.

Estas cinco obras constituem o chamado Pentateuco espírita.

Kardec escreveu, ainda, "*O que é o Espiritismo*", "*O Principiante Espírita*" e "*Obras Póstumas*", que foram publicadas após sua morte. Fundou também a "*Revue Spirite*", em janeiro de 1858, que editou até o ano de 1869.

Os Espíritos revelaram que Allan Kardec vivera, em uma de suas encarnações, na Gália, e seu nome era o pseudônimo por ele usado agora, e que em outra encarnação, fora João Huss, condenado a 6 de fevereiro de 1415 e executado nas fogueiras da inquisição, porque pregava contra a injustiça daqueles que detinham o poder nas mãos.

Em 1854, Kardec ouvira falar das chamadas mesas girantes. Seu amigo Fortier, que estudava magnetismo, disse-lhe que acabava de descobrir uma nova propriedade magnética: as mesas, além de girarem, também respondiam perguntas a elas formuladas.

Kardec revida esta afirmativa, dizendo: "*Só acreditarei se me provarem que as mesas têm um cérebro para pensar e nervos para*

sentir. Enquanto isso, permita-me considerar esse fato como uma história fabulosa".

Carlotti, outro amigo seu, faz-lhe referência sobre a comunicação dos Espíritos; o Mestre torna-se, agora, interessado no assunto. Vai a casa da Sra. Planemaison e, através de sua mediunidade de efeitos físicos, verifica que, realmente, as mesas falam. Rende-se ele à evidência dos fatos. Mas não parou aí. Viu nesse passatempo alguma coisa de importante. Precisava investigar e descobrir as causas que davam origem a esses interessantes fenômenos.

Através da faculdade das meninas Baudin, viu a escrita por intermédio da cesta. Por esse processo eram dadas respostas, com exatidão, às perguntas formuladas aos Espíritos. Não havia dúvida: estava mesmo diante de um fato novo, que merecia carinhoso estudo. Passou, então, a fazer observações através do método experimental, pois havia percebido que os fenômenos eram produzidos pelos Espíritos dos que já viveram na Terra.

E, assim, pelas informações prestadas por essas entidades comunicantes, Allan Kardec escreveu "*O Livro dos Espíritos*", obra básica da doutrina Espírita.

Acresce esclarecer, ainda, que essa monumental obra não foi concebida por um filósofo ou ditada por um Espírito: ela é o resultado das revelações de muitos Espíritos, todas concordantes, vindas por diferentes médiuns, em lugares diversos.

Essas comunicações passavam pelo crivo

da razão do Codificador, que as analisava, comparava, discutia e só as aceitava depois de verificar que se achavam isentas de quaisquer dúvidas.

Allan Kardec recebeu a notícia de que estava encarregado da Codificação, pela médium Srta. Japhet, tendo seu guia lhe dito:

"Não haverá diversas religiões nem há mister senão de uma, que é a verdadeira, grande e digna do Criador... Seus primeiros fundamentos já foram lançados..."

"Haverá muitas ruínas e desolações; são chegados os tempos para a renovação da humanidade."

Como se vê, Kardec fora, realmente, escolhido pelo Cristo para o cumprimento da sublime missão de codificar o Espiritismo. E a escolha não poderia deixar de ser esta, uma vez que o Mestre possuía todas as qualidades indispensáveis ao cumprimento dessa grande e árdua tarefa.

Além de filósofo, benfeitor e idealista, era dotado de um coração boníssimo, o que lhe dava condição para o cumprimento do lema da Doutrina nascente: ***Fora da caridade não há salvação.***

Por motivo de um aneurisma e esgotado pelo exaustivo trabalho realizado em tão pouco tempo, o grande missionário de Lyon veio a desencarnar no dia 31 de março de 1869.

À beira da sua sepultura, Flammarion, seu fiel seguidor, pronunciou estas palavras: "*Ele porém era o que eu denominarei simplesmente o bom senso encarnado*".

Concluindo este capítulo, em o qual apreciamos rapidamente a obra incomparável de Kardec, lembremos de que ele não morrerá, passara para a espiritualidade após cumprir a gloriosa missão que lhe fora confiada, legando à posteridade a imortal obra da Codificação, segundo os planos traçados por Jesus, diretor de nosso Orbe.

capítulo

FLAMMARION, DENIS E DELANNE,
FIÉIS CONTINUADORES DA
OBRA DE KARDEC

Na segunda edição da presente obra, de-
liberamos acrescentar, nesta sua Primeira
Parte, mais um Capítulo, o 6, e, para
integrá-lo, escolhemos três personagens que,
pelos trabalhos por eles realizados em prol
da então Doutrina nascente, trabalhos esses
que abrangem o campo **filosófico-cientí-
fico-religioso**, do Espiritismo, merecem
destaque especial, não só pela vasta produ-
ção literária, desses três abnegados missi-
onários do Cristo, mas, principalmente, por
terem sido eles fiéis continuadores da obra
de Allan Kardec.

Camille Flammarion - **o explorador e
revelador dos céus** - foi quem popularizou
a Astronomia, tendo recebido, na época, o
Prêmio Motion, da Academia Francesa. Suas
obras foram traduzidas em quase todas as
línguas, existindo, também, na França, cen-
tenas de Grupos Espíritas, que levam seu
nome.

No Brasil, onde sua figura, como espí-
rita e astrônomo, é bastante conhecida, existe
um Observatório localizado na cidade de
Matias Barbosa (MG), que tem seu nome.

Flammarion foi, sem dúvida alguma, um
desses espíritos que, de quando em vez,
reencarnam em nosso orbe, a fim de auxiliar
seus irmãos em experiência a darem mais um
passo rumo ao infinito. Mas, no seu caso,
temos mais alguma coisa a acrescentar: ele
fazia parte, também, do mesmo grupo de Es-
píritos que integrava Kardec e, por isso,
sua vinda à Terra se deu na mesma época em
que viera o mestre lionês, a fim de tomar

parte, aqui, da equipe da Terceira Revelação liderada por ele, desempenhando tarefa definida no campo da astronomia. Eis por que, no seu trabalho, notadamente no que versa sobre a Uranografia Geral, procurou demonstrar que Deus não criara mundos somente para adornar o espaço infinito ou para deleitar nossas vistas, mas também para servir de **habitat** a outras criaturas que passam por eles, na trajetória infinita de sua evolução.

Desde muito cedo Flammarion já se interessava pelo estudo dos astros. Quando ainda jovem, pois contava apenas vinte anos de idade, publicou seu primeiro livro intitulado "**A pluralidade dos mundos habitados**", que chamou a atenção dos sábios e cientistas da época. Mas não parou aí. Escreveu muitos outros trabalhos, quase todos abordando assuntos ligados à sobrevivência da alma após sua desencarnação, trabalhos esses que atestam ter sido ele, realmente, um dos fiéis continuadores da monumental obra de Kardec.

Para o conhecimento dos leitores, citamos, ainda, "*Deus na Natureza*", que é um estudo profundo de todos os fenômenos naturais; "*O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*", "*Urânia*", "*As Casas Mal Assombradas*", "*A Morte e seus Mistérios*", dividida em três volumes, que foi terminada quando o autor completava oitenta anos de idade, além de "*Sonhos Estelares*" e outros trabalhos referentes à Astronomia, que foram, também, traduzidos para línguas estrangeiras.

À beira do túmulo de Kardec, quando o

mestre baixava à sepultura, Flammarion proferiu o célebre discurso, que se acha inserido no livro "*Obras Póstumas*", exaltando a figura incomparável daquele que legara à posteridade a consoladora Doutrina ditada pelos Espíritos, pronunciando, na oportunidade, a conhecida frase: **"Ele, porém, era o que eu denominarei simplesmente o bom senso encarnado"**.

Camille Flammarion nasceu no dia 21 de fevereiro de 1842, em Montigny, França, e desencarnou em junho de 1925, com a idade de 83 anos.

Léon Denis - o apóstolo do Espiritismo - contava apenas onze anos de idade quando Kardec publicou a primeira edição de "*O Livro dos Espíritos*". Ele fazia parte, também, da equipe da Terceira Revelação, e viera à Terra para complementar e divulgar os ensinamentos já enfeixados na Codificação Kardequiana.

Suas obras, quase todas de cunho filosófico-religioso, sintetizam, de maneira extraordinária, seus conhecimentos, embora tenha sido um autodidata, de origem modesta, sem nenhum curso regular.

Quando ainda muito moço, revelou-se inclinado para a Filosofia e as letras, tendo estudado todas as obras de Allan Kardec, nas quais encontrou subsídios para o aprimoramento de seu Espírito, preparando-se, dessa forma, para o fiel cumprimento da meritória missão que trouxera como seu continuador, de quem se tornou fiel discípulo.

Vale a pena transcrever, aqui, o belo trecho de sua obra **"O Problema do Ser, do Destino e da Dor"**, através do qual diz ele:

"Dia virá, em que todos os pequenos sistemas acanhados e envelhecidos, se fundirão numa síntese abrangendo todos os reinos da idéia. Ciências, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz, e será então a vida, o esplendor do Espírito, o reinado do Conhecimento. Neste acordo magnífico, as ciências fornecerão a precisão e o método na ordem dos fatos; as filosofias, o rigor de suas deduções lógicas; a poesia, a irradiação de suas luzes e a magia de suas cores; a religião juntar-lhe-á as qualidades do sentimento e a noção da estética elevada. Assim, realizar-se-á a beleza na força e na unidade do pensamento. A alma orientar-se-á para os mais altos cimos, mantendo ao mesmo tempo o equilíbrio de relação necessário para regular a marcha paralela e ritmada da inteligência e da consciência na sua ascensão para a conquista do Bem e da Verdade".

Léon Denis, durante sua preciosa existência terrestre, proferiu inúmeros discursos doutrinários, de rara beleza, em Congressos Internacionais.

Em 1889, tomou parte no II Congresso Espírita Internacional, tendo participado,

também, do Congresso Espírita de Bruxelas - Bélgica - onde representou o movimento espírita da França e do Brasil. Em 1925, foi aclamado Presidente do Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, do qual saiu a Federação Espírita Internacional, transferida para Inglaterra, em 1948.

Léon Denis deixou, ainda, numerosos trabalhos esparsos, tais como conferências, artigos, declarações, etc., muitos dos quais não foram publicados além de seus nove livros, que alinhamos a seguir: "*No Invisível*", "*Depois da Morte*", "*O Porquê da Vida*", "*O Grande Enigma*", "*Cristianismo e Espiritismo*", "*Joana D'Arc, Médiun*", "*O Mundo Invisível e a Guerra*", "*O Gênio Celta e o Mundo Invisível*" e "*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*", obras essas que se vinculam à Codificação de Kardec, porquanto estava ele profundamente identificado com o mestre lionês.

Assim, através dessa preciosa literatura espírita que nos legara, o Espiritismo foi amplamente divulgado, não só nos países da Europa, mas principalmente entre os povos latino-americanos.

Antes, porém, de encerrarmos estas ligeiras notas sobre o apreciado escritor espírita francês, convém esclarecer, ainda, que Léon Denis teve estreita ligação com a Federação Espírita Brasileira, tendo sido, a partir de 1901, aprovada, por unanimidade, sua indicação para sócio Distinto e Presidente Honorário da FEB, passando a responder, também, pela representação per-

manente da Casa de Ismael na França e em outros países do continente europeu.

Léon Denis nasceu em Foug, França, no dia 1.º de janeiro de 1846 e desencarnou no dia 12 de abril de 1927, em Tours, com 81 anos de idade.

Gabriel Delane - o gigante do Espiritismo científico - nasceu exatamente no ano em que Allan Kardec publicava a primeira edição de "*O Livro dos Espíritos*". Seu pai, Alexandre Delane, era espírita e amicíssimo de Kardec, motivo por que foi ele grandemente influenciado pela idéia nascente. Sua mãe trabalhou como médium, cooperando, assim, com o mestre de Lyon na codificação do Espiritismo.

Delane foi um dos maiores propagadores da sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos, tendo escrito várias obras de cunho científico, tais como "*O Espiritismo Perante a Ciência*", "*O fenômeno Espírita*", "*A Evolução Anímica*", "*Pesquisas sobre a mediunidade*", "*As Aparições Materializadas de Vivos e Mortos*", além de outros trabalhos esparsos.

Um dos temas que mais preocuparam o engenheiro Delane, foi o **perispírito**, por ser a base de todos os fenômenos mediúnicos e anímicos. Procurou, ele, fazer a diferença entre o animismo e o mediunismo, através de acurados estudos e pesquisas sobre tão importante assunto, sempre com muita prudência, qualidade que lhe era peculiar, me-

recendo, por isso, a alcunha de **gigante do Espiritismo científico**.

Comentar, neste Capítulo, cada um de seus livros, não é nosso objetivo, mesmo porque, se quiséssemos abordar, embora em síntese, tudo quanto Delane enfeixou na sua obra, não seria possível num pequeno trabalho como este, cujo título bem demonstra tratar-se de um ABC da Doutrina Espírita. Portanto, quem quiser se aprofundar mais nos estudos do Espiritismo, sob o aspecto científico, aí estão seus livros, conforme citação já feita, todos traduzidos para a língua portuguesa. Todavia, não podemos deixar de transcrever, para este Capítulo, a interessante entrevista concedida por ele, nos planos espirituais, ao Espírito André Luiz, inserida na obra "**Entre Irmãos de Outras Terras**" psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira (2.^a Edição da FEB, 1967), em data de 20 de agosto de 1965, através da qual respondeu a várias questões, que bem demonstram ter sido ele, realmente, **um dos mais destacados continuadores de Allan Kardec**.

Eis as seis perguntas mais expressivas:

1) *Admite que os princípios espíritas estão caminhando lentamente no mundo?*

R Não penso assim... As atividades espíritas contam pouco mais de um século e um século é período demasiado curto em assuntos do espírito.

2) *Muitos amigos na Terra são de*

parecer que os Mensageiros da Espiritualidade Superior deveriam patrocinar mais amplas manifestações de mediunidade de efeitos físicos para benefício dos homens, como sejam materializações e vozes diretas. Que pensa a respeito?

R Creio que a mediunidade de efeitos físicos serve à convicção, mas não adianta ao serviço indispensável na renovação espiritual. Os Espíritos Superiores agem acertadamente em lhe podando os surtos e as motivações, para que os homens, nossos irmãos, despertem à luz da Doutrina Espírita, entregando a consciência ao esforço de aprimoramento moral.

3) Conquanto tenha essa opinião, julga que o Espiritismo precisa atender ao incremento e melhoria da mediunidade?

R Não teríamos o Evangelho sem Jesus Cristo e não teríamos Jesus Cristo sem o socorro aos sofredores pelos processos mediúnicos que lhe caracterizaram a presença na Terra.

4) Para que região devemos nós, a seu ver, conduzir a pesquisa científica na Terra, de vez que a conquista da paisagem material de outros planetas não adiantará muito ao progresso moral das criaturas?

R Devemos estimular os estudos em torno da matéria e da reencarnação,

analisar o reino maravilhoso da mente e situar no exercício da mediunidade as obras da fraternidade, da orientação, do consolo e do alívio às múltiplas enfermidades das criaturas terrestres...

5) Onde os percalços maiores para a expansão da Doutrina Espírita?

R Em nossa opinião, os maiores embaraços para o Espiritismo procedem da atuação daqueles que reencarnam, prometendo servi-lo, seja através da mediunidade direta ou da mediunidade indireta, no campo da inspiração e da inteligência, e se transviam nas seduções da esfera física, convertendo-se em médiuns autênticos das regiões inferiores, de vez que não negam as verdades do Espiritismo, mas estão prontos a ridicularizá-las, através de escritos sarcásticos ou da arte histriônica, junto dos quais encontramos as demonstrações fenomênicas improdutivas, as histórias fantásticas, o anedotário deprimente e os filmes de terror.

6) Como vê semelhantes deformações?

R Os milhões de Espíritos inferiores que cercam a Humanidade possuem seus médiuns. Impossível negar isso.

Em síntese, aí está, caro leitor, o que foi o eminente cientista francês, nascido aos 23 de março de 1857 e desencarnado a 15 de fevereiro de 1926, com a idade de 69

anos, após haver cumprido sua missão na Terra, também como integrante da equipe de colaboradores do mestre Kardec, que veio para ampliar os conhecimentos humanos concernentes ao aspecto científico do Espiritismo e, agora, continuando seu trabalho nos planos mais altos, em prol desta humanidade sofredora.

Ao finalizar, pois, este Capítulo, afirmamos, mais uma vez, que estes três missionários, que mais se dedicaram na produção de obras consideradas subsidiárias às de Allan Kardec, ocupam, certamente, lugar relevante no mais alto conceito dos valores culturais da nossa amada Doutrina Espírita.

apítulo

SÍNTESE DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS"

- PARTE PRIMEIRA -
DAS CAUSAS PRIMÁRIAS

- CAPÍTULO I -
DE DEUS

1 Deus e o infinito. 2 Provas da existência de Deus. 3 Atributos da Divindade. 4 Panteísmo.

1 DEUS E O INFINITO

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Será Deus o infinito? Tudo o que é desconhecido é infinito, mas essa definição é incompleta. A linguagem humana é insuficiente para definir o que está acima de seus conhecimentos.

2 PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS

A prova da existência de Deus se encontra nas obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Essa causa é Deus. A sua obra é o efeito. O sentimento íntimo que temos da existência de Deus é uma prova de que ele existe. Esse sentimento é inato também nos povos selvagens.

Nas propriedades íntimas da matéria não se pode encontrar a causa primária de todas as coisas, pois se assim fosse estaríamos tomando o efeito pela causa, porquanto essas propriedades são também um efeito que há de ter uma causa. Atribuir a formação primária a uma formação fortuita da matéria ou ao acaso, é outro absurdo. Pela obra se conhece o autor. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, há de se atribuir a causa primária a uma inteligência superior à Humanidade - Deus.

3 ATRIBUTOS DA DIVINDADE

O homem não pode compreender a natureza íntima de Deus, pois falta-lhe, para isso, o sentido próprio. Quando alcançar a perfeição, isto é, quando não tiver mais seu Espírito obscurecido pela matéria, poderá ele ver e compreender Deus. Sabemos que Deus é **eterno**, porque não teve princípio;

que é **imutável**, porque não está sujeito a mudanças; que é **imaterial**, pois difere de tudo o que é matéria, e, finalmente, que é **único, onipotente, soberanamente justo e bom**. Se muitos deuses houvesse deixaria de ser onipotente, pois algo haveria mais poderoso. A sabedoria providencial das leis divinas se revela em todas as coisas, o que nos permite não duvidar da **justiça**, nem da **bondade** de Deus.

4 PANTEÍSMO

Dizer-se que Deus é a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo, reunidas, é negar a sua existência, porquanto seria efeito e não causa. Admitindo-se que todos os seres e todos os mundos são partes da Divindade, está se fazendo de Deus um ser material, sujeito a evolução, o que vem de encontro ao atributo **imutabilidade**. A escola Panteísta, confunde o Criador com a criatura, como o faria quem pretendesse que engenhosa máquina fosse parte integrante de quem a construiu. A inteligência de Deus se revela em suas obras, mas, as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o executou.

- CAPÍTULO II -

DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

1 Conhecimento do princípio das coisas. 2 Espírito e matéria. 3 Propriedades da matéria. 4 Espaço universal.

1 CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS

O conhecimento do princípio das coisas é dado ao homem gradativamente, à medida que ele se depura e que outras faculdades vão surgindo nele. Pelas investigações científicas, o homem vai penetrando nos segredos da natureza. Às vezes, Deus permite revelações que estão além dos conhecimentos normais da ciência. Por essas revelações o homem adquire, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu futuro.

2 ESPÍRITO E MATÉRIA

Se a matéria existe desde toda a eternidade, ou se foi criada depois, só Deus o sabe. Mas, de uma coisa estejamos certos: Deus nunca esteve inativo. Criou e cria sempre.

A matéria não é somente o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos; ela existe em estado ainda desconhecido. Embora seja etérea e sutil, que nenhuma impressão cause aos nossos sentidos, não deixa de ser matéria. A matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito, exercendo sua ação. O Espírito, princípio inteligente do Universo, independe da matéria. São distintas uma do outro. Entretanto, pode se conceber o Espírito sem a matéria e a matéria sem o Espírito, isto é, pelo **pensamento**.

No Universo há dois elementos gerais: a matéria e o Espírito. Deus, Espírito e ma-

téria constituem o princípio de tudo o que existe - a trindade universal. O fluido elétrico e o magnético são modificações do fluido universal, que é a matéria mais sutil e que se pode considerar independente. A matéria e o princípio inteligente estão subordinados a uma inteligência suprema - Deus.

3 PROPRIEDADES DA MATÉRIA

A ponderabilidade não é considerada atributo do fluido universal. Este é imponderável, mas nem por isso deixa de ser o princípio da matéria pesada. As modificações que sofrem as moléculas elementares da matéria dão origem às diversas propriedades destas, cujas modificações se dão por efeito da sua união, em circunstâncias especiais. O oxigênio, o carbono, o azoto, enfim todos os corpos considerados simples, são meras modificações de uma substância primitiva. A força e o movimento são duas propriedades inerentes à matéria. As demais propriedades são efeitos secundários, que variam conforme a disposição das moléculas: um corpo opaco pode se tornar transparente e vice-versa. A forma das moléculas pode ser constante ou variável. A das moléculas elementares primitivas é **constante**, porém a das moléculas secundárias, que são aglomerações das primeiras, é **variável**. Daí porque há diversidade na natureza.

4 ESPAÇO

O espaço universal não tem limites. Supondo-se limitado, o que haverá além de seus limites? Não há vazio em a natureza.

Em parte alguma do espaço universal há vácuo absoluto. O que parece vazio está ocupado por matéria que escapa aos nossos sentidos e instrumentos.

- CAPÍTULO III -
DA CRIAÇÃO

1 Formação dos mundos. 2 Formação dos seres vivos. 3 Povoamento da Terra. Adão. 4 Diversidade das raças humanas. 5 Pluralidade dos mundos. 6 Considerações e concordâncias bíblicas no tocante à criação.

1 FORMAÇÃO DOS MUNDOS

O Universo abrange todos os mundos, visíveis e invisíveis, todos os seres animados e inanimados, todos os astros e os fluidos que enchem o espaço infinito. O universo foi criado pela vontade de Deus, através da condensação da matéria. Não se pode conhecer o tempo que dura a formação dos mundos, nem quando desaparecerão, mas é certo que Deus os renova como renova os seres vivos.

2 FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS

Quando a Terra atingiu as condições necessárias ao aparecimento da vida, surgiram então os primeiros seres vivos que aguardavam em estado de germens. Os princípios orgânicos se congregaram e se multiplicaram, cada um segundo sua espécie. Esses elementos orgânicos se encontravam em estado fluídico, no espaço ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para co-

meçar aí existência nova. A espécie humana também veio a seu tempo. A época do aparecimento do homem e de outros seres vivos não se pode determinar com exatidão.

3 POVOAMENTO DA TERRA. ADÃO

A espécie humana não começou por um único homem. Kardec, comentando a resposta dada pelos Espíritos sobre o povoamento da Terra e a época em que viveu Adão (4000 anos a.C.), entre outras coisas diz:

"As leis da Natureza se opõem a que os progressos da humanidade, comparados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com muita razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo".

4 DIVERSIDADE DAS RAÇAS HUMANAS

O clima, a vida e os costumes influíram na diversidade das raças. Em várias épocas o homem surgiu em diferentes pontos do globo, mas constituindo sempre a mesma espécie. Daí porque se diz que todos os homens são irmãos em Deus.

5 PLURALIDADE DOS MUNDOS

Em todos os mundos, quando alcançam condições favoráveis à vida, ela aparece. Há mundos inferiores e superiores à Terra. Dizer-se que somente a Terra é habitada, é duvi-

dar-se da sabedoria de Deus, que não faz coisa alguma inútil. A constituição física dos diferentes mundos não se assemelha. Cada ser que os habita possui uma organização própria ao ambiente, como os peixes possuem um organismo adequado à vida debaixo das águas. Os mundos mais afastados do Sol não ficam privados da luz e do calor. Há outras fontes, como a eletricidade, por exemplo, que exercem importante papel nesse sentido.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO

Diz a Bíblia que o homem foi o último a ser criado. Com efeito, pelos arquivos encontrados na Terra, a ciência descobriu a ordem em que surgiram os seres vivos, ordem essa mais ou menos de acordo com o que relata o Gênese de Moisés. Por outro lado, há profunda divergência na maneira miraculosa como foi executado o trabalho da criação, pois ao invés de ser realizado em alguns dias, levou alguns milhões de anos, conforme as leis que regem os fenômenos da natureza. Mas, de qualquer forma, Deus não ficou sendo menos poderoso. Sua vontade se fez sentir para a realização da grande obra, embora o prazo tenha sido dilatado, grandemente. E o homem, de acordo com a ciência, realmente surgiu em último lugar.

- CAPÍTULO IV -
DO PRINCÍPIO VITAL

1 Seres orgânicos. 2 A vida e a morte. 3 Inteligência e instinto.

1 SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS

Os seres orgânicos nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. A essa classe pertencem o homem, os animais e as plantas. Os inorgânicos não têm vida própria e se formam pela agregação de matéria. São os minerais, a água, o ar, etc. É a mesma força que une os elementos dos corpos orgânicos e inorgânicos. Essa força é regida pela lei da atração. Nos corpos orgânicos, a matéria se acha animalizada, através de sua união com o princípio vital, que dá vida a todos os seres que o absorvem e assimilam. Esse fluido se modifica segundo a espécie a que constitui. É ele que lhe dá movimento e atividade e o distingue da matéria inerte.

2 A VIDA E A MORTE

A morte dos seres orgânicos se dá quando há esgotamento dos órgãos que os constituem. O princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem, volta à massa de onde saiu, porém, a matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos.

A quantidade de fluido vital varia de acordo com o indivíduo. Alguns há que se acham saturados desse fluido, enquanto outros possuem somente o necessário para viver. Ele se transmite de um indivíduo a outro. Na transmissão do passe, por exemplo, ocorre esse fenômeno.

3 INTELIGÊNCIA E INSTINTO

Será a inteligência atributo do princípio vital? Não, pois as plantas vivem e não pensam. A inteligência e a matéria são in-

dependentes. É preciso que o Espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.

Dependerá o instinto da inteligência? Não, o instinto é uma espécie de inteligência sem raciocínio, porém não se pode estabelecer uma linha de separação entre ambos, pois sempre se confundem. No homem existe, mas ele o despreza.

- PARTE SEGUNDA -
DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

- CAPÍTULO I -
DOS ESPÍRITOS

1 Origem e natureza dos Espíritos. 2 Mundo normal primitivo. 3 Forma e ubiqüidade dos Espíritos. 4 Perispíritos. 5 Diferentes ordens de Espíritos. 6 Escala espírita. 7 Progresso dos Espíritos. 8 Anjos e demônios.

1 ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos são seres inteligentes da Criação; povoam o Universo. Foram criados por Deus, porém quando e como ninguém sabe. São eles individualização do princípio inteligente, como os corpos são do princípio material. Sua Criação é permanente, isto é, Deus jamais deixou de os criar, mas sua origem ainda constitui mistério. O que sabemos é que a existência dos Espíritos não tem fim.

2 MUNDO NORMAL PRIMITIVO

Os espíritos são inteligências incorpóreas que formam um mundo à parte - o mundo dos Espíritos. Embora seja o mundo dos Espíritos independente do mundo corporal, existe perfeita correlação entre ambos, portanto reagem um sobre outro. Daí porque os Espíritos estão por toda parte servindo de instrumento de que Deus se utiliza para a execução de seus desígnios.

3 FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos não têm forma determinada, a não ser para eles próprios. Uma chama, um clarão ou uma centelha podem definir o Espírito. Essa chama ou clarão, que vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, é inerente ao seu grau de adiantamento. Os Espíritos percorrem o espaço com a rapidez do pensamento e podem, se o quiserem, inteirar-se da distância percorrida. A matéria não lhes opõe obstáculo: passam através de tudo.

Quanto ao chamado dom da ubiquidade, o Espírito não pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo. Ocorre, entretanto, que cada um é um centro de irradiação para diversos lugares diferentes, como o Sol irradia para todos os recantos da Terra sem dividir-se. A força de irradiação de cada Espírito depende do grau de sua pureza.

4 PERISPÍRITO

O Espírito encontra-se envolto numa substância vaporosa que se denomina **perispírito**,

por meio da qual se eleva na atmosfera e transporta-se aonde queira. Esse invólucro tira ele do fluido universal de cada globo e lhe dá a forma que deseja. Daí porque, passando de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como mudamos de roupa.

5 DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS

Os Espíritos pertencem a diferentes ordens, conforme o grau de perfeição a que alcançaram. São três as principais ordens: à primeira, pertencem os Espíritos puros, isto é, os que já atingiram a perfeição máxima; à segunda, os que chegaram ao meio da escala, nos quais já predomina o desejo do bem, e à terceira, pertencem os Espíritos imperfeitos. Nestes, predominam a ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más.

6 ESCALA ESPÍRITA

A classificação dos Espíritos se baseia no seu grau de adiantamento, nas qualidades que adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de se despojar.

- a) Terceira ordem. Espíritos imperfeitos, nos quais predomina a matéria sobre o Espírito. São ignorantes, orgulhosos, vaidosos, egoístas, enfim, propensos ao mal.
- b) Segunda ordem. Bons Espíritos. Nestes predomina o Espírito sobre a matéria; sentem o desejo do bem. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam os traços da existência corporal, tanto na forma da linguagem, quanto nos hábi-

tos.

- c) Primeira ordem. Espíritos puros, isto é, não há neles nenhuma influência. São dotados de uma superioridade moral e intelectual absoluta, com relação aos espíritos de outras ordens. Já percorreram todos os graus da escala evolutiva não tendo mais necessidade da reencarnação. Gozam, por isso, de inalterável felicidade.

7 PROGRESSO DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos melhoram-se por si mesmos, passando de uma ordem inferior para outra mais elevada. Deus os criou simples e ignorantes e a cada um deu determinada missão com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição pelo conhecimento da verdade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que chegam a adquirir os necessários conhecimentos para a eterna felicidade. Os que aceitam submissos essas provas, chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Aqueles, porém, que só as suportam murmurando, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade. Todos os Espíritos se tornarão perfeitos. Uns, alcançam mais ou menos rápido o estado de perfeição; outros, demoram mais a alcançar esse estado, mas, de qualquer forma, todos evoluem. Às vezes podem permanecer, por longo tempo, estacionários, mas não retrogradam.

Os Espíritos não estão isentos das pro-

vas que lhes cumpre sofrer, pois se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Assim, todos passam pela fieira da ignorância, mas pelo trabalho realizado, através das múltiplas reencarnações, atingirão o estado de felicidade.

Os Espíritos adquirem consciência de si mesmos à medida que o livre-arbítrio se desenvolve. Por essa razão há Espíritos que, desde o princípio, fazendo uso de seu livre-arbítrio, seguem o caminho do bem; outros há que permanecem por longo tempo votados ao mal, mas, mesmo assim, Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para outros, e a todos ama com o mesmo coração.

8 ANJOS E DEMÔNIOS

Os seres chamados anjos, arcanjos e serafins, não formam uma categoria especial; são eles Espíritos puros que atingiriam o mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições. Não foram criados perfeitos, mas, sim, dotados da faculdade de evoluir, como os demais Espíritos. A palavra anjo significa "gênio" e serve para designar todos os seres, bons ou maus, que estão fora da humanidade. Daí porque se diz: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas.

A palavra demônio deriva do termo grego **daimon**, e não implica a idéia de Espírito mau; significa **gênio**, inteligência, e se aplica aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

- CAPÍTULO II -
DA ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

- 1 Objetivo da encarnação. 2 A alma.
3 Materialismo.*

1 OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO

O objetivo da encarnação dos Espíritos é para que eles alcancem a perfeição. Para uns, é expiação; para outros missão. Mesmo que um Espírito, desde o princípio, tenha seguido o caminho do bem, há necessidade da encarnação para que se instrua nas lutas e tribulações da vida corporal, adquirindo, conseqüentemente, méritos.

2 A ALMA

A alma é um Espírito encarnado. O laço que liga a alma ao corpo é semi-material, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. Por meio desse laço é que ele atua na matéria.

O homem é formado de três partes: 1. o corpo, que é análogo ao dos animais; 2. a alma, Espírito encarnado, que tem no corpo sua habitação; 3. o princípio intermediário, ou **perispírito**, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo.

O corpo pode existir sem a alma, mas, desde que cesse a vida deste, a alma o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica. Um Espírito não pode encarnar, ao mesmo tempo, em dois cor-

pos, pois ele é indivisível. A teoria de que a alma pode se subdividir em tantas partes quantos são os músculos e presidir assim a cada uma das funções do corpo, tem razão de ser, desde que se considere por alma o fluido vital, mas no caso de se entender por alma o Espírito encarnado, essa teoria é errônea, pois ele imprime o movimento aos órgãos do corpo servindo-se do fluido intermediário, sem, entretanto, se subdividir.

Como o Espírito é uno, está todo na criança como no adulto. Os órgãos das manifestações da alma, é que se desenvolvem e se completam. A alma não tem no corpo sede determinada, porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça; aqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a Humanidade, a alma ocupa principalmente o coração.

3 MATERIALISMO

Todos os que se aprofundam nas ciências da Natureza, como os anatomistas, os fisiologistas, etc., só fazem referência ao que vêem. Não admitem, pelo orgulho, que haja algo acima de seu entendimento. Por esse motivo são levados, muitas vezes, ao materialismo. Graças à Terceira Revelação, a maioria dos homens de ciência da atualidade já se tornou espiritualista.

- CAPÍTULO III -

DA VOLTA DO ESPÍRITO,
EXTINTA A VIDA CORPÓREA, À VIDA ESPIRITUAL

1 A alma após a morte; sua individualidade. Vida eterna.
2 Separação da alma e do corpo. 3 Perturbação espiritual.

1 A ALMA APÓS A MORTE

Após a desencarnação, a alma volta a ser Espírito, isto é, volve ao mundo dos Espíritos de onde se aparta momentaneamente, conservando sua individualidade e o fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta. Leva consigo a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança essa cheia de doçura ou amargor, conforme o uso que fez da vida. Temos prova de que a alma conserva sua individualidade após a morte, pelas comunicações que dela recebemos.

2 SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO

Será dolorosa a separação da alma e do corpo? Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte. Essa separação se opera pela ruptura dos laços que a retinha ligada ao corpo; não se processa instantaneamente; é lenta e gradativa, de acordo com o grau de evolução a que alcançou o Espírito durante sua vida terrena. Ocorre, muitas vezes, que a separação da alma e do corpo se dá mesmo antes da cessação completa da vida orgânica. Na agonia, a alma, alguma vezes, já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica.

O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe enquanto o coração faz

circular o sangue nas veias, para o que não necessita da alma.

Dependendo do grau de adiantamento, a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo, auxiliando mesmo para desfazê-los inteiramente, pois o futuro desdobra-se diante de si e já goza, por antecipação, do estado de Espírito. Pode ela encontrar-se com os que conheceu na Terra, dependendo da afeição que lhes votava. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar.

Nos casos de morte violenta e acidental, isto é, quando a desencarnação não resulta da extinção gradual das forças vitais, os laços que prendem o corpo ao perispírito são mais **tenazes** e, conseqüentemente, mais demorado o despreendimento completo.

3 PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

A alma após deixar o corpo passa algum tempo em estado de perturbação, porém esse estado depende da elevação de cada um. Aquele que já se encontra purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo.

O conhecimento do Espiritismo exerce grande influência sobre a duração do estado de perturbação, pois o espírita já compreende antecipadamente sua situação. Entretanto, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.

- CAPÍTULO IV -
DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

1 A reencarnação. 2 Justiça da reencarnação. 3 Encarnação nos diferentes mundos. 4 Transmigração progressiva. 5 Sorte das crianças após a morte. 6 Sexos nos Espíritos. 7 Parentesco, filiação. 8 Parecenças físicas e morais. 9 Idéias inatas.

1 A REENCARNAÇÃO

A alma que não se depurou durante a vida corpórea, sofre a prova de uma nova existência, durante a qual dá mais um passo na senda do progresso. É por essa razão que passamos por muitas existências.

O objetivo da reencarnação é a expiação e o melhoramento progressivo da Humanidade. Desde que o Espírito se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal, alcançando, então, o estado de Espírito bem-aventurado; puro Espírito.

2 JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO

A justiça de Deus se manifesta na reencarnação, pois é através dela que os Espíritos tendem para a perfeição; Deus lhes faculta esse meio para alcançá-la, proporcionando-lhes as provas da vida corporal.

A doutrina da reencarnação é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus; é a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que oferece os meios de resgatarmos os nos-

sos erros por meio de novas provações. Os Espíritos a ensinam e a razão no-la indica.

3 ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS

Não é somente na Terra que reencarnamos; podemos viver em mundos diferentes. As que aqui passamos não são as primeiras nem as últimas; são, porém, as mais materiais e das mais distantes da perfeição.

A alma pode viver muitas vezes no mesmo globo e só passar a reencarnar em mundos superiores quando haja alcançado condição suficiente para tal.

Embora tenhamos vivido em outros mundos, podemos voltar a este, mesmo que não tenhamos nenhuma vantagem particular, a menos que seja em missão, caso em que progredimos como em qualquer outro planeta, pois todos os mundos são solidários: o que se faz num faz-se noutro. Há muitos Espíritos que reencarnam na Terra pela primeira vez, e em graus diversos de adiantamento.

Para alcançar a perfeição e a suprema felicidade, não é necessário o Espírito passar pela fieira de todos os mundos existentes no Universo; muitos são os mundos correspondentes a cada grau da respectiva escala e nenhuma coisa nova aprenderia nos outros do mesmo grau. A pluralidade de suas existências em um mesmo globo tem por fim, de cada vez, ocupar posição diferente das anteriores e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiências. Um Espírito pode reencarnar em um mundo relativamente inferior ao em

que já viveu, quando em missão, com o objetivo de auxiliar o progresso. As tribulações de tal existência proporcionam-lhe meio de se adiantar. Se, portanto, falir nessa missão, terá de recomeçar de novo.

Os Espíritos que habitam os diversos mundos são de diferentes categorias, tal como ocorre na Terra. Ao passarem deste para outro planeta, a inteligência não se perde, porém pode acontecer que não disponham dos meios para manifestá-la, dependendo isto da sua superioridade e das condições do corpo que tomarem.

Os Espíritos que habitam os diversos mundos têm corpos semelhantes aos nossos; precisam eles da matéria para atuar sobre a matéria. Esse envoltório é mais ou menos material, de acordo com o grau de pureza a que chegaram.

O estado físico e moral dos diferentes mundos não nos é dado saber, porquanto tal revelação poderia nos perturbar, pois não temos ainda condição de compreender. Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por uma espécie de infância, isto é, por uma transformação necessária, mas não é em toda parte tão obtusa como na Terra. O Espírito nem sempre pode pedir para reencarnar neste ou naquele mundo, mas, se houver mérito, poderá solicitá-lo. Se ele nada pedir, o que determina o mundo em que deve reencarnar é seu grau de elevação. Todos os mundos estão sujeitos à lei do progresso, daí porque o estado físico e moral dos seres vivos não é perpetuamente o mesmo nesses mundos. Há mundos onde os Espíritos só

têm por envoltório o perispírito. Esse envoltório se torna tão etéreo que, para nós, é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.

A substância que constitui o perispírito não é a mesma em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro, operando-se, porém, a mudança com a rapidez do relâmpago. Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos, como os homens à Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte.

4 TRANSMIGRAÇÕES PROGRESSIVAS

Para os Espíritos também há infância. Em sua origem a vida é apenas instintiva. A inteligência só pouco a pouco vai se desenvolvendo. Os nossos selvagens, por exemplo, são almas no estado de infância relativa, pois são desenvolvidos, visto que já nutrem paixões. As paixões são sinal de desenvolvimento, mas não de perfeição. São sinal de atividade e de consciência do **eu**. Na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de gérmen.

A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, percorrendo sucessivos períodos, ao de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que, para o Espírito, não há declínio, nem decrepitude, como na vida corporal; que sua vida, que teve começo, não terá fim; que imenso tempo lhe é neces-

sário, de nosso ponto de vista, para passar da infância espírita ao completo desenvolvimento; e que seu progresso se realiza, não num único mundo, mas vivendo ele em mundos diversos.

Todo Espírito para alcançar a perfeição tem de passar por vários graus intermediários. Dá-se com ele o que se verifica com a criança que, por mais precoce que seja, tem que passar pela juventude antes de chegar à idade da madureza; e também com o enfermo que, para recobrar a saúde, tem que passar pela convalescença. Demais, ao Espírito cumpre progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante em outro. Pode ele reduzir as dificuldades do caminho através do próprio esforço, porém nunca descer mais baixo do que esteja atualmente, a não ser com relação à posição social, mas, como Espírito, não.

Em nova encarnação, a alma de um homem de bem não pode animar o corpo de um celerado, visto que não se degenera. Por outro lado, a alma de um perverso pode tornar-se a de um homem de bem, se se arrependeu. A marcha dos Espíritos é progressiva, jamais retrograda.

A possibilidade de se melhorarem em outras existências não é motivo para que certas pessoas perseverem no mal, embora um Espírito imperfeito pense assim durante a sua vida corporal; mas liberto que se veja da matéria pensará de outro modo, pois logo verificará que fez cálculo errado e, então, **sentimento oposto a esse trará ele para sua nova existência.**

O Espírito influi sobre o corpo para que a alma se melhore, isto porque o Espírito é tudo; o corpo é simples veste que apodrece.

5 SORTE DAS CRIANÇAS DEPOIS DA MORTE

O Espírito de uma criança que morre em tenra idade, algumas vezes é mais adiantado do que o de um adulto, pois ela pode ter vivido muito mais e, em conseqüência disso, tenha adquirido maior soma de experiências. Assim, o Espírito de uma criança pode ser mais adiantado que o de seu pai. Se uma criança desencarna em tenra idade, não tendo por esse motivo praticado o bem nem o mal, Deus não a isenta das provas que tenha de padecer. A vida curta de uma criança representa para seu Espírito o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar. Pode também a sua morte constituir **provação ou expiação para os pais.**

A criança que morre pequenina recomeça outra existência.

6 SEXO DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos não têm sexo, pois que o sexo depende da organização. Há entre eles amor e simpatia baseados na concordância de sentimentos. Em novas experiências, o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher e vice-versa. A preferência de cada um pouco importa; tudo depende das provas por que tenha de passar em nova existência.

7 PARENTESCOS E FILIAÇÃO

Os pais transmitem aos filhos apenas a

vida animal, pois que a alma é indivisível. Um pai obtuso pode ter filhos inteligentes e vice-versa. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos ligações que remontam a suas existências anteriores. Daí a simpatia que existe entre nós e certos Espíritos. Os laços da família não são destruídos pela doutrina da reencarnação, como pensam alguns; pelo contrário, são distendidos. Essa doutrina amplia os deveres de fraternidade, pois entre os nossos servos pode encontrar-se um Espírito a quem tenhamos estado presos pelos laços da consangüinidade.

Embora os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso menos afeição consagram aos que lhes estão ligados pelos elos da família, dado que, muitas vezes, eles são atraídos para tal ou qual família pela simpatia ou pelos laços que anteriormente se estabeleceram.

8 PARECENÇAS FÍSICAS E MORAIS

Os pais transmitem aos filhos somente a parecença física. As parecenças morais derivam de que uns e outros são Espíritos simpáticos que, reciprocamente, se atraíram pela analogia dos pendores. O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade.

Os pais exercem, porém, grande influência sobre os filhos depois do nascimento destes, pois é sua missão desenvolver os Espíritos dos filhos pela educação. Tornar-se-ão culpados se vierem a falir no seu

desempenho.

Não é raro que mau Espírito peça lhe sejam dados bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja.

Os pais podem melhorar o Espírito do filho que lhes nasceu e está confiado. Esse é seu dever. Os maus filhos são uma prova para os pais.

A semelhança de caráter, que muitas vezes existe entre dois irmãos, tem por consequência a simpatia que aproxima seus Espíritos. Entretanto, não é regra geral que sejam simpáticos os Espíritos dos gêmeos. Acontece também que Espíritos maus entendam de lutar juntos no palco da vida.

Os Espíritos quase sempre se agrupam em famílias, formando-as pela analogia de seus pendores mais ou menos puros, conforme a elevação que tenham alcançado. Um povo é uma grande família formada pela união de Espíritos simpáticos. Na tendência que apresentam os membros dessas famílias para se unirem, é que está a origem da semelhança que, existindo entre os indivíduos, constitui o caráter distintivo de cada povo.

Em novas existências o Espírito conserva os traços do caráter moral de suas existências anteriores, mas, melhorando-se, ele muda. Sendo o Espírito sempre o mesmo, nas diversas encarnações, podem existir certas analogias entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos da posi-

ção que ocupe, até que um aperfeiçoamento notável lhe haja mudado completamente o caráter, porquanto, de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e bondoso, se se arrependeu.

O novo corpo que o Espírito toma nenhuma relação tem com o que foi anteriormente destruído. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Sem dúvida que este é unicamente matéria, porém, nada obstante, se modela pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo cunho, sobretudo no rosto, pelo que é verdadeiro dizer-se que os olhos são o espelho da alma.

9 IDÉIAS INATAS

Reencarnando, o Espírito guarda vaga lembrança das existências anteriores, que lhe dão o que se chama **idéias inatas**. Os conhecimentos que o Espírito adquire em cada existência jamais se perdem. Liberto da matéria, sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, porém a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Em cada nova existência, o ponto de partida para o Espírito é o em que, na existência precedente, ele ficou. A origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos é a lembrança do passado. O corpo muda; o Espírito porém não muda. Mudando de corpo pode perder algumas faculdades intelectuais, desde que conspurcou sua inteligência ou a utilizou mal. Além disso, uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, porque o Espírito quer exercitar outra que nenhuma relação tem com

aquela. O sentimento instintivo que o homem, mesmo quando selvagem, possui da existência de Deus é uma lembrança que ele conserva do que sabia como Espírito, antes de encarnar. O mesmo ocorre com outras crenças relativas à Doutrina Espírita que se observa em todos os povos, pois esta Doutrina é tão antiga quanto o mundo.

- CAPÍTULO V -
CONSIDERAÇÕES SOBRE A
PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

A crença na reencarnação dos Espíritos remonta a épocas que já vão longe. Constituinto uma lei da natureza, o Espiritismo há-de haver existido desde a origem dos tempos. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A idéia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. A ancianidade da doutrina reencarnacionista, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve

origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas até nossos dias.

Não só a reencarnação é ensinada neste livro, como também já antes da sua publicação numerosas comunicações da mesma natureza se obtiveram em vários países, multiplicando-se, depois, consideravelmente.

Muitos repelem a idéia da reencarnação pelo só motivo de ela não lhes convir. Dizem que uma existência já lhes chega de sobra e que, portanto, não desejariam recommençar outra semelhante. Uma de duas: ou a reencarnação existe ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão que sofrer sem que para isso lhes peça Deus permissão.

Afiguram-se-nos os que assim falam, um doente a dizer: sofri hoje bastante, não quero sofrer amanhã. Qualquer que seja seu mau humor, não terá por isso que sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado. Conseqüentemente, se os que de tal maneira se externarem tiverem que viver de novo, corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. Nada lhes adiantará rebelarem-se, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou condenados para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. São demasiado pueris semelhantes objeções para merecerem mais seriamente examinadas.

Se não há reencarnação, só há evidentemente uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma

de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não tinha é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Num e outro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntemos:

1. Por que mostra a alma aptidões diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez adquirir?
2. Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?
3. Donde, em uns, as idéias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?
4. Donde em outras crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou teoria capaz de resolver estes problemas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa eqüidade: é que apenas vemos o presente e não o passado.

O princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho:

"Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: 'Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos'. Perguntaram-lhe então seus discípulos: 'Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias?' Respondeu-lhes Jesus: 'É certo que Elias há-de vir e que

restabelecerá todas as coisas. Mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão morte ao Filho do homem. ' Compreenderam, então, seus discípulos, que era de João Batista que Ele lhes falava" (Mateus, cap. XVII).

Houve, assim, reencarnação do Espírito de Elias que, sem perda de sua individualidade, retomou novo corpo e recebeu outro nome, o de João Batista.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme a mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu.

- CAPÍTULO VI -
DA VIDA ESPÍRITA

1 Espíritos errantes. 2 Mundos transitórios. 3 Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos. 4 Ensaio teórico da sensação nos Espíritos. 5 Escolha das provas. 6 As relações no além-túmulo. 7 Relações de simpatia e antipatia entre os Espíritos. Metades eternas. 8 Recordação da existência corpórea. 9 Comemoração dos mortos. Funerais.

1 ESPÍRITOS ERRANTES

Depois de se haver separado do corpo,

algumas vezes a alma reencarna, imediatamente, porém, de ordinário, só o faz após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores é quase imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos da Terra.

No intervalo das reencarnações, a alma é Espírito errante, intervalo esse que pode durar desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade. Essa duração é uma consequência do livre-arbítrio, mas para alguns constitui uma punição que Deus lhes impõe. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar, com proveito. A erraticidade não é um sinal de inferioridade dos Espíritos, porquanto há Espíritos errantes de todos os graus. O Espírito se acha no estado normal quando liberto da matéria. Os Espíritos puros, isto é, os que já atingiram a perfeição, não são errantes. Esses estudam e procuram elevar-se. Vêm, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados. Com o invólucro material, os Espíritos elevados deixam as paixões más e só guardam a do bem. Quanto aos inferiores, esses as conservam.

Pelo simples fato de haverem deixado o corpo, os Espíritos errantes não se acham completamente desprendidos da matéria; con-

tinuam a pertencer ao mundo onde acabaram de viver ou a outro da mesma categoria, mas podem melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenham de consegui-lo. Os Espíritos errantes são felizes ou desgraçados, conforme os seus méritos. Podem ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiros. A bem dizer, conseguem apenas entrevê-los, donde lhes nasce o desejo de melhorar-se. Os já purificados, descem, freqüentemente, aos mundos inferiores, com o fim de auxiliarem o progresso desses mundos.

2 MUNDOS TRANSITÓRIOS

Há mundos particularmente destinados aos seres errantes que lhes podem servir de habitação temporária. Os Espíritos podem ter acesso a esses mundos e neles gozarem de maior ou menor bem-estar; podem deixá-los livremente a fim de irem para onde devam ir. Enquanto os Espíritos permanecem nos mundos transitórios podem se instruir a fim de passarem a outros lugares melhores. Os mundos transitórios podem se instruir a fim de passarem a outros lugares melhores. Os mundos transitórios não se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes; sua condição é meramente temporária. Os mundos transitórios não são habitados por seres corpóreos; estéril é neles a superfície, mas essa esterilidade é também transitória. A natureza desses mundos reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que damos o nome de **belezas naturais**. A Terra já

pertenceu, durante sua formação, ao número desses mundos.

3 PERCEPÇÃO, SENSAÇÃO E SOFRIMENTO DOS ESPÍRITOS

Ao regressar ao mundo dos Espíritos, a alma conserva as percepções que tinha quando na Terra, além de outras de que aí não dispunha. Quanto mais os Espíritos se aproximam da perfeição, tanto mais sabem. Os inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de tudo e não sabem mais do que os homens.

Os Espíritos não compreendem a duração como nós e daí vem que nem sempre os compreendemos quando se trata de determinar datas ou épocas. Dependendo da sua elevação os Espíritos vêem o que não vemos e tudo apreciam diversamente do nosso modo de ver.

O passado, quando os Espíritos deles se ocupam, é o presente. Como nenhum véu material lhes tolda a inteligência, lembram-se daquilo que já se nos apagou da memória. Mas nem tudo sabem, a começar pela sua própria criação. Quanto ao conhecimento do futuro, depende da elevação que tenham conquistado. Muitas vezes, apenas o entrevêm, porém, nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Quando o vêem, parece-lhes presente. À medida que se aproximam de Deus, tanto mais claramente descortinam o futuro. Depois da morte, a alma vê e aprende num golpe de vista **suas passadas migrações**, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para que tal aconteça, preciso é que, ao cabo de múltiplas existências, se haja integrado

nele. Mesmo quando os Espíritos alcançam a perfeição, ainda não se pode dizer que têm conhecimento completo do futuro, por isso que só Deus é soberano Senhor e ninguém o pode igualar. Os Espíritos Superiores sentem Deus e o compreendem; os inferiores o sentem e adivinham. Deus não transmite suas ordens a qualquer Espírito. Transmite através daqueles que se encontram superiores em perfeição e instrução.

O Espírito não tem circunscrita a visão, como o homem; ela reside em todo ele. Vê por si mesmo, sem necessidade de luz exterior. Para ele, não há trevas, salvo as em que pode achar-se por expiação. Como o Espírito se transporta aonde queira, com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê em toda parte ao mesmo tempo. Seu pensamento pode irradiar e dirigir-se, ao mesmo instante, para muitos pontos diferentes, mas esta faculdade depende da sua pureza. Quanto menos puro é o Espírito, tanto mais limitada tem a visão. A vista do Espírito pode penetrar onde a nossa não pode. Pode também perceber sons imperceptíveis para os nossos ouvidos. Todas as percepções constituem atributos do Espírito e lhe são inerentes ao ser. Quando o reveste um corpo material, elas só lhes chegam pelo conduto dos órgãos próprios, deixando de estar ligados a esses órgãos quando na condição de Espírito livre. Entretanto, o Espírito vê e ouve o que quer, desde que haja alcançado um grau elevado na escala da perfeição.

A música possui infinitos encantos para

os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas. São sensíveis a todas as belezas naturais, de acordo com as aptidões que tenham para as apreciar e compreender. Eles não experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos, mas os conhecem porque os sofreram. Não podem sentir a fadiga, como a entendemos, daí porque não necessitam de descanso corporal, entretanto, repousam no sentido de não estarem em constante atividade. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão de repousar.

Quando um Espírito diz que sofre está se referindo a angústias que o torturam. Se se queixa de frio ou de calor é porque está sentindo reminiscências do que padeceu durante a vida terrena e porque não tem ainda perfeita compreensão do seu estado.

4 ENSAIO TEÓRICO DA SENSAÇÃO NOS ESPÍRITOS

O corpo é o instrumento da dor, mas a percepção da dor é na alma. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. Aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhe falta. O que há, apenas, é que o cérebro guarda a impressão da existência do membro. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos dos Espíritos após a morte. O perispírito é o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos que lhe ser-

vem de condutor, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confunda, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. É mais uma reminiscência do que uma realidade, porém igualmente penosa.

Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o espírito.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama **fluido nervoso**. Uma vez morto nada mais sente por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral.

Se pudesse existir perispírito sem Es-

pírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. A influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de sua individualidade, conforme lhes sucede quando vivos. Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo ser e lhes chegam assim ao **sensorium commune**, que é o próprio Espírito dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. No que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos.

Ao passarem de um mundo para outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do pólo ao equador. Quando nos vêm visitar, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferio-

res como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir. Uma só coisa são obrigados a ouvir: os conselhos dos bons Espíritos. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena. Quanto à sua extensão através do espaço indefinido, do futuro e do passado, depende do grau de pureza e de elevação. Os sofrimentos por que passa são sempre consequência da maneira por que viveu na Terra.

Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste.

5 ESCOLHA DAS PROVAS

Antes de começar sua nova existência, o Espírito escolhe o gênero de provas por que há-de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio. Dando ao Espírito a liberdade de escolha, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Todavia, pelo fato de pertencer ao Espírito a escolha do gênero de provas que deve sofrer, não quer dizer que previmos e buscamos todas as tribulações por que passamos na vida. O Espírito escolhe apenas o gênero de proações; as particularidades correm por conta da posição em que se achar, futuramente. Escolhen-

do, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou de seu livre-arbítrio. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos são só os fatos principais, os que influem no destino.

O Espírito pode desejar nascer entre gente de má vida para lutar contra os maus instintos. Para lutar contra o instinto do roubo, por exemplo, preciso é que se ache em contato com gente dada à prática de roubar. Se não houvesse na Terra gente de maus costumes, o Espírito não encontraria um meio apropriado ao sofrimento de certas provas. Nos mundos superiores é justamente o que ocorre, pois que o mal aí não penetra. Eis porque, nesses mundos, só há Espíritos bons. É preciso grande esforço de nossa parte para que se dê o mesmo na Terra.

Nas provações por que tem de passar, não tem o Espírito que sofrer tentações de todas as naturezas, nem se achar em todas as circunstâncias que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade, pois há Espíritos que, desde o começo, tomam um caminho que os exime de muitas provas. Aquele, porém, que se deixar arrastar para o mau caminho, corre todos os perigos que o içam. Pode um Espírito, por exemplo, pedir a riqueza e ser-lhe esta concedida. Então, conforme seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensu-

alidade. Daí não se segue, entretanto, que haja de forçosamente passar por todas estas tendências. A fim de evitar que o Espírito carecido de experiência escolha uma existência, sem conhecimento de causa, e seja responsável por essa escolha, Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha. Deus não apressa a expiação. Todavia, pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil e quando vê que tal existência servirá para sua purificação e progresso e que, ao mesmo tempo, lhe sirva também de expiação. Há Espíritos que não fazem a escolha das provas logo depois da morte porque acreditam na eternidade das penas, o que lhes serve de castigo.

As provas escolhidas pelo Espírito são de acordo com a natureza de suas faltas. Uns impõem a si mesmos uma vida de miséria e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros, preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosa, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar pelas paixões inferiores que desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício. Há Espíritos, cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido, que, por provação, escolheram o contato com o vício, pelo desejo de viverem num meio conforme os seus

gostos. Estes sofrem mais demoradamente. Cedo ou tarde, compreenderão que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis conseqüências. E Deus os deixará nessa persuasão, até que se tornem conscientes da falta em que incorreram e peçam, por impulso próprio, lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações.

O Espírito pode escolher suas provas futuras ainda encarnado, pois esse desejo pode influir na escolha que venha a fazer, dependendo isso da intenção que o anime. Não é como expiação ou prova, que muita gente deseja as grandezas e as riquezas. A matéria deseja essa grandeza para gozá-la e o Espírito para conhecer-lhe as vicissitudes.

Até que chegue ao estado de pureza perfeita, o Espírito tem que passar por constantes provas, mas não como entendemos, pois havendo-se elevado a um certo grau, embora não seja perfeito, já não tem que sofrer provas. Continua, porém, sujeito a deveres nada penosos.

O Espírito pode escolher, muitas vezes, uma prova que esteja acima de suas forças e sucumbir. Pode também escolher alguma que nada lhe aproveite. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos verifica que nada ganhou e pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido. Neste caso, poderá nascer entre os canibais? Não. Entre canibais não nascem Espíritos já adiantados, mas Espíritos da natureza dos canibais, ou ainda inferiores a estes. O contrário pode acontecer, isto é, nascer no seio de povos civi-

lizados um Espírito vindo de mundo inferior. Mas, nesse caso, fica deslocado no meio em que nasceu, por estarem seus costumes e instintos em conflito com os dos outros homens. Como expiação ou no desempenho de determinada missão, pode o Espírito de um homem que pertenceu a uma raça civilizada renascer numa raça selvagem.

6 AS RELAÇÕES NO ALÉM-TÚMULO

Entre os Espíritos há subordinação e autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível. O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra não lhe dão supremacia no mundo espiritual. O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que o seu servo pode estar na primeira.

Os Espíritos das diferentes ordens se vêm, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a simpatia ou a antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal. Os bons vão a toda parte, mas as regiões que habitam estão interditas aos Espíritos imperfeitos que, no entanto, recebem auxílio dos bons. Os inferiores se comprazem em nos induzir ao mal pelo despeito que lhes causa o não terem merecido estar entre os bons.

Os Espíritos se comunicam entre si por meio do fluido universal, pois é o veículo da transmissão de seus pensamentos. Os perfeitos, podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se vêem. Há, entretanto, certos Espíritos que podem tornar-se invisíveis a outros se julgarem útil fazê-lo. Embora não tenham corpo carnal podem comprovar sua individualidade pelo perispírito. Assim, podem reconhecer-se de geração em geração. Deixando seus despojos mortais, a alma leva ainda algum tempo para que se reconheça a si mesma e alije o véu material. A alma do justo é acolhida no mundo espiritual como bem-amado irmão, desde muito tempo esperado. A do mau, como um ser desprezível. Estes, ficam satisfeitos quando vêem que se lhes assemelham e privados, também, da infinita ventura. Nossos parentes e amigos vêm ao nosso encontro quando deixamos a Terra. Felicitam-nos, como se regressássemos de uma viagem e ajudam-nos no desprendimento dos liames corporais.

Dependendo da elevação, os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte. Porém, se um está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não podem conservar-se juntos. Ver-se-ão de tempos a tempos, mas não estarão reunidos para sempre. Acresce que a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição.

7 RELAÇÕES DE SIMPATIA E ANTIPATIA METADES ETERNAS

Votam-se os Espíritos recíprocas afeições particulares, do mesmo modo que os

homens, sendo, porém, que mais forte é o laço que prende os Espíritos uns aos outros quando carentes de corpo material, porque então esse laço não se acha exposto às vicissitudes das paixões. Há, entre os Espíritos impuros, ódio e são eles que insuflam nos homens as inimizades e as dissensões. No mundo espiritual compreenderão que esse ódio era estúpido. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, enquanto se não purificam. Se foi unicamente um interesse material o que os inimizou, nisso não pensarão mais, por pouco desmaterializados que estejam. Não havendo entre eles antipatia e tendo deixado de existir a causa de suas desavenças, aproximam-se uns dos outros com prazer. Depois da morte, aqueles a quem fizemos o mal neste mundo, se são bons, nos perdoam, segundo o nosso arrependimento. Se maus, é possível que guardem ressentimento do mal que lhes fizemos e nos persigam até, não raro, em outras existências. Deus pode permitir que assim seja, por castigo. As afeições individuais dos Espíritos não se alteram por não estarem eles sujeitos a enganar-se. Falta-lhes a máscara sob que se escondem os hipócritas. Daí vem que, sendo puros, suas afeições são inalteráveis.

Não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. A palavra **metade** é inexata. Se um Espírito fosse metade do outro, separados os dois, estari-

am ambos incompletos. Todos os que atingiram a perfeição estão reciprocamente unidos, porém, nas esferas inferiores, desde que um se eleva, já não simpatiza, como dantes, com os que lhe ficaram abaixo. A simpatia, que atrai um Espírito para outro, resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade. A identidade necessária à existência da simpatia perfeita, está na igualdade dos graus de elevação. No futuro, todos os Espíritos serão simpáticos, pois um Espírito que hoje está numa esfera inferior, aperfeiçoando-se, alcançará a esfera onde reside o outro. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mal elevado, por suportar mal as provas a que esteja submetido, permanecer estacionário. Podem deixar de ser simpáticos um ao outro dois Espíritos que já o sejam, se um deles for preguiçoso.

A teoria das metades eternas encerra uma simples figura representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criados um para o outro, tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade.

8 RECORDAÇÃO DA VIDA CORPÓREA

O Espírito lembra-se de sua existência corpórea na Terra e, muitas vezes, ri penalizado de si mesmo. Essa lembrança não lhe vem completa e inopinadamente após a morte; vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que

nela fixa ele sua atenção. Lembra-se das coisas, de conformidade com as conseqüências que delas resultam para o estado em que se encontra como Espírito errante, compreendendo a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e percebe que, em cada existência, deixa algumas impurezas. Os atos de que tenha interesse em lembrar-se são-lhe como que presentes. Os outros lhe permanecem mais ou menos vagos na mente, ou esquecidos de todo. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. Daí a razão porque, muitas vezes, ao evocarmos um Espírito que acabou de deixar a Terra, verificamos que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de uma porção de coisas que nos parecem importantes. Ele só recorda, perfeitamente bem, dos fatos principais que concorreram para a sua melhoria.

Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar como infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento. A lembrança dos sofrimentos por que passou na última existência corporal lhe faz compreender melhor o valor da felicidade de que pode gozar. Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura qual a deles. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.

Após a morte, os Espíritos conservam o amor à Pátria, porém, para os que já alcançaram maior elevação, a Pátria é o Univer-

so. As idéias se modificam muito quando na erraticidade, à proporção que o Espírito se desmaterializa. Pode este, algumas vezes, permanecer longo tempo imbuído das idéias que tinha na Terra, mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. É então que procura os meios de se tornar melhor.

9 COMEMORAÇÃO DOS MORTOS FUNERAIS

Os Espíritos se sensibilizam ao se lembrarem deles os que lhes foram caros na Terra. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, servelhes de lenitivo. No dia de finados, em maior número se reúnem nas necrópoles, porque também é maior, em tais lugares, o número das pessoas que os chamam pelo pensamento. Aí comparecem sob a forma que tinham quando encarnados.

Não se deve considerar futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família, pois é um costume piedoso de simpatia que dão os que assim procedem aos que lhes foram entes queridos. Conquanto, destituída de importância para os Espíritos, essa reunião é útil aos homens: mais concentradas se tornam suas recordações. Quando já se acham mais elevados, os Espíritos não se comovem com as honras que lhes prestem aos despojos mortais. Porém, há os que, nos primeiros momentos que se seguem à sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes tributam, ou se aborrecem com o pouco caso que façam de seus despojos cor-

porais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos deste mundo.

O Espírito daquele que acaba de morrer assiste, quase sempre, à reunião de seus herdeiros. Para seu ensinamento e castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça. Nessa ocasião, o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam. Todos os sentimentos se lhe patenteiam e a decepção que lhe causa a capacidade dos que entre si partilham os bens por ele deixados o esclarece acerca daqueles sentimentos. Chegará, porém, a vez dos que lhe motivam essa decepção.

Freqüentemente também o Espírito assiste ao seu enterro, mas, algumas vezes, devido ao estado de perturbação, não percebe o que se passa.

- CAPÍTULO VII -

DA VOLTA DO ESPÍRITO À VIDA CORPORAL

1 Prelúdio da volta. 2 União da alma e do corpo. Aborto. 3 Faculdades morais e intelectuais do homem. 4 Influência do organismo. 5 Idiotismo e loucura. 6 A infância. 7 Simpatias e antipatias terrestres. 8 Esquecimento do passado.

1 PRELÚDIO DA VOLTA

Os Espíritos pressentem a sua volta à vida corporal. Muitos há, porém, que em tal coisa não pensam e nem sequer a compreendem. Depende do seu grau de adiantamento.

Para alguns, a incerteza em que se acham no futuro que os aguarda constitui punição. O Espírito pode ainda apressar ou retardar o momento da reencarnação, mas nunca retardar indefinidamente, pois, cedo ou tarde, sente a necessidade de progredir. Pode escolher o corpo em que deve reencarnar, porquanto as imperfeições que este apresente ainda serão para ele provas que lhe auxiliarão o progresso, se vencer os obstáculos que lhe oponha, mas nem sempre é permitida essa escolha. Não pode também recusar, à última hora, tomar o corpo por ele escolhido, pois sofreria, neste caso, muito mais do que aquele que não tentasse prova alguma. Se acontecer que muitos Espíritos se apresentem para tomar determinado corpo destinado a nascer, Deus é quem julga qual o mais capaz de desempenhar a missão a que a criança se destina. Porém, o Espírito é designado antes que soe o instante em que haja de unir-se ao corpo.

No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante e, por vezes, maior e mais longa que aquela que experimenta ao desencarnar. Na incerteza em que se vê, quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, tem uma causa de ansiedade bem grande antes da sua encarnação, pois que, as provas da sua existência, o retardarão ou farão avançar, conforme as suporte. Conforme a esfera a que pertença, o Espírito, no momento de reencarnar, se acha acompanhado de outros Espíritos, que lhe querem e o acompanham até o último momento e, muitas vezes, lhe seguem os passos pela

vida em fora. Os que vemos em sonho, que nos testemunham afeto, são, quase sempre, Espíritos amigos que nos seguem os passos na vida presente.

2 UNIÃO DA ALMA E DO CORPO

A união da alma e do corpo começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento. Até aí, o Espírito designado para habitar certo corpo está ligado a ele por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. Quando o corpo escolhido morre, o Espírito escolhe outro. Essas mortes prematuras, as mais das vezes, são conseqüências da imperfeição da matéria e também servem de prova para os pais. Algumas vezes, sabe o Espírito que o corpo de sua escolha não tem probabilidade de viver, mas, nessa circunstância reside o motivo da escolha, isso significa que não está fugindo da prova. No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, o espírito goza mais ou menos de suas faculdades, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. A vida intra-uterina é como a da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo nascimento, se completam com a vida espiritual. A provocação do aborto constitui crime em qualquer período da gestação, pois impede uma alma de passar pelas provas a que lhe serviria de instru-

mento o corpo que se estava formando. Dado o caso em que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe, é preferível se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.

3 FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS DO HOMEM

As qualidades morais, boas ou más, do homem, são a do Espírito nele encarnado. O homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito, pois, do contrário, poderíamos crer na existência de Espíritos sempre maus. O Espírito progride em insensível marcha ascendente, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Durante um período da sua existência, ele se adianta em ciência; durante outro, em moralidade.

4 INFLUÊNCIA DO ORGANISMO

A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual. O exercício das suas faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento. O invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, assim como um vidro muito opaco o é à livre irradiação da luz. O Espírito dispõe sempre de faculdades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que dão as faculdades, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos. Encarnando, traz o Espírito certas predisposições e, se se admitir que a cada uma corresponda no cérebro um órgão, o desenvolvimento desses ór-

gãos será efeito e não causa. Se nos órgãos estivesse o princípio das faculdades, o homem seria máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade de seus atos.

5 IDIOTISMO E LOUCURA

A alma dos cretinos e dos idiotas não é de natureza inferior. Eles trazem almas humanas, não raro mais inteligentes do que supomos, mas que sofrem da insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar, da mesma forma que o mudo sofre da impossibilidade de falar. Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados. É uma expiação decorrente do abuso que fizeram de certas faculdades. É um estacionamento temporário. O corpo de um idiota pode conter um Espírito que tenha animado um homem de gênio em precedente existência. Na condição de Espírito livre, tem o idiota consciência de seu estado mental. Compreende que as cadeias que lhe obstam o vôo são prova e expiação. O que se desorganiza é sempre o corpo, mas convém não perder de vista que assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que pode acontecer impressionar-se o Espírito, temporariamente, com a alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe as impressões. Pode mesmo suceder que, com a continuação, durante longo tempo a loucura,

a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência de que ele não se libertará senão depois de se haver libertado de toda impressão material. A loucura leva o homem algumas vezes ao suicídio pelo constrangimento em que se acha, donde o procurar, na morte, um meio de quebrar seus grilhões. Depois da morte, porém, pode ressentir-se durante algum tempo, até que se desligue completamente da matéria, como o homem que desperta se ressente, por algum tempo, da perturbação em que o lançou o sono.

6 A INFÂNCIA

O Espírito que anima o corpo de uma criança pode ser tão desenvolvido quanto o de um adulto, dependendo do seu progresso anterior. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar. Obra de conformidade com o instrumento de que dispõe. A criança tem, efetivamente, limitada a inteligência enquanto a idade não lhe amadurece a razão. A perturbação que o ato da encarnação produz no Espírito não cessa de súbito por ocasião do nascimento. Só gradualmente se dissipa com o desenvolvimento dos órgãos. Por morte da criança, seu Espírito readquire seu precedente vigor, pois que se vê desembaraçado de seu invólucro corporal. Entretanto, não readquire anterior lucidez, senão quando se tenha completamente separado daquele envoltório, isto é, quando mais nenhum laço exista entre ele e o corpo. Durante a infância, o Espírito não sofre nenhum constrangimento que a im-

perfeição dos seus órgãos lhe impõe, pois que **é um período de repouso para ele.**

O motivo da mudança que se opera no caráter do indivíduo, em diferentes idades, é por que o Espírito retorna à natureza que lhe é própria e se mostra qual era. A infância é, não só útil, necessária, indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

7 SIMPATIAS E ANTIPATIAS TERRENAS

Dois seres que se conheceram e se estimaram, encontrando-se noutra existência corporal, podem sentir-se atraídos um para o outro, mesmo que não se reconheçam. A recordação das passadas existências teria inconvenientes maiores do que pensamos. A repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas é proveniente de se tratar de Espíritos antipáticos que se adivinham e reconhecem, sem se falarem. Entre nós há ligações que ainda não conhecemos. O magnetismo é o piloto dessa ciência, que mais tarde este mundo compreenderá melhor. A antipatia instintiva não é sempre sinal de natureza má, pois ela deriva da diversidade no modo de pensar entre as pessoas.

8 ESQUECIMENTO DO PASSADO

O Espírito encarnado perde a lembrança do passado, porquanto o homem não pode, nem deve saber tudo. **Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.** Em cada existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do

mal. Onde o seu mérito se se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Há mundos, cujos habitantes guardam lembrança clara e exata de suas existências passadas. Esses podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite fruir.

Nem sempre podemos ter revelações a respeito de nossas vidas anteriores, contudo, muitos sabem o que foram e o que faziam. À medida que o corpo se torna menos material, com mais exatidão o homem se lembra do seu passado. Esta lembrança, os que habitam os mundos de ordem superior, a têm mais nítida. Sendo os pendores instintivos uma reminiscência do seu passado, dar-se-á que, pelo estudo desses pendores, seja possível ao homem conhecer, até certo ponto, as faltas que cometeu. As existências futuras, essas em nenhum caso podem ser reveladas, pela razão de que dependem do modo por que o Espírito se sairá da existência atual e da escolha que ulteriormente faça.

- CAPÍTULO VIII -
DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA

1 O sono e os sonhos. 2 Visitas espíritas entre pessoas vivas. 3 Transmissão oculta de pensamento. 4 Letargia, catalepsia. Morte aparente. 5 So-

*nambulismo. 6 Êxtase. 7 Dupla vista. 8
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e
da dupla vista.*

1 O SONO E OS SONHOS

O Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos. Quando o Espírito se desprende do corpo pelo sono, lembra-se do passado e, algumas vezes, prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, **quer deste mundo, quer do outro**. Dizemos, freqüentemente: tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que vimos ou que veremos em outra existência ou em outra ocasião. Os sonhos não são verdadeiros como entendem os leitores de "*buena-dicha*". São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens que para o Espírito têm realidade, porém que, freqüentemente, nenhuma relação guardam com o que se passa na vida corporal. São um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta.

Para a emancipação do Espírito não é necessário o sono completo. Basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre sua liberdade. Estando desprendido da matéria e atuando como Espírito, pode pressentir qual será a época de sua morte. Também sucede ter plena consciência

dessa época, o que dá lugar a que, em estado de vigília, tenha a intuição do fato. Por isso é que algumas pessoas prevêem, com grande exatidão, a data em que virão a morrer.

A atividade do Espírito, durante o repouso, ou o sono corporal, pode fatigar o corpo, pois que se acha ele preso ao envoltório carnal, qual balão cativo ao poste.

2 VISITAS ESPIRITUAIS ENTRE PESSOAS VIVAS

Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono. Também muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podemos ter, sem que o suspeitemos, amigos em outro país. De ordinário, guardamos a intuição desses fatos, dos quais se originam certas idéias que nos vêm espontaneamente, sem que possamos explicar como nos acudiram. Pela sua vontade, o homem pode provocar visitas espirituais e reunir-se em assembléias. Os laços, antigos ou recentes, de amizade, costumam reunir, desse modo, diversos Espíritos que se sentem felizes de estarem juntos.

3 TRANSMISSÃO OCULTA DE PENSAMENTO

Uma idéia, a de uma descoberta, por exemplo, surge em muitos pontos ao mesmo tempo. Assim é que, muitos podem, simultaneamente, descobrir a mesma coisa. Quando dizemos que uma idéia paira no ar, usamos de uma figura de linguagem mais exata do que supomos. Todos, sem o suspeitarem, contribuem para propagá-la, uma vez que, durante o sono, os

Espíritos se comunicam entre si.

Há, entre os Espíritos que se encontram, uma comunicação de pensamento, que dá causa a que duas pessoas se vejam e compreendam, sem precisarem dos sinais ostensivos da linguagem. Poder-se-ia dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos.

4 LETARGIA, CATALEPSIA, MORTE APARENTE

Os letárgicos e os catalépticos, em geral, vêem e ouvem o que em derredor se diz e faz, sem que possam exprimir o que estão vendo e ouvindo. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se porque a isso se opõe o estado do corpo. Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade está em estado latente, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro, integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório.

A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada.

5 SONAMBULISMO

O sonambulismo é um estado de independência do Espírito mais completo do que o sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem, então, percepções de que não dispõe no sonho, que

é um estado de sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, o Espírito está de posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões **exteriores**. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se, então, deste, como se serve de uma mesa ou outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas.

O chamado sonambulismo magnético tem relação com o sonambulismo natural, só com a diferença de que o magnético é provocado.

A origem das idéias inatas do sonâmbulo e mesmo a capacidade que tem de falar coisas que ignora quando desperto, é dos conhecimentos que dormitam, porque, por demasiado imperfeito, seu invólucro corporal não lhe consente rememorá-los. O sonâmbulo é um Espírito que se encontra encarnado na matéria para cumprir sua missão, despertando dessa letargia quando cai em estado sonambúlico. Ele também pode receber comunicações de outros Espíritos, que lhe transmitem o que deva dizer e suprem a incapacidade que denotam. Pode ver outros Espíritos, dependendo do grau e da natureza da lucidez de cada um.

6 ÊXTASE

O êxtase é um sonambulismo mais apura-

do. A alma do extático ainda é mais independente. Pode ver os mundos superiores e compreender a felicidade dos que os habitam, de acordo com o grau de purificação que haja alcançado. O que o extático vê é real para ele. Mas, como seu Espírito se conserva sempre debaixo da influência das idéias terrenas, pode acontecer que veja a seu modo, ou melhor, que exprima o que vê numa linguagem moldada pelos preconceitos e idéias de que se acha imbuído. Daí o extático estar sujeito a enganar-se muito freqüentemente, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem, porque, então, se deixa levar pela corrente das suas próprias idéias, ou se torna juguete de Espíritos mistificadores, que se aproveitam da sua exaltação para fasciná-lo.

7 DUPLA VISTA

A dupla vista é ainda o resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. **A dupla vista** ou **segunda vista** é a vista da alma.

A dupla vista aparece, as mais das vezes, espontaneamente, mas pode-se desenvolver pelo exercício. O organismo físico influi para sua existência. Há organismos que lhe são refratários. Em algumas famílias parece hereditária; é pela semelhança da organização que se transmite, como as outras qualidades físicas.

- CAPÍTULO IX -

DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

1 Faculdade que têm os Espíritos de penetrar os nossos pensamentos. 2 Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos. 3 Possessos. 4 Convulsionários. 5 Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas. 6 Anjos guardiães ou anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares ou s i m p á t i c o s . 7 Pressentimento. 8 Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida. 9 Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza. 10 Os Espíritos durante os combates. 11 Pactos. 12 Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros. 13. Bênçãos e maldições.

1 FACULDADE QUE TÊM OS ESPÍRITOS DE PENETRAR OS NOSSOS PENSAMENTOS

Os Espíritos podem ver tudo o que fazemos, pois que, constantemente, nos rodeiam. Podem também conhecer os nossos mais secretos pensamentos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.

2 INFLUÊNCIAS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS

Os Espíritos influem, a tal ponto, em nossos pensamentos e atos, que, de ordinário, são eles que nos dirigem. No conjunto de nossos pensamentos, estão sempre de mistura os que são nossos e os que são dos Espíritos. Daí a incerteza em que nos vemos, quando temos duas idéias a se combaterem em nossa mente. Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamen-

tos, os atraem.

Podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos praticando o bem e pondo em Deus toda a nossa confiança. A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às conseqüências. Pode Deus permitir que assim proceda; nunca, porém, lhe determina tal procedimento.

3 POSSESSOS

O Espírito possessor identifica-se com o Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até o termo fixado para sua existência material. Mesmo que não haja a possessão propriamente dita, isto é, a coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, ao ponto de sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada. São esses os verdadeiros posses-
sos, porém, a dominação não se efetua nunca sem que, aquele que a sofre, o consinta quer por sua fraqueza, quer por desejá-la.

As fórmulas de exorcismo não têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos. A prece, porém, é em tudo um poderoso auxílio para a cura da obsessão, mas é indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o

que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos Espíritos obsessores.

4 CONVULSIONÁRIOS

Espíritos de categoria pouco elevada são os que concorrem para a produção dos fenômenos que se verificam nos indivíduos chamados convulsionários. Nalguns, o fenômeno é exclusivamente efeito de magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso. Em outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade. Dir-se-ia que nestes a vida se retirou do corpo, para se concentrar toda no Espírito. Quando este está vivamente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, nada vê e nada ouve.

5 AFEIÇÃO QUE OS ESPÍRITOS VOTAM A CERTAS PESSOAS

Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou susceptíveis de se melhorarem. Os inferiores, com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade dos sentimentos. A verdadeira afeição nada tem de carnal. Os bons Espíritos fazem todo o bem que lhes é possível e se sentem ditosos com as nossas alegrias. Afligem-se com os nossos males, quando os não suportamos com resignação. Dentre os males que mais afligem os Espíritos por nossa causa são o egoísmo e a dureza dos nossos corações. Daí decorre tudo o mais.

Os parentes e amigos, que nos precederam na outra vida, maior simpatia nos votam

do que os que nos são estranhos e sempre nos protegem de acordo com o poder de que dispõem.

6 ANJOS DE GUARDA, ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

Há Espíritos que se ligam particularmente a um indivíduo para protegê-lo: é o protetor. Sua missão é a de um pai com relação aos filhos. Desde o nascimento até a morte ele se dedica ao seu protegido, acompanhando, muitas vezes, na vida espírita e, até mesmo, através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito. O nosso Espírito protetor nos assiste, uma vez que aceitou esse encargo, mas não renuncia a proteger outros indivíduos, porém menos exclusivamente. Quando o protegido se mostra rebelde, seu protetor se afasta, mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta, desde que este o chame. Nem sempre o protetor está junto ao seu protegido, mas não o perde de vista. Mesmo que não saibamos o nome do nosso protetor, podemos invocá-lo e ele nos assiste.

O Espírito protetor, anjo de guarda, ou bom gênio, é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder, quase sempre muito

restrito, de que dispõem. São bons, porém muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se boamente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

7 PRESENTIMENTOS

O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que nos quer bem. Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo. Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam.

8 INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA

Os Espíritos exercem influência nos acontecimentos de nossa vida, mas nunca atuam fora das leis da Natureza. O que Deus quer se executa. Se houver demora na execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque Ele assim o quis.

Os Espíritos não têm, de todo, o poder de afastar de nós os males e de nos favorecer com a prosperidade, porquanto, há males que estão nos decretos da Providência, porém podem amenizar as dores, dando-nos paciência e resignação.

9 AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÔMENOS DA NATUREZA

Todos os fenômenos da Natureza têm uma

razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus, mas Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos. Os Espíritos presidem aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm. Dia virá em que receberemos a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderemos melhor.

10 OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES

Durante uma batalha, há Espíritos assistindo aos combates e amparando cada um dos exércitos. Há Espíritos que só se comprazem na discórdia e na destruição. Para esses, a guerra é a guerra. A justiça de causa pouco os preocupa.

No tumulto dos combates, alguns Espíritos continuam a interessar-se pela batalha, outros, entretanto, afastam-se. Dá-se, nos combates, o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreendido e como atordoado. Julga não estar morto. Parece-lhe que ainda toma parte na ação. Só pouco a pouco é que a realidade lhe surge. O Espírito desencarnado em combate nunca está calmo. Pode acontecer que nos primeiros instantes depois da morte ainda odeie seu inimigo e mesmo o persiga. Quando, porém, se lhe estabelece a serenidade nas idéias, vê que nenhum fundamento há mais para sua animosidade. Contudo, não é impossível que dela guarde vestígios mais ou menos fortes, conforme seu caráter.

11 PACTOS

Não há pacto com os maus Espíritos. Há, porém, naturezas más que simpatizam com os maus Espíritos e pedem a eles que pratiquem o mal, ficando então obrigados a servir depois a esses Espíritos porque estes também precisam do seu auxílio. Nisto apenas é que consiste o pacto.

12 PODER OCULTO TALISMÃS
FEITICEIROS

Não pode um homem mau com o auxílio de um mau Espírito fazer mal ao seu próximo, pois Deus não o permitiria.

Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer uso, se maus forem seus próprios Espíritos, caso em que possível se torna serem secundados por outros Espíritos maus, porém, não devemos crer num pretenso poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. As fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor do concurso dos espíritos, só podem torná-las ridículas, se procedem de boa fé. No caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são mera charlatanaria. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismãs, que tenham qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento, pois, da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos é que depende a natureza do Espírito atraído.

Aqueles que são chamados de feiticeiros são pessoas que, quando de boa fé, gozam de

certas faculdades, como sejam a força magnética ou a dupla vista. Então, como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural. Algumas pessoas têm poder de curar pelo simples contato, pois é a força magnética que chega até aí, quando secundada pela pureza dos sentimentos e por um ardente desejo de fazer o bem. Cumpre, porém, desconfiar da maneira pela qual contam as coisas pessoas muito crédulas e muito entusiastas, sempre dispostas a considerar maravilhoso o que há de mais simples e mais natural. Importa desconfiar também das narrativas interesseiras, que costumam fazer os que exploram, em seu proveito, a credulidade alheia.

13 BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES

Deus não escuta a maldição injusta e culpado perante Ele se torna o que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Tal influência, porém, só se verifica por vontade de Deus como aumento de prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.

— CAPÍTULO X —

DAS OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, cujos ministros são eles. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades. Mesmo os Espíritos inferiores e imperfeitos têm deveres a cumprir.

As ocupações dos Espíritos são incessantes, entendendo-se que sempre ativos são os seus pensamentos, porquanto vivem pelo pensamento. Importa, porém, não identificarmos as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens. Essa mesma atividade lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis. Há Espíritos que se conservam ociosos, mas esse estado é temporário e depende do desenvolvimento de suas inteligências. Há, como há entre os homens, os que só para si mesmos vivem. Pesa-lhes, porém, essa ociosidade e, cedo ou tarde, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis. Referimo-nos aos Espíritos que hão chegado ao ponto de terem consciência de si mesmos e de seu livre-arbítrio, porquanto, em sua origem, todos são crianças que acabam de nascer e que obram mais por instinto que por vontade expressa.

Os Espíritos vulgares costumam imiscuir-se em nossos prazeres e ocupações. Estes nos rodeiam constantemente e com freqüência tomam parte muito ativa no que fazemos, de conformidade com suas naturezas. Cumpre

assim aconteça, porque, para serem os homens impelidos pelas diversas veredas da vida, necessário é que se lhes excitem ou moderem as paixões.

Os Espíritos cumprem suas missões, tanto na erraticidade, quanto no estado de encarnados. Essas missões são tão variadas que impossível fora descrevê-las. Muitas há mesmo que não podemos compreender. Eles executam a vontade de Deus e não nos é dado penetrar-lhe todos os desígnios. A importância das missões do Espírito corresponde à sua capacidade e elevação.

Os Espíritos encarnados recebem a missão de instruir os homens, auxiliar-lhes o progresso, melhorar-lhes as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão como o que governa, ou o que instrui. Tudo em a natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade. Há encarnados que são pobres seres, dignos de compaixão, porquanto expiarão duramente sua voluntária inutilidade.

Pode-se reconhecer que um homem tem realmente na Terra uma determinada missão, pelas grandes coisas que opera, pelos progressos a cuja realização conduz seus semelhantes. Geralmente, os homens que trazem importante missão, quase sempre ignoram.

Baixando à Terra, colimam um vago objetivo. Depois do nascimento e de acordo com as circunstâncias é que suas missões se lhes desenham às vistas. Deus os impele para a senda onde devam executar-lhe os desígnios.

Por outro lado, nem tudo o que o homem faz resulta de missão a que tenha sido predestinado. Amiudadas vezes é o instrumento de que se serve um Espírito para fazer que se execute uma coisa útil.

O Espírito que falir em sua missão, por sua própria culpa, terá que retornar à tarefa; essa a sua punição. Também sofrerá as conseqüências do mal que haja causado. Pode-se considerar a paternidade como uma verdadeira missão. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem. Se a culpa não for dos pais, não serão responsáveis; todavia, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior seu mérito, se conseguirem desviá-lo do mau caminho.

- CAPÍTULO XI -
DOS TRÊS REINOS

- 1 *Os minerais e as plantas.* 2 *Os animais e o homem.*
3 *Metempsicose.*

1 OS MINERAIS E AS PLANTAS

Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há, evidentemente, quatro graus, que apresentam caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramaterias e o conhecimento de Deus.

As plantas não têm consciência de que existem, pois não pensam; só têm a vida orgânica. Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções e, conseqüentemente, não têm a sensação da dor. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos, pensam: têm, apenas, instinto cego e natural.

2 OS ANIMAIS E O HOMEM

O homem é um ser que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem dotado do que muitos destes. A natureza deu tudo aquilo que o homem é obrigado a **inventar com a sua inteligência**, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode

compreender, porque só ele é inteiramente livre. Reconhecemos o homem pela faculdade de pensar em Deus. É verdade que na maioria dos animais domina o instinto, mas, muitos deles, obram denotando acentuada vontade, o que demonstra terem inteligência, porém limitada. Eles têm meios de se comunicarem entre si, porém essa linguagem é restrita às necessidades, como restritas também são as idéias que podem ter.

A liberdade de ação de que desfrutam os animais, é limitada pelas suas necessidades e não se pode comparar à do homem. A aptidão que certos animais denotam para imitar a linguagem do homem, origina-se de uma particular conformação dos órgãos vocais, reforçada pelo instinto de imitação. O macaco imita os gestos; algumas aves imitam a voz.

Possuindo os animais uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria, que sobrevive ao corpo, semelhante à alma, porém inferior a do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus. Após a morte, a alma dos animais conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu **eu**, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente, daí porque não lhe é dado escolher a espécie de animal em que encarna. Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal

fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é **Espírito errante**. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. A alma do animal, depois da morte, é classificada pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizada quase imediatamente. Os animais, como o homem, estão sujeitos a uma lei progressiva, e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre inferiores aos homens e se lhes acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes. Seu progresso se faz pela força das coisas, razão porque não estão sujeitos à expiação. Tudo na Natureza se encadeia por elos que ainda não podemos compreender. A alma do animal e a do homem distinguem-se pelo grau de evolução, razão porque a de um não pode animar o corpo criado para o outro.

Tanto os animais, quanto o homem, tiram o princípio inteligente do elemento inteligente universal, princípio esse que constitui a alma, porém, no homem passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal. O Espírito passa a primeira fase do seu desenvolvimento numa série de existências que precedem o período a que chamamos humanidade. O princípio inteligente vai se individualizando, pouco a pouco, para, depois, entrar no período de humanização, começando a ter consciência do seu futuro e da responsabilidade de seus atos. Esse período de humanização começa, geralmente, em

mundos inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde seu início, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.

O Espírito do homem não tem, após a morte, consciência de suas existências anteriores ao período de humanidade, pois não é desse período que começa sua vida de Espírito. Difícil é mesmo que se lembre de suas primeiras existências humanas. Essa a razão porque os Espíritos dizem que não sabem como começaram.

3 METEMPSICOSE

O Espírito que animou o corpo de um homem não pode encarnar num animal, porquanto o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente. A reencarnação, como os Espíritos a ensinam, se funda, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro de sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade.

— PARTE TERCEIRA —
DAS LEIS MORAIS

— CAPÍTULO I —
DA LEI DIVINA OU NATURAL

1 Caracteres da lei natural. 2 Origem e conhecimento da lei natural. 3 O bem e o mal. 4 Divisão da lei natural.

1 CARACTERES DA LEI NATURAL

A lei natural é lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta. Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo. Para que o homem possa aprofundar-se nas leis de Deus é preciso muitas existências.

Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes. Contêm as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais.

2 ORIGEM E CONHECIMENTO D A LEI NATURAL

Todos podem conhecer a lei de Deus, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue. A alma compreende a lei de Deus de acordo com o grau de perfeição que tenha atingido e dela guarda a intuição quando unida ao corpo. Essa lei está escrita na consciência do homem. Como ele a esquece e despreza, Deus a lembra através de seus missionários, que são Espíritos superiores que se encarnam na Terra, com a missão de fazer progredir a humanidade.

O caráter do verdadeiro profeta é ser um homem de bem, inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos atos. Impossível é que Deus se sirva da boca de um mentiroso para ensinar a verdade. Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito divino o animava. Jesus pregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares. Faz-se mister, agora, que a verdade se torne inteligível para todo mundo, daí porque vieram os Espíritos trazer o ensino claro e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão. Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado.

3 O BEM E O MAL

A moral é a regra do bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Deus deu inteligência ao homem para distinguir por si mesmo o que é bem do que é mal.

Os Espíritos foram criados simples e ignorantes. Deus deixa que o homem escolha o caminho. Tanto pior para ele, se toma o

caminho mau: mais longa será sua peregrinação. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis porque se une ao corpo.

A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende, principalmente, da vontade que se tenha de o praticar. Tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz. Não basta que o homem deixe de praticar o mal; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal **que haja resultado de não haver praticado o bem**. Não há quem não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra ensejo de o praticar. Para certos homens, o meio onde se acham colocados representa a causa primária de muitos vícios e crimes, mas, ainda aí, há uma prova que o Espírito escolheu, quando em liberdade, levado pelo desejo de expor-se à tentação para ter o mérito da resistência. O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo. Nenhum merecimento há em fazê-lo sem esforço e quando nada custe. Em melhor conta tem Deus o pobre que divide com outro o seu único pedaço de pão, do que o rico que apenas dá do que lhe sobra, disse-o Jesus, a propósito do óbulo da viúva.

4 DIVISÃO DA LEI NATURAL

A lei de Deus se acha contida toda no preceito do amor ao próximo, ensinado por Deus. Esse preceito encerra todos os deveres dos homens uns para com os outros. Demais, a lei natural abrange todas as circunstâncias da vida e esse preceito compreende só uma parte da lei. Aos homens são necessárias regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam grande número de portas abertas a interpretações.

A divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de **adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade** e, por fim, **a de justiça, amor e caridade**, é de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Entretanto, a última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.

- CAPÍTULO II -
DA LEI DE ADORAÇÃO

1 Objetivo da adoração. 2 Adoração exterior. 3 Vida contemplativa. 4 A prece. 5 Politeísmo. 6 Sacrifícios.

1 OBJETIVO DA ADORAÇÃO

A adoração consiste na elevação do pensamento a Deus. É um sentimento inato no homem, como o da existência de Deus. A consciência da sua fraqueza leva o homem a curvar-se diante daquele que o pode proteger. Nunca houve povos destituídos de todo sen-

timento de adoração. Todos compreendem que acima de tudo há um ente supremo.

2 ADORAÇÃO EXTERIOR

A adoração verdadeira não precisa de manifestações exteriores, pois ela parte do coração. A adoração exterior, se não constituir num vão simulacro, tem seu valor relativo. Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes. Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele atrai a si todos os que lhe obedecem às leis, qualquer que seja a forma sob que se exprimam. É hipócrita aquele cuja piedade se cifra nos atos exteriores. Mau exemplo dá todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz seu procedimento. A adoração em comum dá mais força aos homens para atrair a si os bons Espíritos. Entretanto, não devemos crer que menos valiosa seja a adoração particular, pois que cada um pode adorar a Deus pensando nele.

3 VIDA CONTEMPLATIVA

Perante Deus não tem mérito a vida contemplativa, porquanto, se é certo que não fazem o mal também o é que não fazem o bem e são inúteis. Demais, não fazer o bem já é um mal. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não

houver feito.

4 A PRECE

A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunhão com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer. A prece torna melhor o homem, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. O essencial não é orar muito, mas orar bem. Aquele que pede perdão de suas faltas só obtém-no mudando de procedimento. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras.

O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que façamos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar força de que necessitem seu corpo e sua alma.

As nossas provas estão nas mãos de Deus e algumas há que têm que ser suportadas até o fim; mas, sempre Deus leva em conta a resignação. A prece traz para junto de nós os bons Espíritos e, dando-nos estes a força de suportá-las, corajosamente, menos rudes

elas nos parecem.

Os desígnios de Deus não podem ser mudados, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira aquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Amai-vos uns aos outros, disse o Cristo. Esta recomendação contém a de empregar o homem todos os meios possíveis para testemunhar aos outros homens afeição, sem haver entrado em minúcias quanto à maneira de atingir ele esse fim. Pode-se também orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de sua vontade.

5 POLITEÍSMO

Uma das crenças mais antigas e espalhadas pelo mundo, foi o politeísmo. A concepção de um Deus único não poderia existir no homem, senão como resultado do desenvolvimento de suas idéias. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e, desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Daí crer em tantas potências distintas quantos os efeitos que observava. Em todos os tempos, porém, houve homens instruídos que compre-

enderam ser impossível a existência desses poderes múltiplos a governarem o mundo, sem uma direção superior, e que, em consequência, se elevaram à concepção de um Deus único.

6 SACRIFÍCIOS

Remonta à mais alta antigüidade o uso dos sacrifícios humanos, e isso se explica porque o homem não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Nos povos primitivos, a matéria sobrepuja o Espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem. Em segundo lugar, é natural que os homens primitivos acreditassem ter uma criatura animada muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi isto que os levou a imolarem, primeiro, animais e, mais tarde, homens. Não foi de um sentimento de crueldade que se originaram os sacrifícios humanos e sim de uma idéia errônea quanto a maneira de agradar a Deus. Com o correr dos tempos, os homens entraram a abusar dessas práticas, imolando seus inimigos comuns, até mesmo seus inimigos particulares. As Guerras Santas, por exemplo, são feitas por homens impelidos pelos maus Espíritos que contravêm à vontade de Deus. Todas as religiões, ou, antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, não se justificando uma guerra sob o fundamento de ser a religião destes diferente da daqueles. Deus abençoa sempre os que fazem o

bem, e o melhor meio de honrá-lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos. O homem que se atém às exterioridades, e não ao coração, é um Espírito de vistas acanhadas.

- CAPÍTULO III -
DA LEI DO TRABALHO

1 Necessidade do trabalho. 2 Limite do trabalho. Repouso.

1 NECESSIDADE DO TRABALHO

O trabalho é lei da natureza, por isso que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos. O Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.

O trabalho se impõe ao homem por ser uma consequência da sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Em mundos mais adiantados também existe o trabalho, porém a sua natureza está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho. Mesmo neste mundo, o homem que possua bens suficientes para lhe assegurarem a existência, não está isento do trabalho. Deve ser útil aos semelhantes conforme os meios de que disponha. Os filhos devem trabalhar para seus pais, do mesmo modo que os pais têm de trabalhar para seus filhos, pois os membros de uma família devem ajudar-se mutuamente.

2 LIMITE DO TRABALHO

REPOUSO

O repouso é uma lei da Natureza, pois serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria. O limite do trabalho é o das forças e a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem, porém, todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus. O homem tem direito de repousar na velhice. Não tendo esta família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei da caridade.

- CAPÍTULO IV -

DA LEI DE REPRODUÇÃO

1 População do globo. 2 Sucessão e aperfeiçoamento das raças. 3 Obstáculos à reprodução. 4 Casamento e celibato. 5 Poligamia.

1 POPULAÇÃO DO GLOBO

É lei da Natureza a reprodução dos seres vivos, sem o que o mundo corporal pereceria. Mesmo com a progressão crescente que vemos, a população não chegará a ser excessiva, pois Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio. Ele coisa alguma inútil faz. O homem, que apenas vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.

2 SUCESSÃO E APERFEIÇOAMENTO

D A S

RAÇAS

Há raças humanas que decrescem, mas outras lhes terão tomado o lugar, como outras um dia tomarão o lugar das atuais. Os homens atuais não formam uma criação nova, pois são os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana, que, pelo seu crescimento, tende a invadir a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de crescimento e de desaparecimento. Substituí-la-ão outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos. A origem das raças se perde na noite dos tempos. As raças animais e vegetais podem ser aperfeiçoadas pela Ciência. Sendo a perfeição a meta para que tende a Natureza, favorecer essa perfeição é corresponder às vistas de Deus.

3 OBSTÁCULOS À REPRODUÇÃO

Tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrario à lei geral. Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar, sem abusar. Pode, pois, regular a reprodução, de acordo com as necessidades. Não deve opor-se-lhe sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso que Deus dispôs para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza e é ainda isso o que o distingue dos animais, porque ele obra com conhecimento de causa. Mas, os mesmos animais

também concorrem para a existência desse equilíbrio, porquanto o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, provendo à própria conservação, obstem ao desenvolvimento excessivo, quiçá perigoso, das espécies animais e vegetais de que se alimentam. Quanto, porém, aos usos cujo efeito consiste em obstar à reprodução, para satisfação da sensualidade, trata-se da predominância do corpo sobre a alma, o que demonstra quanto o homem é material.

4 CASAMENTO E CELIBATO

O casamento representa uma medida para a marcha e progresso da humanidade. Sua abolição seria uma regressão à vida dos animais. A indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis. O celibato voluntário, entretanto, representa egoísmo e desagrade a Deus e engana o mundo. Não se deve confundir o celibato voluntário com aquele que é feito, como sacrifício, a serviço da humanidade, porque todo sacrifício pessoal é meritório, quando feito para o bem. Quanto maior o sacrifício, tanto maior o mérito.

5 POLIGAMIA

A poligamia é lei humana cuja abolição marcou um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade.

- CAPÍTULO V -
LEI DE CONSERVAÇÃO

1 Instinto de conservação. 2 Meios de conservação. 3 Gozo dos bens terrenos. 4 Necessário e supérfluo. 5 Privações voluntárias. Mortificações.

1 INSTINTO E CONSERVAÇÃO

Todos os seres vivos possuem o instinto de conservação, seja qual for o grau de sua inteligência. Nuns, é puramente maquinal, racionado em outros. Todos os seres têm que concorrer para o cumprimento dos desígnios da Providência, daí porque Deus lhes outorgou o instinto de conservação. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.

2 MEIOS DE CONSERVAÇÃO

Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus lhe facultou, em todos os tempos, os meios de o conseguir. Essa a razão porque faz que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. A Terra produziria sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ela produz não lhe basta a todas as necessidades, é que ele emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário. O solo é a fonte primacial donde dimanam todos os outros recursos, pois que, em definitivo, estes recursos são sim-

ples transformações dos produtos do solo. Se a uns faltam os meios de subsistência, ainda quando os cerca a abundância, deve-se atribuir isso ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que lhes cumpre. Depois, e as mais das vezes, devem-no a si mesmos. Buscai e achareis, estas palavras não querem dizer que, para achar o que deseje, basta que o homem olhe para a Terra, mas que lhe é preciso procurá-lo, não com indolência, e sim com ardor e perseverança, sem desanimar ante os obstáculos, que muito amiúde são simples meios de que se utiliza a Providência para lhe experimentar a constância, a paciência e a firmeza.

Nos mundos de mais apurada organização, os seres vivos também têm a necessidade de alimentar-se, porém seus alimentos estão em relação com a sua natureza. Tais alimentos não seriam bastante substanciosos para os nossos estômagos grosseiros; assim como os deles não poderiam digerir os nossos alimentos.

3 GOZO DOS BENS TERRENOS

O uso dos bens terrenos é um direito de todos os homens. Deus não imporia um dever sem dar ao homem o meio de cumpri-lo. Pôs atrativos no gozo dos bens materiais, objetivando, assim, desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos.

O homem que procura nos excessos de todo gênero o requinte do gozo, coloca-se abaixo do bruto, pois que este sabe deter-se, quando satisfeita a sua necessidade.

4 NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO

Aquele que é ponderado conhece o limite do necessário por intuição. Muitos só chegam a conhecê-lo por experiência e à sua própria custa. Por meio da organização que lhe deu, a Natureza traçou ao homem o limite das necessidades; porém, os vícios lhe alteraram a constituição e lhe criaram necessidades que não são reais. Os que açambarcam os bens da Terra para se locupletarem com o supérfluo, em prejuízo daqueles a quem falta o necessário, olvidam a lei de Deus e terão de responder pelas privações que houverem causado aos outros.

5 PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS MORTIFICAÇÕES

A lei da conservação obriga o homem a prover as necessidades do corpo, porque, sem força e saúde, impossível é o trabalho. É natural que o homem procure o bem-estar. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação.

Há privações voluntárias que são meritórias, como a dos gozos inúteis, porque desprende da matéria o homem e lhe eleva a alma. Meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que carecem do bastante. A vida de mortificações ascéticas, se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendem de colorila. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação,

segundo a caridade cristã. Não é racional a abstenção de certos alimentos, pois, permitido é ao homem alimentar-se de tudo o que não lhe prejudique a saúde. Alguns legisladores, porém, com um fim útil, entenderam de interdizer o uso de certos alimentos e, para maior autoridade imprimirem às suas leis, apresentaram-nas como emanadas de Deus. A alimentação animal, com relação ao homem, não é contrária à lei da Natureza, pois, dada a sua constituição física, a carne alimenta a carne. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame sua organização.

Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam o homem, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não concorrem para o bem de outrem. Não se adiantam no caminho do progresso os que abreviam a vida, mediante rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de muitas seitas. Sofrer alguém, voluntariamente, apenas por seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade: tais os preceitos.

- CAPÍTULO VI -
DA LEI DE DESTRUIÇÃO

1 Destruição necessária e destruição abusiva. 2 Flagelos destruidores. 3 Guerras. 4 Assassínio. 5 Crueldade. 6 Duelo. 7 Pena de morte.

1 DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E DESTRUIÇÃO ABUSIVA

Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. O que chamamos de destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destróem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição e que não é parte essencial do ser pensante. A Natureza cerca os seres de meios de preservação e de conservação a fim de que a destruição não se dê antes do tempo. Toda destruição antecipada obsta ao desenvolvimento do princípio inteligente. Por isso foi que Deus fez que cada ser experimentasse a necessidade de viver e de se reproduzir. Ao lado dos meios de conservação, a Natureza colocou os agentes de destruição para manter o equilíbrio e servir de contrapeso. A necessidade de destruição não é idêntica em todos os mundos: guarda proporções com o estado mais ou menos material desses mundos. Cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados. Entre os homens da Terra, a necessidade de destruição se enfraquece à medida que o Espírito sobrepuja a matéria. Assim é que, como se observa, o horror à destruição cresce com o seu desenvolvimento intelectual e moral. Em seu estado atual, o direito de destruição se acha regulado pela necessidade que tem o homem de prover ao seu susten-

to e à sua segurança. O abuso jamais constitui direito. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destróem para satisfação de suas necessidades, enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, o faz sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.

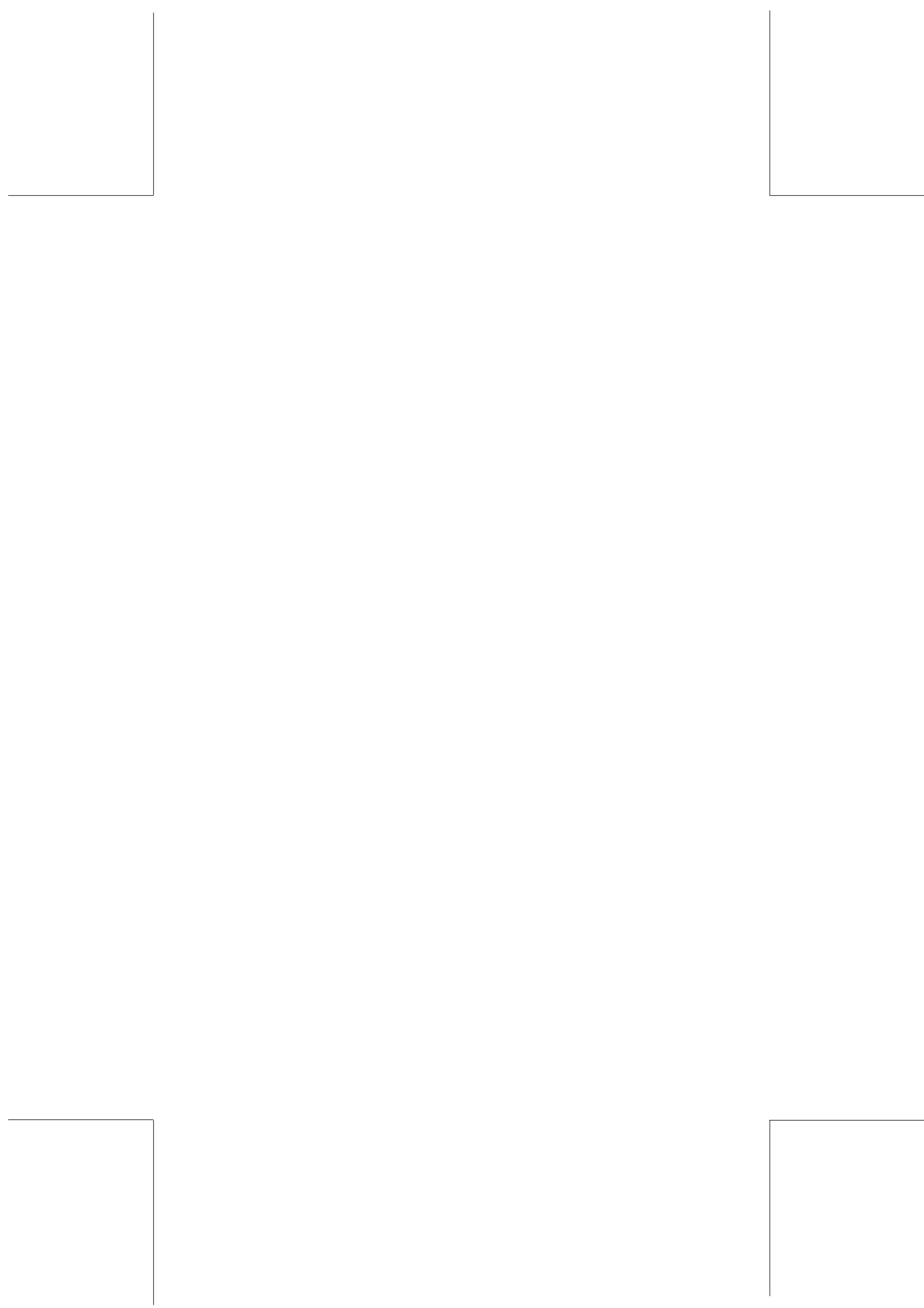
2 FLAGELOS DESTRUIDORES

Deus fere a humanidade por meio de flagelos destruidores para fazê-la progredir mais depressa; emprega também outros meios, mas o homem não aproveita desses meios, daí ser preciso castigar o seu orgulho e fazê-lo sentir a fraqueza. A vida terrena pouco representa com relação à vida espiritual; por isso, pouca importância têm para o Espírito os flagelos destruidores, sob o ponto de vista do sofrimento. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército, cujos soldados, durante a guerra, ficassem com os seus uniformes estragados, rotos, ou perdidos.

O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.

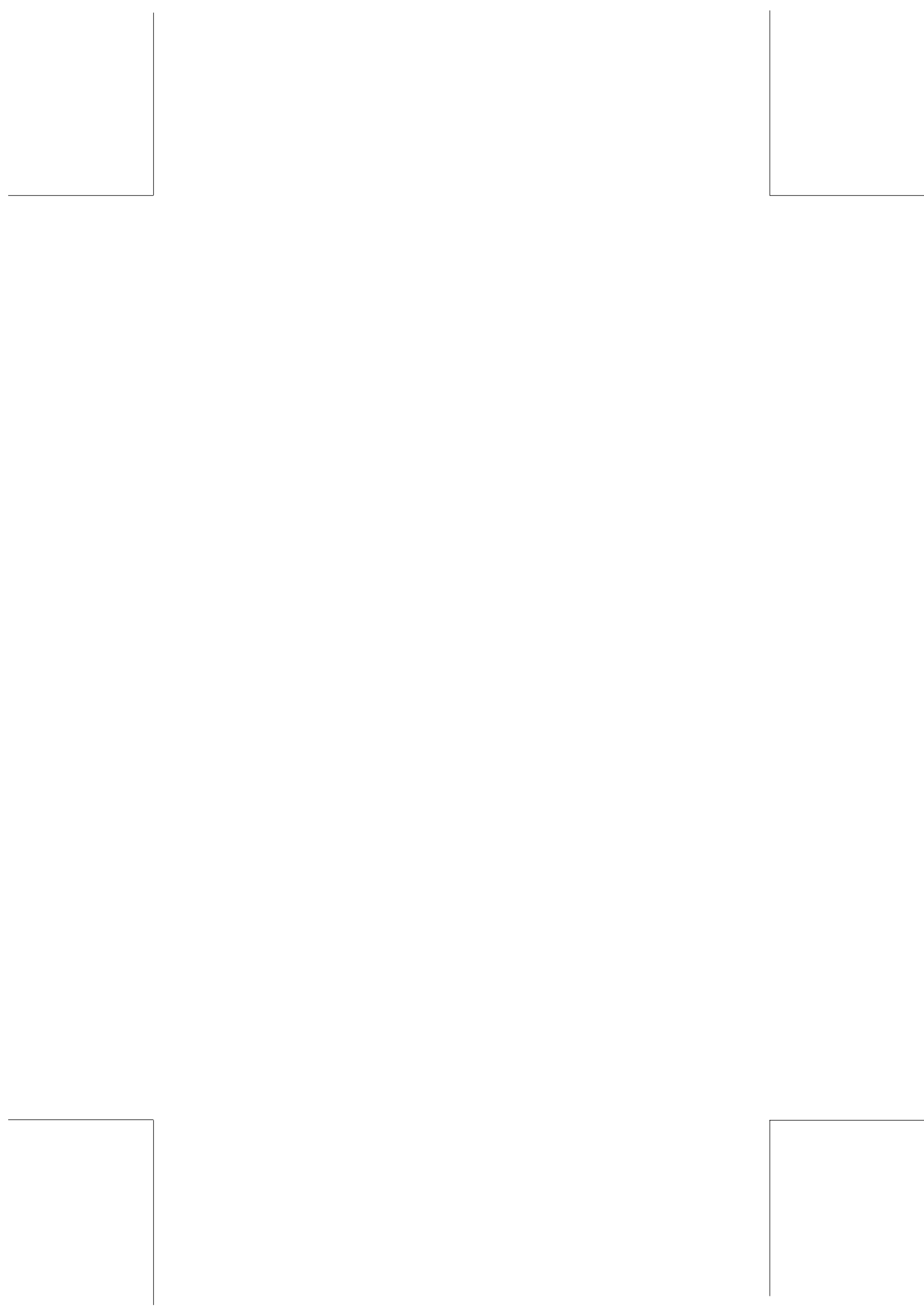
3 GUERRAS

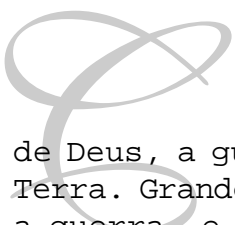
O que impele o homem à guerra é a predominância da natureza animal sobre a nature-





za espiritual e trasbordamento das paixões. À medida que ele progride, menos frequente se torna a guerra. Quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei





de Deus, a guerra desaparecerá da face da Terra. Grande culpado é aquele que suscita a guerra, e **muitas existências** lhe serão necessárias para expiar todos os assassínios de que haja sido causa, porquanto responderá por todos os homens cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição.

4 ASSASSÍNIO

Aos olhos de Deus, é grande crime o assassínio, pois que aquele que tira a vida ao seu semelhante corta o fio de **uma existência de expiação ou de missão**. Só a necessidade de legítima defesa o pode escusar da responsabilidade. Mas, desde que o agredido possa preservar a sua vida, sem atentar contra a de seu agressor, deve fazê-lo. Também será escusado no caso de constrangimento pela força, como na guerra, mas será culpado das crueldades que cometa, sendo-lhe também levado em conta o sentimento de humanidade com que proceda.

5 CRUELDADE

A crueldade é o instinto de destruição no que tem de pior, porquanto, se, algumas vezes, a destruição constitui uma necessidade, com a crueldade jamais se dá o mesmo. Ela resulta sempre de uma natureza má, a crueldade forma o caráter predominante dos povos primitivos, porquanto nestes a matéria prepondera sobre o Espírito. A crueldade se encontra também no seio da mais adiantada civilização, do mesmo modo que numa

ABC do Espiritismo -159-

árvore carregada de bons frutos se encontram verdadeiros abortos, pois Espíritos de ordem inferior podem encarnar entre homens adiantados, na esperança de também se adiantarem. Mas, desde que a prova é por demais pesada, predomina a natureza primitiva. Entretanto, como a humanidade progride, um dia esses homens desaparecerão, como o mau grão se separa do bom, quando este é joeirado. Mas desaparecerão para renascer sob outros invólucros.

6 DUELO

O duelo não pode ser considerado como legítima defesa; é um assassinio e um costume absurdo, digno dos bárbaros, e aquele que o praticar, conhecendo a sua própria fraqueza, será considerado um suicida. O que se chama **ponto de honra**, em matéria de duelo não passa de orgulho e vaidade.

7 PENA DE MORTE

Um dia, quando os homens estiverem mais esclarecidos, desaparecerá da face da Terra a pena de morte. Há outros meios de se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento. Jesus disse: "*Quem matar com a espada, pela espada perecerá*". Com efeito, a pena de talião é a justiça de Deus. É ele quem a aplica. Todos nós sofremos essa pena a cada instante, pois que somos punidos naquilo em que houvermos pecado, **nesta existência ou em outra**. Aquele que foi a causa do sofrimento para seus semelhantes virá achar-se numa

condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus. A pena de morte é um crime, quando aplicada em nome de Deus, e os que a impõem se sobrecarregam de outros tantos assassínios.

- CAPÍTULO VII -
DA LEI DE SOCIEDADE

1 Necessidade da vida social. 2 Vida de insulamento. Voto de silêncio. 3 Laços de família.

1 NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL

Deus fez o homem para viver em sociedade. O isolamento absoluto é contrário à lei da Natureza, pois que, por instinto, os homens buscam a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente. O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é possível. Por não dispor de todas as faculdades. No insulamento, ele se embrutece e estiola.

**2 VIDA DE ISOLAMENTO VOTO DE
SILÊNCIO**

Isolamento absoluto é uma satisfação egoísta. Não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém. Fugir ao pernicioso contato do mundo é duplo egoísmo; esse retraimento não dá mérito nenhum, pois fazer maior soma de bem do que de mal constitui a melhor expiação. Evitando um mal, aquele que por tal motivo se insula cai noutro, pois esquece a

lei de amor e caridade. Entretanto, os que fogem do mundo para se votarem ao mister de socorrer os desgraçados, se elevam. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos gozos materiais e de fazerem o bem, obedecendo à lei do trabalho.

3 LAÇOS DE FAMÍLIA

Entre os animais, os pais e os filhos deixam de reconhecer-se, desde que estes não mais precisam de cuidados, porquanto vivem vida material e não vida moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz. Logo que esses seres podem cuidar de si mesmos, está ela com a tarefa concluída. No homem há alguma coisa a mais, além das necessidades físicas: há a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis porque os segundos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos.

- CAPÍTULO VIII - DA LEI DO PROGRESSO

1 Estado de natureza. 2 Marcha do progresso. 3 Povos degenerados. 4 Civilização. 5 Progresso da legislação humana. 6 Influência do Espiritismo no progresso.

1 ESTADO DE NATUREZA

O estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o es-

tado de natureza, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da Humanidade. O homem não pode retrogradar para o estado de natureza, pois ele tem que progredir incessantemente. Desde que progride, é porque Deus assim o quer. Pensar que possa retrogradar à sua primitiva condição, fora negar a lei do progresso.

2 MARCHA DO PROGRESSO

O Homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio de contato social. O progresso moral decorre do intelectual, mas nem sempre o segue imediatamente. O progresso intelectual faz compreensível o bem e o mal, e o homem, assim, pode escolher. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo o atingem. Enquanto não se lhes haja desenvolvido o senso moral, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. A moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se.

O homem não tem o poder de paralisar a marcha do progresso, mas tem, às vezes, o de embarçá-la. Os que assim procedem, serão levados de roldão pela torrente que procuram deter. Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto devera, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma. O maior obstáculo do progresso moral é o orgulho e o egoísmo, por-

quanto o intelectual se efetua sempre.

3 POVOS DEGENERADOS

Mostra-nos a História que muitos povos, depois de abalos que os revolveram profundamente, recaíram na barbaria. Pois bem, os Espíritos que, encarnados, constituem o povo degenerado não são os que o constituíam ao tempo de seu esplendor. Os de então, tendo-se adiantado, passaram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto os outros, menos adiantados, tomaram o lugar que ficara vago e que também, a seu turno, terão um dia de deixar. As raças rebeldes vão se aniquilando corporalmente, todos os dias.

Os povos, que apenas vivem a vida do corpo, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se exaure, como a de um homem. Mas, aqueles, cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador, viverão e servirão de farol aos outros povos.

4 CIVILIZAÇÃO

A civilização é um progresso incompleto, porque o homem não passa subitamente da infância à maturidade. Quando a moral estiver desenvolvida quanto à inteligência, a civilização alcançará condição para fazer com que desapareçam os males que haja produzido.

A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso

natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral.

5 PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA

Se todos compreendessem as leis naturais, não seriam necessárias as leis especiais. Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas. Infelizmente, essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a lhe secar a fonte. Só a educação poderá reformar os homens que, então, não mais precisarão de leis tão rigorosas.

6 INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO

O Espiritismo tornar-se-á crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse, do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos. O Espiritismo contribui para o progresso destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor

que, por meio do presente, lhe é dado preparar o futuro. Abolindo os prejuízos de seita, de casta, e de cor, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.

Os Espíritos não ensinaram em todos os tempos o que ensinam hoje, porquanto, cada coisa vem a seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que podem compreender agora. Com os seus ensinamentos, embora incompletos, preparam o terreno para receber a semente que vai frutificar.

- CAPÍTULO IX -
DA LEI DE IGUALDADE

1 Igualdade natural. 2 Desigualdade das aptidões. 3 Desigualdades sociais. 4 Desigualdade das riquezas. 5 As provas de riqueza e de miséria. 6 Igualdade dos direitos do homem e da mulher. 7 Igualdade perante o túmulo.

1 IGUALDADE NATURAL

Todos os homens são iguais perante Deus e estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.

2 DESIGUALDADE DAS APTIDÕES

Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes viveu mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou

menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus de experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí aperfeiçoarem-se uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Demais, sendo **solidários entre si todos os mundos**, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do nosso, venham habitá-lo, para nos dar o exemplo. Passando de um mundo superior a outro inferior, conserva o Espírito, integralmente, as faculdades adquiridas, porém, poderá escolher, no estado de Espírito livre, um invólucro mais grosseiro, ou posição mais precária do que os que já teve, porém tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir.

3 DESIGUALDADES SOCIAIS

A desigualdade social não é lei da Natureza. É obra do homem, e não de Deus. Um dia desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Os que abusaram da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos serão, a seu turno, oprimidos: **renascerão** numa existência em que terão de sofrer o que tiverem feito sofrer aos outros.

4 DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

A desigualdade das riquezas origina-se, quase sempre, da velhacaria e do roubo. Mesmo a riqueza herdada, muitas vezes se originou de uma espoliação ou de uma injustiça. É fora de dúvida que os que herdam uma riqueza mal adquirida não são responsáveis pelo mal que outros hajam feito, sobretudo se eles o ignoram, como é possível que aconteça, mas sabemos que, muitas vezes, a riqueza vem às mãos de um homem para lhe proporcionar ensejo de reparar uma injustiça. Se a fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a ambos será a reparação levada em conta, porquanto, não raro, é este último quem a provoca. A igualdade das riquezas não pode existir, pois a isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres. Aqueles que julgam ser esse o remédio aos males da sociedade, não compreendem que a igualdade com que sonham seria a curto prazo desfeita pela força das coisas. Com o bem-estar não se dá a mesma coisa, mas é relativo e todos poderiam dele gozar, se se entendesse convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. Em tudo existe o equilíbrio; o homem é quem o perturba.

5 AS PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA

Deus concede a uns as riquezas e o poder, e a outros, a miséria, para experimentá-los de modo diferente. Além disso, como

sabemos, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência. As misérias provocam **queixas** contra a Providência e a riqueza incita a todos os excessos. Com a riqueza, as necessidades do homem aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.

6 IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER

Deus outorgou, tanto ao homem como à mulher, a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir. A inferioridade da mulher em certos países provém do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. A mulher é mais fraca, fisicamente, e por isso os seus trabalhos são mais leves. Ao homem, por ser mais forte, cabem-lhe os trabalhos mais rudes, mas ambos devem ajudar-se mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.

Por outro lado, as funções a que a mulher é destinada pela Natureza, têm maior importância que as do homem, pois é ela quem lhe dá as primeiras noções da vida. A lei humana, para ser eqüitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a uma ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização.

7 IGUALDADE PERANTE O TÚMULO

O desejo que o homem sente de perpetuar sua memória por meio de monumentos fúnebres é o último ato de orgulho dos parentes,

desejosos de se glorificarem a si mesmos. Entretanto, não é reprovável, de modo absoluto, a pompa dos funerais, quando se tenha em vista honrar a memória de um homem de bem, pois isso é justo e de bom exemplo.

- CAPÍTULO X -
DA LEI DE LIBERDADE

1 Liberdade natural. 2 Escravidão. 3 Liberdade de pensar. 4 Liberdade de consciência. 5 Livre-arbítrio. 6 Fatalidade. 7 Conhecimento do futuro. 8 Resumo teórico do móvel das ações humanas.

1 LIBERDADE NATURAL

Não há no mundo posições em que o homem possa jactar-se de gozar de liberdade absoluta, porquanto todos precisam uns dos outros, assim os pequenos como os grandes. Só na posição do eremita do deserto é que o homem poderia gozar de absoluta liberdade, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumprem respeit

2 ESCRAVIDÃO

A escravidão é contrária à lei de Deus, porque é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos. A desigualdade natural das aptidões coloca certas raças humanas sob a dependência das raças mais inteligentes, para que estas se elevem, não para embrutecê-las ainda mais pela escravização.

3 LIBERDADE DE PENSAR

No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. Pode-se deter o vôo, porém, não aniquilá-lo, mas, perante Deus é responsável pelo seu pensamento.

4 LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso. Com referência à crença, toda ela é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzem ao mal. Aquele que escandalize com a sua crença um outro que não pensa assim, está faltando com a caridade e atentando contra a liberdade de pensamento. Devemos, entretanto, trazer ao caminho da verdade os que se transviam, obedecendo a falsos princípios, mas servindo-nos da brandura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríamos convencer. As doutrinas que são expressão única da verdade, são aquelas que mais homens de bem e menos hipócritas fizeram, isto é, pela prática da lei do amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação.

5 LIVRE-ARBÍTRIO

O homem tem o livre-arbítrio de seus atos, pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio o homem seria máquina. Já não é senhor do seu pensamento aquele cuja inte-

ligência se ache turbada por uma causa qualquer e, desde então, já não tem liberdade. Essa aberração constitui, muitas vezes, uma punição para o Espírito que, porventura, tenha sido, noutra existência, fútil e orgulhoso, ou tenha feito mau uso de suas faculdades. O Espírito, porém, sofre por efeito desse constrangimento, de que tem perfeita consciência. Está aí a ação da matéria.

6 FATALIDADE

A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, institui para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. No que se refere às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Ao vê-lo fraquear, um bom Espírito pode vir-lhe em auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar-lhe a vontade. Qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não pereceremos, mas não serão inúteis as precauções que devemos tomar para evitá-la, pois elas são sugeridas com o fito de evitarmos a morte que nos ameaça. Muitas vezes, sabe o Espírito antecipadamente de que gênero será a sua morte. Sabe igualmente quais as lutas que terá de sustentar para evitá-la e que, se Deus permitir, não sucumbirá. Muito amiúde tem o homem o pressentimento do seu fim, como pode

ter o de que ainda não morrerá. Esse sentimento lhe vem dos Espíritos seus protetores, que assim o advertem para que esteja pronto a partir, ou lhe fortalecem a coragem nos momentos em que mais dela necessita. Com todos os acidentes, que nos sobrevêm no curso da vida, não se dá o mesmo que com a morte, pois são, de ordinário, coisas muito insignificantes, de sorte que podem nos prevenir deles e fazer que os evitemos algumas vezes. Isso, porém, nenhuma importância tem na vida que escolhemos. A fatalidade, verdadeiramente, só existe no momento em que devemos aparecer e desaparecer deste mundo. Há fatos que forçosamente têm que se dar, mas não devemos crer que tudo que sucede esteja escrito, como costumam dizer. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de um ato que praticamos por nossa livre vontade, de tal sorte que, se não houvesse praticado, o acontecimento não se teria dado. Pode o homem, pela sua vontade e por seus atos, fazer que se não dêem acontecimentos que deveriam verificar-se reciprocamente, se essa aparente mudança na ordem dos fatos tiver cabimento na seqüência da vida que ele escolheu. Não se deve acreditar que tudo o que nos acontece estava escrito. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de ato praticado por livre vontade. Aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la ou não. Se soubesse previamente que, como homem, teria que cometer um crime, o Espírito estaria a isso predestinado. Ninguém há predestinado ao crime e todo crime, como

qualquer outro ato, resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio. O que chamamos fatalidade decorre do gênero da existência escolhida, portanto não há fatalidade absoluta. Dizer-se que alguém nasceu sob uma boa estrela é uma superstição antiga que prendia às estrelas os destinos dos homens. Alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra.

7 CONHECIMENTO DO FUTURO

Em princípio, o futuro é oculto ao homem e só em casos raros e excepcionais permite Deus que seja revelado. Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria do presente e não obraria com a liberdade com que o faz, porque dominaria a idéia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procuraria obstatar a que acontecesse. Assim é que nós mesmos preparamos, muitas vezes, os acontecimentos que hão-de sobrevir no curso de nossa existência. Às vezes, Deus permite que o futuro seja revelado, porquanto o seu conhecimento prévio facilita a execução de uma coisa, em vez de a estorvar, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se lhe não fosse feita a revelação. Não raro, também é uma prova.

8 RESUMO TEÓRICO DO MÓVEL DAS AÇÕES HUMANAS

O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Desprendido da matéria e no estado de erraticidade,

o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, de acordo com o grau de perfeição a que haja chegado e é nisto que consiste, sobretudo, o seu livre-arbítrio. Se ele cede à influência da matéria, é que sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Para ter quem o ajude a vencê-las, concedido lhe é invocar assistência de Deus e dos bons Espíritos.

Sem o livre-arbítrio o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. Nenhuma desculpa poderá o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto.

A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os sucessos da vida, qualquer que seja a importância deles. Se tal fosse a ordem das coisas, o homem seria qual máquina sem vontade. Contudo, a fatalidade é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que o Espírito escolheu como **prova, expiação** ou **missão**. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as **tendências** boas ou más, que lhe são inerentes. Aí, porém, acaba a fatalidade, pois de sua vontade depende ceder ou não a essas tendências. Os pormenores dos acontecimentos, esses ficam subordinados às circunstâncias que ele próprio cria pelos seus atos, sendo que nessas circunstâncias podem

os Espíritos influir pelos pensamentos que sugerirem.

No que concerne à morte, é que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por isso que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência, nem o gênero de morte que haja de cortar a esta o fio.

Quanto ao mais, o homem pode pedir a Deus a força necessária, reclamando, para tal fim, a assistência dos bons Espíritos. E foi o que Jesus nos ensinou por meio da sublime prece que é a **Oração dominical**, quando manda que digamos: "*Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal*".

— CAPÍTULO XI —

DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

1 Justiça e direitos naturais. 2 Direito de propriedade. Roubo. 3 Caridade e amor do próximo. 4 Amor materno e filial.

1 JUSTIÇA E DIREITOS NATURAIS

O sentimento de justiça está na natureza, porém, é fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá, pois Deus o pôs no coração do homem. Daí vem que, freqüentemente, em homens simples e incultos se nos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber. Os homens entendem a justiça de modo diferente, porque a esse sentimento se misturam paixões que o alteram, fazendo que vejam as coisas por um prisma falso. A justiça consiste em cada um

respeitar os direitos dos demais. Esses direitos são regulados por duas leis: a humana e a natural. Tendo os homens formulado leis apropriadas a seus costumes e caracteres, elas estabeleceram direitos mutáveis com o progresso das luzes. As leis naturais são reguladas pelas leis divinas, resumidas nesta sentença: "*Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo*".

Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, é que nascem-lhe obrigações especiais, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Os direitos naturais são os mesmos para todos, desde os de condições mais humildes até os de posições mais elevadas. Esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições.

O caráter do homem que pratica a justiça em toda a sua pureza é o do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porquanto pratica também o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.

2 DIREITO DE PROPRIEDADE ROUBO

O primeiro de todos os direitos naturais do homem é o de viver. Por isso é que ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal. O direito de viver dá ao homem o de acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais possa trabalhar, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não como

egoísta, e tem o direito de defender esses bens. Não deve, porém, exagerar o desejo de possuir, nem deve possuir para si somente e para sua satisfação pessoal. A propriedade legítima é aquela que foi adquirida sem prejuízo de outrem. Tudo o que se adquire legitimamente constitui uma propriedade, mas a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais, que a lei de justiça reprovava. Essa a razão porque eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte.

3 CARIDADE E AMOR DO PRÓXIMO

O verdadeiro sentido da palavra **caridade** é benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: "*Amai-vos uns aos outros como irmãos*". É certo que ninguém pode votar aos seus inimigos um amor terno e apaixonado. Não foi isso que Jesus entendeu de dizer. Amar os inimigos é perdoar-lhes e retribuir o mal com o bem. O que assim procede se torna superior aos seus inimigos, ao passo que abaixo deles se coloca se procura tomar vingança.

Uma sociedade que se baseia na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do

fraco, evitando que este peça esmola, pois, nesta condição, o homem se degrada física e moralmente: embrutece. Há homens que se vêem condenados a mendigar por culpa sua, mas, se uma boa educação moral lhes houvera ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos causadores da sua perdição. Disso, sobretudo, é que depende a melhoria do nosso planeta.

4 AMOR MATERNO E FILIAL

O amor materno é, não só uma virtude, como também um sentimento instintivo comum aos homens e aos animais. A natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. No animal, porém, esse amor se limita às necessidades materiais; cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes. Sobrevive mesmo à morte e acompanha o filho até ao além-túmulo. Há, entretanto, mães que odeiam os filhos, mas isso decorre de uma prova que o Espírito filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência. Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. A missão dos pais é sublime e devem esforçar-se para encaminhar seus filhos para o bem. Demais, esses desgostos são, amiúde, a consequência do mau feitio que os pais deixaram que seus filhos tomassem desde o berço. Colhem o que

semearam.

- CAPÍTULO XII -
DA PERFEIÇÃO MORAL

1 As virtudes e os vícios. 2 Paixões. 3 O egoísmo. 4 Caracteres do homem de bem. 5 Conhecimento de si mesmo.

1 AS VIRTUDES E OS VÍCIOS

A virtude mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade. Toda virtude, entretanto, tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores.

O interesse pessoal é o sinal mais característico da imperfeição do homem. Freqüentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se patenteia, todos o admiram como se fora um fenômeno. O desinteresse é uma virtude, mas a prodigalidade irrefletida constitui sempre, pelo menos, falta de juízo. A riqueza, assim como não é dada a uns para ser aferrolhada num cofre forte, também não o é a outros para ser dispersada ao vento. Representa um depósito de que uns e outros terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter estancado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam.

O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse, e aquele que o faz sem idéia preconcebida, pelo só prazer de ser agradável a Deus e ao próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso, que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não impellido pelo ardor natural de seu coração. Procede como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma das boas ações render na vida futura, tanto quanto na vida terrena. Nenhum egoísmo, porém, há em querer o homem melhorar-se, para se aproximar de Deus, pois que é o fim para o qual devem todos tender.

Não é reprovável que cobicemos a riqueza para fazer o bem, pois tal sentimento é, não há dúvida, louvável, quando puro. Mas, será sempre bastante desinteressado esse desejo? Não ocultará nenhum intuito de ordem pessoal? Não será de fazer o bem a si mesmo, em primeiro lugar, que cogita aquele, em quem tal desejo se manifesta?

O homem que se põe a estudar os defeitos alheios incorre em grande culpa, porque será faltar com a caridade, principalmente se o fizer para criticar e divulgar. Antes de censurarmos as imperfeições dos outros, vejamos se de nós poderão dizer o mesmo. Tratemos, pois, de possuir qualidades opostas aos defeitos que criticamos no nosso semelhante. Se o escritor apenas visa produzir escândalo, não faz mais do que proporcionar a si mesmo um gozo pessoal, apresentando quadros que constituem antes mau

do que bom exemplo. Demais, se tem empenho em provar a sua sinceridade, apoiemos o que disser nos exemplos que dê.

2 PAIXÕES

A paixão está no excesso de que se acreceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixamos de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para nós mesmos, ou para outrem.

O homem, pelos seus esforços, pode vencer as más inclinações. O que lhe falta é a vontade, mas, se pedir a Deus e ao seu bom gênio, com sinceridade, os bons Espíritos lhe virão certamente em auxílio, porquanto é essa a missão deles.

3 O EGOÍSMO

Dentre todos os vícios, o mais radical é o egoísmo. Dele deriva todo o mal. Quem quiser, desde esta vida, ir-se aproximando da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser ele incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades. O egoísmo funda-se no sentimento do interesse pessoal, mas, à medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Quando os homens se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão

como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento de **solidariedade**.

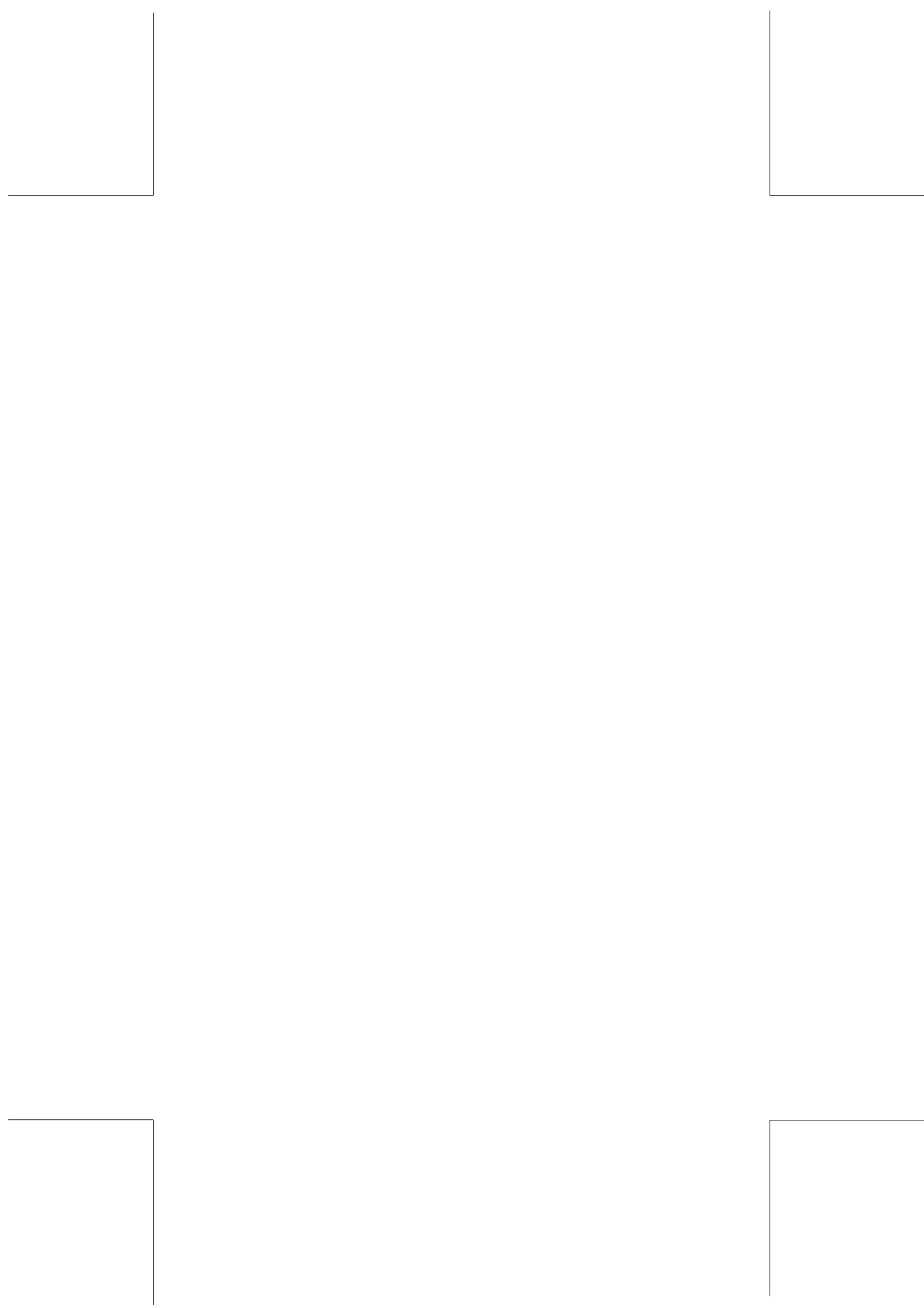
4 CARACTERES DO HOMEM DE BEM

Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça. É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raça, nem de crenças. Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados.

5 CONHECIMENTO DE SI MESMO

O meio mais prático e mais eficaz para o homem se melhorar nesta vida e resistir à atração do mal, é o que indicou um sábio da antigüidade, quando disse: **Conhece-te a ti mesmo**.

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Muitas falhas que cometemos nos passam despercebidas. Se, efetivamente, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unica-



mente por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais precioso do que qualquer máxima, que muitas vezes deixamos de aplicar a nós mesmos. E, pela soma que derem as respostas, poderemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós.

- PARTE QUARTA -
DAS ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

- CAPÍTULO I -
DAS PENAS E GOZOS TERRESTRES

1 Felicidade e infelicidade relativas. 2 Perda de entes queridos. 3 Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas. 4 Uniões antipáticas. 5 Temor da morte. 6 Desgosto da vida. Suicídio.

1 FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS

O homem, na Terra, não pode gozar de completa felicidade, pois a vida aqui lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporta a sua existência grosseira. A felicidade do homem, com relação à vida material, é a posse do necessário. Com

relação à vida moral, a consciência tranqüila e a fé no futuro. O homem criterioso, a fim de ser feliz, olha sempre para baixo e não para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito. Deve resignar-se e sofrer todos os males **sem murmurar**, se quer progredir. Se alguns são favorecidos com os dons da riqueza, isto significa um favor aos olhos dos que apenas vêem o presente, mas a riqueza é, de ordinário, prova mais perigosa do que a miséria. Verdadeiramente infeliz o homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Todavia, pode acontecer que essa privação seja de sua culpa. Então só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe houver dado causa.

Deus indica a nossa vocação neste mundo, mas muitas vezes, os pais, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos da senda que a Natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade, por efeito desse desvio.

Por outro lado, numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome. Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são freqüentemente resultado do meio onde se acha colocado. No mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons, por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.

2 PERDAS DOS ENTES QUERIDOS

Esta causa de dor atinge assim o rico, como o pobre: representa uma prova, ou expiação, e comum é a lei. Tem, porém, o homem uma consolação em poder comunicar-se com os seus amigos pelos meios que estão ao seu alcance, enquanto não dispuser de outros mais direitos e mais acessíveis aos seus sentidos. Não há profanação nas comunicações com o além-túmulo, desde que haja recolhimento e quando a evocação seja praticada respeitosa e convenientemente.

O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhe eram caros na Terra; mas, uma dor incessante e desarrazoada lhe toca o pensamento, porque, nessa dor expressiva, ele vê a falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua reunião com estes.

3 DECEPÇÕES. INGRATIDÃO AFEIÇÕES DESTRUÍDAS

As decepções oriundas da ingratidão e da fragilidade dos laços da amizade são uma das fontes de amargura do homem. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta topará mais tarde com corações insensíveis, como o seu próprio o foi. A ingratidão é uma prova para a nossa perseverança na prática do bem. A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores gozos que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem.

4 UNIÕES ANTIPÁTICAS

Os Espíritos simpáticos são induzidos a

unir-se, mas, entre os encarnados vemos, freqüentemente, que só de um lado há afeição e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e, até, com repulsão. Isto constitui uma punição, se bem que passageira. Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encanto material. Duas espécies há de afeições: a do corpo e a da alma, acontecendo com freqüência tomar-se uma pela outra. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera a do corpo. Daí vem que, muitas vezes, os que julgavam amar-se com eterno amor passam a odiar-se, desde que a ilusão se desfaça. A falta de simpatia constitui fonte de dissabores entre os seres destinados a viver juntos. Essa, porém, é uma das infelicidades de que somos, as mais vezes, a causa principal, e sofremos, então, a conseqüência das nossas ações.

5 TEMOR DA MORTE

O temor da morte não tem fundamento. Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com fé, tem ele a certeza do futuro. A **esperança** fá-lo contar com uma vida melhor; e a **caridade**, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.

O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, teme a morte, porque ele duvida do futuro e porque tem de

deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral, que se colocou acima das necessidades fictícias criadas pelas paixões, nada teme.

6 DESGOSTO DA VIDA

SUI-

CÍDIO

O desgosto da vida é feito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Ao homem não assiste o direito de dispor de sua vida, por isso o suicídio voluntário importa numa transgressão da lei de Deus, salvo se praticado por um louco, que não sabe o que faz. Os que praticam o suicídio, responderão como por um assassinio. Aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome, também é um suicida, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera. Mesmo que o suicídio tenha por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família, o que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta. O que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor, também comete outra loucura, pois, matando-se retarda sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para **concluir a vida** a que pôs termo sob o influxo de uma idéia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos. Quando, porém, se sacrifica a vida para salvar a de outrem, ou para ser

útil aos seus semelhantes, não constitui suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver de bom grado, se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício. Perecer vítima de paixões a que possa resistir, também é suicídio.

Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma conseqüência a que o suicida não pode escapar: é o **desapontamento**. Mas, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.

- CAPÍTULO II -

DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

1 Nada. Vida futura. 2 Intuição das penas e gozos futuros. 3 Intervenção de Deus nas penas e recompensas. 4 Natureza das penas e gozos futuros. 5 Penas temporais. 6 Expição e arrependimento. 7 Duração das penas futuras. 8 Ressurreição da carne. 9 Paraíso, inferno e purgatório.

**1 O NADA
VIDA FUTURA**

O nada não existe. Antes de encarnar, o Espírito já conhecia o sentimento instintivo da vida futura e a alma conservava vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado de espírito. A idéia do nada tem qual-

quer coisa que repugna a razão. O homem que mais despreocupado seja durante a vida, em chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, sem o querer, espera. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade após a morte. Crer em Deus sem admitir a vida futura, fora um contra-senso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus aí o tenha colocado em vão.

2 INTUIÇÃO DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

A crença nas penas e gozos futuros é um pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado. No momento da morte, o sentimento que domina é a dúvida, nos céticos empedernidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem. Os céticos são em número muito maior do que se julga. Muitos se fazem de espíritos fortes, durante a vida, somente por orgulho. No momento da morte, porém, deixam de ser tão fanfarrões.

3 INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS **P E -**

Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor. Deus tem suas leis a regerem todas as nossas ações. Se as violamos, a culpa é nossa. Quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento dizendo-lhe, por exemplo: "Foste guloso, vou punir-te". Ele traçou um limite; as

enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos. Assim é em tudo.

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos.

4 NATUREZA DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

As penas e gozos da alma, depois da morte, não podem ser materiais, pois que a alma não é matéria. Nada têm de carnal essas penas e esses gozos; entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que experimentamos na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais impressionável. Então, já a matéria não lhe embota as sensações.

Das penas e gozos futuros o homem faz tão grosseira idéia, porque a sua inteligência ainda não se desenvolveu bastante. À medida, porém, que ele se instrui, melhor vai compreendendo.

A felicidade dos bons Espíritos consiste em conhecerem todas as coisas; em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que ocasionam a desgraça dos homens. O amor que os une lhes é fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem. Contudo, a felicidade dos Espíritos é proporcional à elevação de cada um. Somente os puros Espíritos gozam, é exato, da felicidade suprema,

mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus em que os gozos são relativos ao estado moral. Os que já estão bastante adiantados, compreendem a ventura dos que os precederam e aspiram a alcançá-la.

Quando se diz que os Espíritos puros se acham reunidos no seio de Deus, deve-se entender como uma alegoria e não se deve tomar ao pé da letra. Não devemos crer que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação por toda a eternidade. Seria uma bem-aventurança estúpida e monótona. Seria mais a do egoísta, porquanto a existência deles seria uma inutilidade sem termo. Estão isentos das tribulações da vida corpórea e isso já é um gozo.

Os sofrimentos dos Espíritos inferiores são tão variados como as causas que os determinam e proporcionados ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao de superioridade. Da parte dos Espíritos bons, é sempre boa a influência que exercem uns sobre os outros. Os perversos, esses procuram desviar da senda do bem e do arrependimento os que lhes parecem suscetíveis de se deixarem levar e que são, muitas vezes, os que eles mesmos arrastaram ao mal durante a vida terrena. Assim, a morte não nos livra da tentação, mas a ação dos maus Espíritos é sempre menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, porque lhes falta o auxílio das paixões materiais.

As comunicações espíritas tiveram como resultado mostrar o estado futuro da alma,

não mais em teoria, porém na realidade. Em tese geral, pode-se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou. Assim é que uns o são pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo insulamento, pelas trevas, pela separação dos entes queridos, etc... O espetáculo dos sofrimentos dos Espíritos inferiores não constitui, para os bons, uma causa de aflição, pois que sabem que o mal terá um fim.

Quando nos achamos no mundo dos Espíritos, estando patente todo o nosso passado, o bem e o mal que houvermos praticado, serão igualmente conhecidos. Em vão, aquele que houver praticado o mal tentará escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas lhe será um castigo e um remorso incessante, até que haja expiado seus erros, ao passo que o homem de bem por toda parte só encontrará olhares amigos e benevolentes.

A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, firmando-lhe as idéias sobre certos pontos do futuro. Apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque faculta-nos inteiremos do que seremos um dia. É um ponto de apoio, uma luz que nos guia.

5 PENAS TEMPORAIS

Quando a alma está encarnada, as tribulações da vida são-lhe um sofrimento; mas, só o corpo sofre materialmente. Falando de alguém que morreu, costumamos dizer que deixou de sofrer. Nem sempre isto exprime a

realidade. Como Espírito, está isento de dores físicas; porém, tais sejam as faltas que tenha cometido, pode estar sujeito a dores morais mais agudas e pode vir a ser ainda mais desgraçado em nova existência. Assim, o mau rico terá que pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza os seus subordinados, se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outras existências, quando não a consequência das da vida atual.

A reencarnação do Espírito em um mundo menos grosseiro é a consequência de sua depuração, porquanto, à medida que se vão depurando, os Espíritos passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos. Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, menos grosseiras são as necessidades e menos agudos os sofrimentos físicos.

O homem que, não fazendo o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria, tem que recomeçar uma existência de natureza idêntica à precedente.

6 EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO

O arrependimento pode se dar, tanto no estado espiritual, como no corporal. No estado espiritual, deseja o arrependido uma nova encarnação para se purificar. No estado corporal, fazer que, já na vida atual, o Espírito progrida, se tiver tempo de repa-

rar suas faltas. Todo Espírito tem que progredir incessantemente. Aquele que, nesta vida, só tem o instinto do mal, terá noutra o do bem e é para isso que renasce muitas vezes. A diferença está somente em que uns gastam mais tempo do que outros, porque assim o querem. Há Espíritos que de coisa alguma útil se ocupam. Estão na expectativa. Mas, neste caso, sofrem proporcionalmente. Devendo em tudo haver progresso, neles o progresso se manifesta pela dor.

A prece em favor dos Espíritos só tem efeito se eles se arrependem. Com relação aos que, impelidos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvarios, a prece nada pode e nada poderá, senão no dia em que um clarão de arrependimento se produza neles. A expiação se faz no estado corporal, mediante provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade em que se encontra. Aquele que, em artigo de morte, reconhece suas faltas, quando já não tem tempo de as reparar, o arrependimento lhe apressa a reabilitação, mas não o absolve.

7 DURAÇÃO DAS PENAS

A duração das penas na vida futura se rege por leis em que a sabedoria de Deus e a sua bondade se revelam. A duração dos sofrimentos do culpado se baseia no tempo necessário a que se melhore. À medida que ele progride e que os sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza. Os sofrimentos do Espírito seriam

eternos se ele pudesse ser eternamente mau, isto é, se jamais se arrependesse e melhorasse. Mas Deus não criou seres tendo por destino permanecerem voltados perpetuamente ao mal. Apenas os criou todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos longo, conforme decorrer da vontade de cada um.

8 RESSURREIÇÃO DA CARNE

O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos e mal compreendido pelos homens que tomaram esse ensino ao pé da letra. A doutrina da pluralidade das existências é consentânea com a justiça de Deus; só ela explica o que, sem ela, é inexplicável. Como, porém, são chegados os tempos de não mais empregarem linguagem figurada, os Espíritos se exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis porque, daqui a algum tempo, muito maior será do que é hoje o número de pessoas sinceramente religiosas e crentes.

9 PARAÍSO, INFERNO E PURGATÓRIO

No Universo não há lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, pois eles são inerentes ao seu grau de perfeição. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam. Inferno e Paraíso são simples alego-

rias; por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos.

A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a **materializar** e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender.

Por "*purgatório*" devem-se entender as dores físicas e morais: o tempo de expiação. Quase sempre, na Terra, é que fazemos o nosso purgatório e que Deus nos obriga a expiar as nossas faltas.

Por "céu" não se deve entender um lugar onde os Espíritos estejam todos despreocupados, somente gozando a eterna felicidade. Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores, onde os Espíritos gozam plenamente de suas faculdades, sem as tribulações da vida material, nem as angústias peculiares à inferioridade. As expressões "*quarto*", "*quinto*" céus, etc., exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se for desgraçado dirá sim, porque, para ele, **inferno** é sinônimo de sofrimento. Sabe, porém, muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria estar no **Tártaro**.

Quando o Cristo disse: "*Meu reino não é deste mundo*", quis dizer que seu reinado se exerce unicamente sobre os corações puros e desinteressados, mas, um dia, o bem reinará na Terra. Por meio do progresso moral e

praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão, aqui, uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas, serão excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para outros mundos menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo em que trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. E, então, a Terra será transformada.

— CONCLUSÃO —

O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade, lei que se funda na certeza do futuro. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem. Só ela pode curar as chagas da sociedade. Comparando as idades e os povos, pode ele avaliar quanto a sua condição melhora, à medida que essa lei vai sendo mais bem compreendida e praticada. Ora, se aplicando-a, parcial e incompletamente, aufere o homem tanto bem, que não conseguirá quando fizer dela a base de todas as suas instituições sociais? Será isso possível? Certo, porquanto, desde que

ele já deu dez passos, possível lhe é dar vinte e assim por diante.

Por meio do Espiritismo, a Humanidade tem que entrar numa nova fase, a do progresso moral que lhe é consequência inevitável.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos:

1. Os que crêem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses o Espiritismo é uma ciência experimental;
2. Os que lhe percebem as consequências morais;
3. Os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova, de idéias que surgem e da qual não pode

deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem, igualmente, que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem.

Quanto aos adversários, também podemos classificá-los em três categorias:

1. A dos que negam sistematicamente tudo o que é novo, ou deles não venha, e que falam sem conhecimento de causa.

A esta classe pertencem todos os que não admitem senão o que possa ter o testemunho dos sentidos. Nada viram, nada querem ver e ainda menos aprofundar. Ficariam mesmo aborrecidos se vissem as coisas muito claramente, porque forçoso lhes seria convir em que não têm razão. Para eles, o Espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia. Não existe! E está tudo resolvido. São os incrédulos de caso pensado. Ao lado destes, podem colocar-se os que não se dignam dar aos fatos a mínima atenção, sequer por desengano de consciência, a fim de poderem dizer: quis ver e nada vi. Não compreendem que seja preciso mais de meia hora para alguém se inteirar de uma ciência.

2. A dos que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, os combatem, todavia, por motivo de inte-

resse pessoal.

Para estes, o Espiritismo existe, mas lhe receiam as conseqüências. Atacam-no como a inimigo.

3. A dos que acham na moral espírita uma censura por demais severa aos seus atos ou às suas tendências.

Tomado a sério, o Espiritismo os embaraçaria. Não o rejeitam, nem o aprovam. Preferem fechar os olhos.

Os primeiros, são movidos pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo.

Concebe-se que, nenhuma solidez tendo, essas causas de oposição venham desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, a dos que, em patentes provas contrárias, se apoiassem, demonstrando estudo laborioso e porfido da questão. Todos apenas opõem a negação e nenhum aduz demonstração séria e irrefutável.

Fora presumir demais da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das idéias espíritas. A ação que estas exercem não é certamente idêntica, nem do mesmo grau, em todos os que a professam. Mas o resultado dessa ação, qualquer que seja, ainda que extremamente fraco, representa sempre uma melhora. Será, quando menos, o de dar a prova da existência de um mundo extra-corpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto deriva da só observação dos fatos, porém para os que compreendem o Espi-

ritismo filosófico e nele vêm outra coisa que não somente os fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos.

O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue.

O segundo efeito, quase tão geral como o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto que, perdendo a vida terrena três quartas partes de sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos. Daí, também, o banimento da idéia de abreviar os dias da existência, por isso que a ciência espírita ensina que pelo suicídio sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que temos a faculdade de tornar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os entes que nos são caros, oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo a que assiste incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe são facultadas sondar.

O terceiro efeito é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. Todavia, cumpre dizê-lo, o princípio egoísta e tudo o que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, mais difícil de desarraigá-lo. Toda gente faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo, e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando de sua pessoa se trata. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso.

O Espiritismo não traz ao mundo moral diferente da de Jesus. As comunicações com os seres de além-túmulo deram em resultado fazer-nos compreender a vida futura, fazer-nos vê-la, iniciar-nos no conhecimento das penas e gozos que nos estão reservados, de acordo com os nossos méritos e, desse modo, encaminhar para o **espiritualismo** os que no homem somente viam a matéria, a máquina organizada.

Por bem largo tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade, onde o erro. Durante muito tempo, porém, ainda haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Quereis saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si fizeram partilha do

mundo? Julgai-os pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os prediletos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até Ele.

arte final

apítulo

ALGUNS MÉDIUNS FAMOSOS DO PASSADO

1 - EMMANUEL SWEDENBORG

Não é possível, num pequeno trabalho como este, apresentarmos todos os médiuns famosos que apareceram na face da Terra, em diferentes épocas. Daí porque nos propusemos falar apenas sobre alguns dos que mais se evidenciaram pelas faculdades que possuíam. E, dentre estes, colocamos, em primeiro lugar, o grande vidente sueco, Emmanuel Swedenborg que, pelas suas preciosas faculdades mediúnicas, pode ser considerado, no dizer de Conan Doyle, o pai dos fenômenos

supranormais.

Diz-nos o imortal escritor inglês, no seu livro *"História do Espiritismo"* que, para se *"compreender completamente um Swedenborg é preciso possuir-se um cérebro de Swedenborg; e isto não se encontra em cada século"*.

Era ele engenheiro de minas e grande autoridade em Física e Astronomia, tendo publicado, também, vários trabalhos sobre as marés e sobre a determinação das latitudes. Foi ainda financista e político, além de estudioso apaixonado da Bíblia.

Aos vinte e cinco anos de idade ocorreu seu desenvolvimento psíquico, mas desde menino já tinha visões.

Conta-se que, por ocasião de um jantar, onde se encontravam cerca de dezesseis pessoas, Swedenborg, pela sua vidência à distância, observou e descreveu um incêndio em Estocolmo, a trezentas milhas de Gothenburg, onde se realizava o jantar.

Somente em 1744 é que desabrocharam suas forças latentes, quando se achava em Londres.

"Na mesma noite, diz ele, o mundo dos Espíritos do céu e do inferno abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então, diariamente, o Senhor abriu os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente de perto, o que se passava no outro mundo e para conver-

sar, em plena consciência, com anjos e Espíritos."

Conan Doyle, na sua obra já citada, expõe os principais fatos por ele descritos que, "data vênua", vamos transcrever, pois julgamos de grande valia para nossos leitores, uma vez que os mesmos muito se assemelham às narrativas de André Luiz, recebidas pelo canal mediúnico de Chico Xavier.

Vejamos:

"Verificou que o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual. Somos julgados automaticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito da morte têm pouco proveito. Nessas esferas, verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade. Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes.

"A morte era suave, dada a presença de seres celestiais que ajudavam os recém-chegados na sua nova existência. Esses recém-vindos passavam ime-

diatamente por um período de absoluto repouso. Reconquistavam a consciência em poucos dias, segundo a nossa contagem.

"Havia anjos e demônios, mas não eram de ordem diversa da nossa: eram seres humanos, que tinham vivido na Terra e que, ou eram almas retardatárias, como demônios, ou altamente desenvolvidas, como anjos.

"De modo algum mudamos com a morte. O homem nada perde pela morte: sob todos os pontos de vista é ainda um homem, conquanto mais perfeito do que quando na matéria. Levou consigo não só suas forças mas seus hábitos mentais adquiridos, suas preocupações, seus preconceitos.

"Todas as crianças eram recebidas, igualmente, fossem ou não batizadas. Cresciam no outro mundo; jovens lhe serviam de mães, até que chegassem as mães verdadeiras.

"Não havia penas eternas. Os que se achavam nos infernos podiam trabalhar para sua saída, desde que sentissem vontade. Os que se achavam no céu não tinham lugar permanente: trabalhavam por uma posição mais elevada.

"Havia o casamento sob a forma de união espiritual no mundo próximo, onde um homem e uma mulher constituíam uma unidade completa (é de notar-se que Swedenborg jamais se casou).

"Não havia detalhes insignificantes para sua observação no mundo espiritual. Fala de arquitetura, de artesanato, das flores, dos frutos, dos bordados, da arte, da música, da leitura, da ciência, das escolas, dos museus, das academias, das bibliotecas e dos esportes. Tudo isso pode chocar as inteligências convencionais, conquanto se possa perguntar por que toleramos coroas e tronos e negamos outras coisas menos materiais.

"Os que saíram deste mundo, velhos, decrepitos, doentes, ou deformados, recuperavam a mocidade e, gradativamente, o completo vigor. Os casais continuavam juntos, se os seus sentimentos recíprocos os atraíam. Caso contrário, era desfeita a união. **Dois amantes verdadeiros não são separados pela morte, de vez que o Espírito do morto habita com o sobrevivente, até a morte deste último, quando se encontram e se unem, amando-se mais ternamente do que antes.**"

Com estas citações, acreditamos haver dado ligeira noção sobre os ensinamentos de Swedenborg, porém, quem desejar beber maiores ensinamentos encontrará em suas obras "Céu e Inferno", "A nova Jerusalém" e "Arcana Coelestia".

2 - ANDREW JACKSON DAVIS

Andrew Jackson Davis deve figurar entre

nós como um dos maiores médiuns da sua época, não só pelos fenômenos que produzia, como também pela sua obra no campo da literatura.

Nasceu no dia 11 de agosto de 1826, nas margens do rio Hudson, nos Estados Unidos da América do Norte, e desencarnou em 1910, com a idade de 84 anos.

Jackson Davis descendia de família humilde. Sua faculdade mediúnica desabrochou quando tinha apenas 17 anos. Primeiro, desenvolveu a audiência. Ouvia vozes que lhe davam bons conselhos. Depois, surgiu a clarividência, tendo notável visão, quando sua mãe morreu. Viu ele uma belíssima região muito brilhante, que supôs fosse o lugar para onde teria ido sua mãe. Mais tarde, manifestou-se outra faculdade muito interessante e muito rara: a de ver e descrever o corpo humano, que se tornava transparente aos seus olhos espirituais. Dizia ele que cada órgão do corpo parecia claro e transparente, mas se tornava escuro quando apresentava enfermidade.

Não é de se admirar que Davis descrevesse a constituição anatômica do ser humano, pois já Hipócrates, o pai da Medicina, dizia: **"A alma vê de olhos fechados as afecções sofridas pelo corpo"**.

Na tarde de 6 de março de 1844, deu-se, com Davis, um dos mais extraordinários fenômenos, o do transporte. Foi ele tomado por uma força estranha que o fez voar da cidade de Poughkeepsie a Catskill, cerca de quarenta milhas de distância.

Naquela época, não se sabia explicar esse fenômeno, porquanto os fatos dessa natureza ainda eram desconhecidos.

Para nós, espíritas, o papel representado por Jackson Davis é de grande importância, pois começou a preparar o terreno para os grandes acontecimentos da Terceira Revelação.

Em suas visões espirituais viu quase tudo o que Swedenborg descreveu sobre o plano espiritual (abramos aqui um parêntese para dizer que, por ocasião do seu transporte às montanhas de Catskill, identificou Galeno e Swedenborg como seus mentores espirituais).

Em seu caderno de notas, encontrou-se a seguinte passagem datada de 31 de março de 1848:

"Esta madrugada, um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte, a dizer: irmão, um bom trabalho foi começado - olha! surgiu uma demonstração viva. Fiquei pensando o que queria dizer aquela mensagem."

Ao que parece, este aviso fazia menção aos fenômenos de Hydesville, pois foi exatamente nessa data, numa sexta-feira, que se estabeleceu o início da telegrafia espiritual, através da menina Kate Fox.

3 - DANIEL DUNGLAS HOME

Descendente de família nobre, da Escócia, nascia, no dia 15 de março de 1833, em

Currie, perto de Edimburgo, o maior médium de efeitos físicos do século passado - Daniel Dunglas Home.

Aos nove anos de idade, Home partiu para os Estados Unidos em companhia de uma tia que o adotara. Quando tinha treze anos, manifestou-se nele extraordinária faculdade psíquica, tendo previsto a desencarnação de um amigo da família.

Conta-se que Home fizera um pacto com um colega de nome Edwin, para que o primeiro desencarnado viesse mostrar-se ao outro. Um mês após haver-se mudado para outro distrito, quando foi para cama, teve a visão de Edwin, que desencarnara e viera cumprir o pacto, cuja confirmação recebeu dois ou três dias depois.

Em 1850, teve uma segunda visão; esta, sobre a morte de sua mãe, que vivia na América do Norte. Em seguida, começaram a produzir-se os mais variados fenômenos, tais como fortes batidas nos móveis, transporte de objetos e outros "*raps*" que inquietaram o lar de sua tia, com quem morava, ao ponto de esta afirmar que o rapaz havia trazido o Diabo para sua casa.

Esses fenômenos tiveram grande repercussão em toda a América, tendo sido organizada, em 1852, uma Comissão da Universidade de Harvard para visitar o médium, comissão essa que lavrou ata afirmando a exatidão dos fatos verificados durante as experiências com ele realizadas.

Tamanha era sua força que, em todas as casas onde se hospedava, realizava sessões

diárias, o que lhe produzia grande esgotamento.

Em 1855, Home transportou-se para a Europa, ocasião em que foram realizadas, com ele, várias experiências perante o Imperador Napoleão III. Durante essas experiências, obteve-se uma prova concreta da assinatura de Napoleão Bonaparte, com a presença da Imperatriz Eugênia, cujo fato aumentou grandemente sua fama.

Home jamais mercadejou seus preciosos dons mediúnicos. Teve inúmeras oportunidades, mas sempre recusou. Dizia ele: *"Fui mandado em missão. Essa missão é demonstrar a imortalidade. Nunca recebi dinheiro por isso e jamais o receberei"*.

Home, como se vê, possuía várias faculdades, dentre elas, a de levitação, fenômeno esse inúmeras vezes constatado por cientista da época.

Como todo médium, Home foi caluniado e ferido em sua dignidade, mas nunca lhe faltou, nas horas mais difíceis, o amparo de seus mentores espirituais.

Allan Kardec, através das colunas de *"Revue Spirite"*, o defende, dizendo:

"Dotado de excessiva modéstia, jamais fez praça de sua maravilhosa faculdade, jamais fala de si mesmo e se, numa expansão de intimidade, conta casos pessoais, fá-lo com simplicidade e jamais com ênfase própria das criaturas com as quais a malevolência procura compará-lo."

Sobre sua missão, disse Kardec:

"Foi uma missão que aceitou; missão não isenta de tribulação nem de perigos, mas que realiza com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo da guarda."

4 - EUSÁPIA PALADINO

Eusápia Paladino foi a primeira médium de efeitos físicos a ser submetida a experiências pelos cientistas da época, tais como César Lombroso, Alexandre Aksakof, Charles Richet e muitos outros.

Nasceu em Nápoles, Itália, em 31 de janeiro de 1854, e desencarnou em 1918, com a idade de sessenta e quatro anos.

Sua mãe morreria quando ela nasceu e o pai quando ela alcançou a idade de doze anos.

As primeiras manifestações de sua mediunidade consistiram no movimento e levitação de objetos, quando ainda muito jovem, pois contava apenas quatorze anos. Esses fenômenos eram espontâneos e se verificavam na casa de um amigo com quem ela morava. Somente aos vinte e três anos é que, graças a um espírita convicto, Signor Damiani, ela conheceu o Espiritismo.

Por volta do ano 1888 é que Eusápia tornou-se conhecida no mundo científico em virtude de uma carta do Prof. Ércole Chiaia enviada ao criminalista César Lombroso, relatando detalhadamente as experiências já

realizadas por ele com a médium, carta essa publicada no jornal "Il Fanfulla dela Domênica".

Entre outras coisas, dizia o missivista:

"A doente é uma mulherzinha de modestíssima condição social, com cerca de trinta anos, robusta, iletrada e cujo passado, porque vulgaríssimo, não merece esquadrinhado; que nada apresenta de notável, a não ser as pupilas de fascinante brilho e essa potencialidade, que os criminalistas diriam irresistível."

Em outro trecho da carta, dizia:

"Quando quiserdes, essa mulherzinha será capaz de, encerrada numa sala, divertir durante horas, por meio de surpreendentes fenômenos, todo um grupo de curiosos mais ou menos céticos, ou mais ou menos acomodaticios".

Através dessa carta, convidava, também, o célebre alienista, a investigar, diretamente, os fenômenos por ele constatados na médium.

Três anos mais tarde, em 1891, Lombroso aceitou o convite, realizando, com Eusápia, uma série de sessões. Esses trabalhos foram seguidos pela Comissão de Milão, integrada pelos professores Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão; Gerosa, Catedrático de física; Ermacora, Doutor em Filosofia, de Munique, e o prof. Charles Richet, da Universidade de Paris. Além dessas sessões, muitas outras foram realizadas, com a pre-

sença de homens de ciência, não só da Europa, como também da América.

Lombroso, diante da evidência dos fatos, converteu-se ao Espiritismo, tendo declarado:

"Estou cheio de confusão e lamento haver combatido, com tanta persistência, a possibilidade dos fatos chamados espíritas."

A conversão de Lombroso deveu-se também ao fato de o Espírito de sua mãe haver-se materializado em uma das sessões realizadas com Eusápia.

Antes de encerrarmos esta ligeira exposição sobre a preciosa mediunidade de Eusápia Paladino, convém citarmos um trecho do relatório apresentado pela Comissão de Milão que diz:

"É impossível dizer o número de vezes que uma mão apareceu e foi tocada por um de nós. Basta dizer que a dúvida já não era possível. Realmente, era uma mão viva que víamos e tocávamos, enquanto, ao mesmo tempo, o busto e os braços da médium estavam visíveis e suas mãos eram seguras pelos que achavam a seu lado."

Como se vê, a Comissão que ofereceu este relatório era constituída por homens de ciência, o que não deixa dúvida quanto à veracidade dos fenômenos por eles constatados.

O prof. Charles Richet, em 1894, também realizou várias sessões experimentais em

sua própria casa, obtendo levitações parciais e completas da mesa, além de outros fenômenos de efeitos físicos.

Sir Oliver Lodge, prof. de Filosofia Natural do Colégio de Bedford, Catedrático de Física da Universidade de Liverpool, Reitor da Universidade de Birmingham, e que foi, também, por longos anos, presidente da Associação Britânica de Cientistas, após as experiências realizadas com Eusápia, apresentou um relatório à Sociedade de Pesquisas da Inglaterra, dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

"qualquer pessoa, sem invencível preconceito, que tenha tido a mesma experiência, terá chegado à mesma larga conclusão, isto é, que atualmente acontecem coisas consideradas impossíveis... O resultado de minha experiência é convencer-me de que certos fenômenos geralmente considerados anormais, pertencem à ordem natural e, como um corolário disto, que esses fenômenos devem ser investigados e verificados por pessoas e sociedades interessadas no conhecimento da natureza".

Eis aí, em linhas gerais, o que foi a excepcional mediunidade de Eusápia Paladino, figura de destaque na história do Espiritismo, que veio à Terra para cumprir a sublime missão de demonstrar a sobrevivência do Espírito, após a desencarnação.

5 - MADAME D'ESPERANCE

Elizabeth d'Esperance nasceu em 1849, um ano depois dos fenômenos de Hydesville.

Quando ainda mocinha, apareceu em público, através da apresentação de T. P. Barkas, em New Castle. Barkas organizou uma extensa lista de perguntas referentes aos mais variados setores da ciência, que foram respondidas, rapidamente, pela médium, em inglês, alemão e até mesmo em latim.

Madame d'Esperance, que possuía educação de classe média, quando caía em transe mediúnico, externava admiráveis conhecimentos científicos, muitas vezes abordando assuntos completamente desconhecidos daqueles que a interrogavam. Nesse estado, desenhava na mais completa escuridão. Mr. Barkas, referindo-se às sessões realizadas com ela, disse:

"Deve ser geralmente admitido que ninguém pode, por um esforço normal, responder com detalhes, a perguntas críticas ou obscuras em muitos setores difíceis da ciência com que se não é familiarizado. Além disso deve admitir-se que ninguém pode ver normalmente e desenhar com minuciosa precisão em completa obscuridade; que ninguém pode, por meios normais de visão, ler o conteúdo de uma carta fechada, no escuro; que ninguém, que ignore a língua alemã, possa escrever com rapidez e exatidão longas comunicações em alemão. Entretanto, todos esses fenômenos

foram verificados com essa médium e são tão acreditados quanto as ocorrências normais da vida diária."

Madame d'Esperance publicou um livro intitulado "*Shadow Land*" que, traduzido, quer dizer - Região das sombras - através do qual relata seus dons mediúnicos. Diz ela que, na sua infância, brincava com Espíritos de crianças, como se estes fossem crianças reais. Mais tarde, lhe foi acrescentada a faculdade de materialização, pois ela fornecia, em abundância, o fluido chamado "*ectoplasma*", que serve para a produção desse fenômeno.

Seu guia espiritual era uma bela moça árabe, que dava o nome de Yolanda. Esse Espírito se materializava, constantemente, dada a perfeita afinidade que tinha com a médium. Ela podia ver a forma materializada, conforme descreve em seu livro:

"Sua roupagem leve permitia que se visse muito bem a bela cor azeitonada de seu pescoço, dos ombros, dos braços e dos tornozelos. Os longos cabelos negros e ondulados desciam pelos ombros até abaixo do peito e eram atados por uma espécie de turbante pequenino. Suas feições eram miúdas, corretas e graciosas; os olhos eram negros, grandes e vivos; todos os seus movimentos eram cheios daquelas graças infantis ou como os de uma jovem gazela, quando a vi,

tímida e decidida, por entre as cortinas."

Alexandre Aksakoff, no seu livro "*Um Caso de Desmaterialização Parcial*", descreve que, em uma sessão realizada com essa médium, viu seu corpo desmaterializar-se, parcialmente.

Muitos outros casos de materialização de objetos foram constatados, entre eles o caso das vinte e sete rosas descrito por Mr. William Oxley, editor da obra "*Angelis Revelation*", e mais uma planta rara, em flor. Disse ele sobre o fato:

"Eu tinha fotografado a planta Ixora Crocata na manhã seguinte, depois do que trouxe para casa e a coloquei na minha estufa, aos cuidados do jardineiro. Ela viveu três meses, depois murchou. Tomei as folhas, muitas das quais abandonei, exceto a flor e três brotos que o jardineiro cortou, quando cuidava da planta".

Foram também obtidos, graças a preciosa faculdade dessa médium, moldagens em parafina, de mãos e pés, com punhos e tornozelos que, dada a estreiteza dessas partes, não podiam permitir a saída dos membros, a não ser por sua desmaterialização.

Como a maioria dos médiuns de prova, Madame d'Esperance também sofreu muito durante o cumprimento da sua espinhosa missão.

Em um dos trabalhos de materialização realizado na Escandinávia, o Espírito de Yolanda foi agarrado por um pesquisador menos

avisado, com o intuito de desmascaramento, tendo a médium sofrido grande choque traumático que lhe produziu sério desequilíbrio orgânico, prostrando-a de cama.

E, para encerrar, citemos mais um trecho do último capítulo do seu livro, que diz:

"Os que vierem depois de mim talvez venham a sofrer quanto eu tenho sofrido pela ignorância das leis de Deus. Quando o mundo for mais sábio do que no passado, é possível que os que tomarem as tarefas na nova geração não tenham que lutar, como lutei, contra o fanatismo estreito e os julgamentos duros dos adversários."

6 - WILLIAM STAINTON MOSES

W. Stainton Moses nasceu a 5 de novembro de 1839, em Lincolnshire, na Inglaterra. Fez seus estudos em Bedford Grammar School e no Exeter College de Oxford. Seu pai, William Moses, era Reitor da Escola de Gramática.

Durante a vida de estudante, o jovem Moses sempre se destacou pela sua inteligência e aplicação, recebendo de seus professores as melhores referências. Exerceu o ministério religioso como Cura na Ilha de Man. Mais tarde, por motivo de saúde, foi aconselhado viajar, tendo, na sua volta, passado seis meses no Mosteiro de Monte Athos. Aí, no isolamento e na meditação, manifestaram-se os primeiros sinais de sua

mediunidade.

Aos vinte e três anos de idade, Moses volta para Oxford, onde recebe seu diploma, em 1863, continuando, ainda, como Cura, de Man.

A esse tempo, uma forte epidemia de varíola espalhou-se por toda a Ilha, onde não existiam médicos. Ali, *"dia e noite estava ele à cabeceira de doentes pobres, por vezes, depois de haver assistido a um moribundo, se via obrigado a unir as tarefas de sacerdote às de coveiro, e ele próprio a transportar cadáveres"*.

Retirando-se, depois, daquela Ilha, ficou residência em Londres, onde ingressou no Magistério, tornando-se professor na University College School.

Em 1870, mais ou menos, quando residia na casa do Dr. Speer, sua atenção voltou-se para o Espiritismo, graças a um livro que a Sra. Speer lhe aconselhou lesse, livro esse intitulado *"Debatable Land"* (Terra Contestada), de autoria de Robert Dale Owen.

Moses e o Dr. Speer travavam constantes discussões em torno da Doutrina Espírita, notadamente sobre pontos de controvérsias religiosas, pois ambos desejavam provas sobre a imortalidade da alma e, para o Dr. Speer, materialista intransigente, o problema parecia de difícil solução. Mas, por outro lado, para Moses, espírito bastante religioso, isso não era impossível e, pensando assim, começou estudar o Espiritismo e assistir a sessões mediúnicas.

Nas reuniões realizadas na casa do Dr. Speer, Moses começou a receber, pela psicografia, mensagens de três Espíritos que davam os nomes **Imperador, Doctor e Rector**. Ele, entretanto, não aceitava o conteúdo dessas mensagens, uma vez que as suas idéias eram outras e os ensinamentos contidos estavam em contradição com os da Bíblia. Mesmo assim, sua mediunidade desenvolveu-se, rapidamente, tendo-se manifestado nele quase todos os fenômenos de efeitos físicos, então conhecidos. Na sua presença, objetos se movimentavam; livros e cartas eram transportados de uma sala para outra, em plena luz do dia.

Somente em 1872, quando realizava sessões com William e Miss Lottie Fowler é que se operou sua completa conversão ao Espiritismo.

Seus escritos, com o pseudônimo M. A. Oxon, constituem dois importantes trabalhos publicados sob os títulos: "*Ensinos Espíritas*" e "*Aspectos Superiores do Espiritismo*".

Stainton Moses foi, por muito tempo, redator da grande revista Light, da qual foi também diretor.

Devemos acrescentar, ainda, que esse grande baluarte da Doutrina Espírita foi um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, inaugurada em 1882. Em 1884, foi eleito presidente da Aliança Espírita de Londres, permanecendo nesse cargo até quando se deu sua desencarnação.

7 - WILLIAM EGLINTON

ABC do Espiritismo
A história do Espiritismo está repleta de grandes médiuns, cada um cumprindo a missão que trouxe do alto, de acordo com o convênio firmado no plano espiritual.

William Eglinton foi um deles. Veio à Terra como os demais missionários do Cristo, para servir de intérprete aos Espíritos, dando prova de que a vida não se extingue no túmulo: continua no seio da espi-